

MAIO A AGOSTO DE 2010

ANO 11 - Nº 38

PUCViva

WWW.APROPUCSP.ORG.BR

ISSN 1806-3667

Publicação acadêmica e informativa quadrimestral dos professores da PUC-SP



Crítica ao esporte

editorial

Crítica ao esporte O prazer, o símbolo e o negócio

Quem se envolveu com a prática esportiva saudável sabe do prazer que ela pode proporcionar. E sabe também que todas as palavras deste editorial não são suficientes para descrever adequadamente o sentimento e a sensação que o esporte provoca. Falar de uma paixão é uma coisa. Estar apaixonado é outra bem diferente. Mas talvez, sem a pretensão de captar o desejo esportivo, possa-se dizer que o esporte é uma espécie de transcendência humana. Não no sentido de que ele seja algo além-mundo; ou esteja vinculado a algum ser divino. O esporte é transcendente porque leva o humano para o centro do próprio humano. Uma invenção que mobiliza em alto grau motricidade, símbolo e emoção. De uma só vez as capacidades do ser humano – o agir, o pensar e o emocionar – são postas à prova.

Mas o esporte é, sobretudo, uma invenção social. Ele é determinado pela sua prática social. Nessa medida, incorpora os valores ideológicos e os interesses econômicos presentes na sociedade na qual é praticado. Foram os valores e interesses da sociedade moderna que determinaram os padrões de comportamento (padronização dos costumes) e o processo de desportivização dos jogos e dos passatempos. Foram os valores e os interesses do sistema capitalista que fizeram do esporte um espetáculo e o transformaram em mercadoria. Assim, o esporte se alçou em um dos principais componentes da indústria do entretenimento.

No mundo, estima-se que o esporte movimente mais de US\$ 1 trilhão por ano. No Brasil, a média já ultrapassou R\$ 31 bilhões; e só tende a aumentar com a perspectiva da realização no país da Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e das Olimpíadas, em 2016. Os investimentos e lucros nessa área parecem não ter limites. Artigos esportivos – roupa e equipamento; acesso à prática – academias, clubes e quadras; arrecadações de eventos – jogos, apresentações em estádios e ginásios; comuni-



<http://www.sxc.hu/>

cação, propaganda e direito de imagem – transmissão de televisão, rádio e internet; são alguns dos produtos e algumas das manifestações dessa indústria.

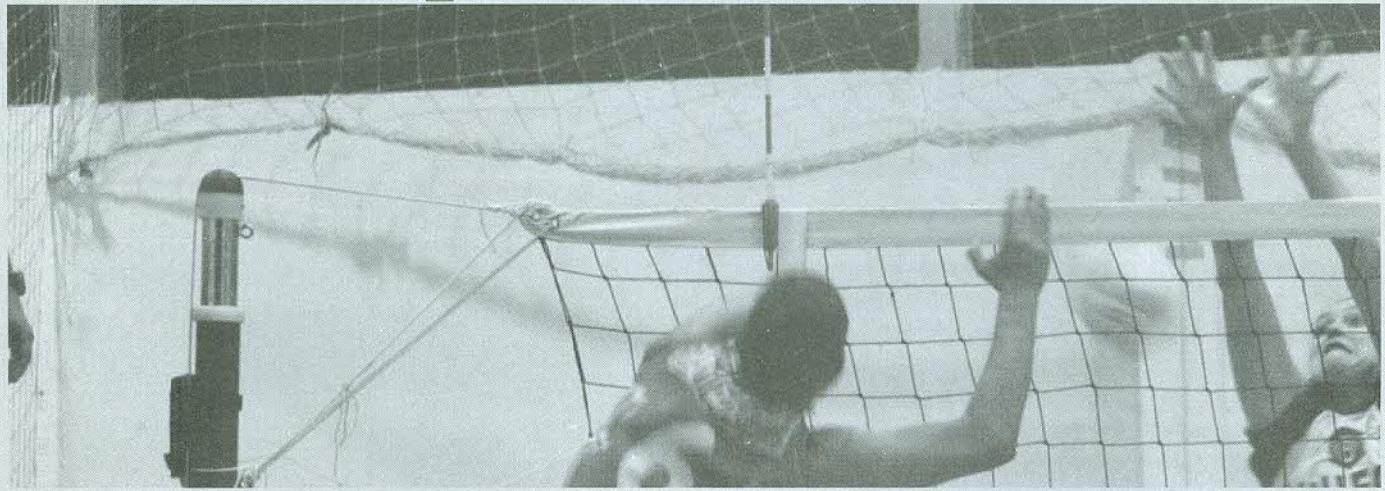
Nesse processo, o espectador virou consumidor e o atleta transformou-se em uma coisa. A coisificação do atleta evidencia-se pelas inúmeras ações antissaúde inerentes ao esporte de alto rendimento. Ações que castigam o corpo, prejudicam o funcionamento do organismo e estressam mentalmente os praticantes. O alto rendimento e a competição exacerbada são modelos para a indústria esportiva. Eles influenciam a prática escolar e a amadora, e servem de reforço ideológico para um sistema baseado no lucro e em índices de produtividade.

Além disso, o esporte é uma atividade de disseminação de valores ideais e morais. O corpo do atleta, magro e musculoso, é recorrentemente exemplo do padrão ideal socialmente estabelecido. O modelo de corpo ideal acentua a alienação do ser humano, alimenta o mercado de roupas e produtos de beleza, e o da cirurgia plástica. Há uma ética opressora de ser esteticamente e de se comportar, na qual o esporte tem o seu quinhão de contribuição.

Tudo isso evidencia a complexidade do esporte praticado no nosso século e a necessidade de refletir sobre esse fenômeno. A reflexão crítica sobre a prática esportiva é pressuposto para recolocar essa atividade na perspectiva da emancipação humana.

OS EDITORES

apresentação



Este número da revista *PUCVIVA* apresenta O Esporte, fenômeno humano universal, como atividade de natureza histórico-social sob uma perspectiva crítica.

Com a modernidade, e cada vez mais contemporaneamente, a atividade esportiva se transforma em mercadoria, num processo assimilado pela sociedade industrial que realiza sua internacionalização açambarcando toda finalidade humana formativa do esporte.

Na sociedade capitalista a divisão social do trabalho condiciona toda atividade social em classes e com isso a separação do trabalho humano em trabalho manual e trabalho intelectual. Assim, as duas dimensões do homem se apresentam cindidas. A divisão do trabalho cria a unilateralidade e com ela a desumanização.

Nesse processo o corpo humano vai se “coisificando”. Transformado em mercadoria através do trabalho assalariado, torna-se objeto de troca e deve adaptar seus movimentos à engrenagem da produção. Hoje, cada vez mais, produção em massa. Os diversos campos da atividade humana fragmentados se apresentam como áreas autônomas, criando esferas com uma moral própria, com normas de conduta próprias.

O esporte não foge a essa regra. Os artigos escritos para este número da revista *PUCVIVA* procuram analisar como as diferentes faces desse processo vão se apresentando no Esporte.

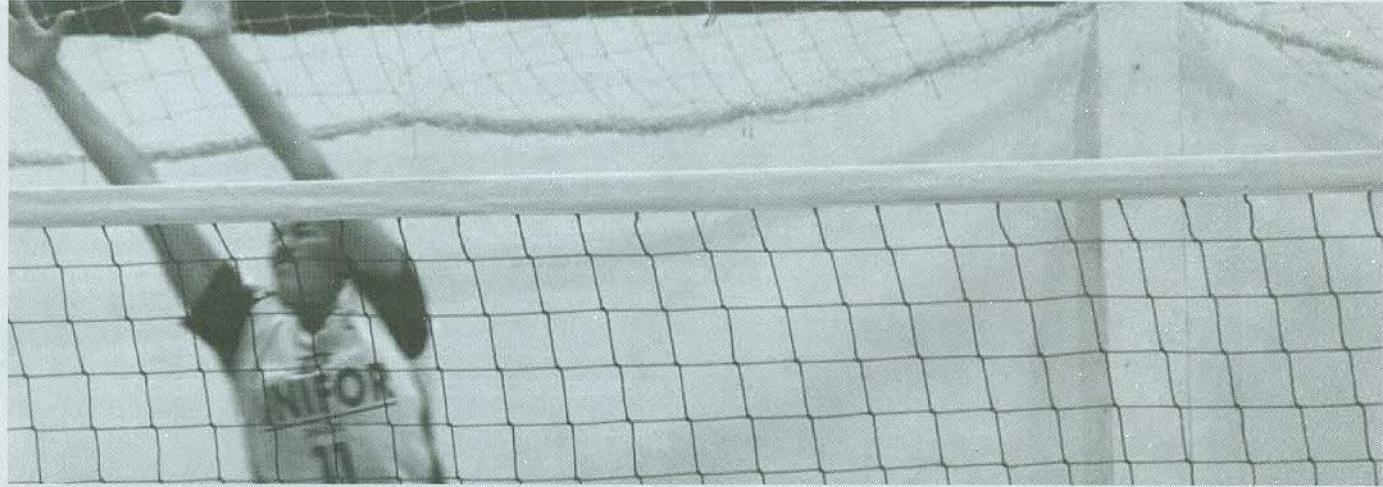
Em seu artigo “O significado do esporte”, Ricardo Melani afirma “Os esportes estão entrelaçados com diversos fatores de uma sociedade; e são expressões dessa sociedade em uma determinada época”. Demonstra como a

desportização dos jogos e passatempos é uma característica da modernidade, que se constitui em formas de organização e controles sociais com novas normas de conduta. Assim como a “desportização dos jogos populares feita pela escola e ocorrida desde o início do século XIX faz parte de um conjunto de ações voltado a disciplinar, controlar e reproduzir novos comportamentos”.

O autor também aborda a transformação do esporte em espetáculo, voltado para a indústria do entretenimento e gerido pela sociedade de consumo. Sob esse mesmo sinal se processa a coisificação do atleta, e sua influência na prática amadora e na escolar.

Nesse sentido, no artigo “Esporte e Mídia no Brasil: uma relação mutuamente dependente”, Nei Jorge dos Santos Junior afirma que a partir da década de 1960, com o advento dos meios de comunicação de massa, “o esporte ressignifica novos valores através de processos mundializados por características espetacularizadas, oportuniza uma adaptação ao público global, atraindo investimentos bilionários”.

O esporte atravessado por toda atividade econômica, organizado pelo grande capital, transforma aquilo que constitui um bem cultural social em formas de acumulação privada da riqueza. Danilo Heitor Vilarinho Cajazeira, em seu artigo “A Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 enquanto projetos políticos para o espaço”, aborda o “papel dos megaeventos esportivos, especificamente a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016, a serem realizadas no Brasil, no processo de reprodução do espaço urbano”. Explicita que “Invadido o espaço urbano pela mercadoria e trans-



formada a cidade em metrópole, o futebol então se tornou basilarmente fim em si mesmo, seja no jogar ou no torcer".

Já Plínio Labriola Negreiros, em "Esporte moderno, futebol e os passos brasileiros", salienta que o esporte brasileiro, em especial o futebol, organizado pelas elites procurou estabelecer um campo próprio exclusivo, marcando as desigualdades com uma prática elitista. Ao mesmo tempo, esse processo não se realizou sem contradições... "o extremo elitismo inicial não prevaleceu, mas o futebol jamais esteve nas mãos das classes populares. De qualquer maneira, o futebol foi se tornando, cada vez mais, um objeto de paixão popular". Aponta que o esporte moderno no Brasil, incluindo os esportes profissionais, "tem a marca das contradições brasileiras".

Essas contradições são analisadas por Irlan Simões ao tratar, em seu artigo, da necessidade de retomada pelos torcedores brasileiros de uma alternativa organizativa própria que os representasse e que lutasse pelos seus direitos: a Associação Nacional dos Torcedores.

Neste número da revista, também trazemos artigos que procuram refletir sobre a relação entre esporte e educação. Carol Kolyniak Filho, em seu artigo "O esporte como instrumento de educação: a promoção do humano", ao abordar o esporte como uma prática social histórica da construção humana, coloca-o como sendo "produto do conjunto de relações sociais engendradas nos e pelos diversos grupos humanos que já existiram e existem concretamente". Nesse sentido, ao afirmar que a educação é uma tarefa de toda a sociedade, focaliza "as possibilidades de abordar o esporte como instrumento educacional na instituição escolar,

na perspectiva de promoção do ser humano", entendida a partir de uma posição axiológico-epistemológica. Apresenta, a partir daí, objetivos gerais e específicos para um projeto pedagógico em educação física escolar.

Nessa mesma direção, Lílian Aparecida Ferreira e Glauco Nunes Souto Ramos, no texto "Esporte e educação", entendem que é na relação "corpo e movimento que o jogo e o esporte, como instrumentos educativos, podem possibilitar a promoção do humano". Ao separar o esporte de rendimento do esporte escolar, afirmando que essas práticas têm lógicas diferentes, procuram refletir sobre os novos propósitos – críticos e cognitivos – que se constituem fundamentais para o ensino do esporte.

Por fim, numa perspectiva de romper com a lógica da alienação imposta pelo processo produtivo da sociedade capitalista e de denunciar as relações de dominação e opressão aí engendradas, apresentamos ainda, nesta edição, um conjunto de outros artigos que buscam tratar das diversas faces do fenômeno esportivo tais como: "O esporte universitário", "Esporte comunitário e sua participação no desenvolvimento da nação", "Vitória a qualquer preço – o uso de droga para melhorar o desempenho esportivo", "Mercado, negócios e negociatas no esporte".

Esperamos, com este número, contribuir para uma reflexão crítica sobre o esporte e suas diversas manifestações, entendendo que esta discussão urge no interior da formação educacional e, em especial, da formação universitária.

Priscilla Cornalbas
Diretoria da APROPUC

sumário

7

O SIGNIFICADO
DO ESPORTE

RICARDO MELANI

21

ESPORTE
MODERNO,
FUTEBOL
E OS PASSOS
BRASILEIROS

PLÍNIO LABRIOLA
NEGREIROS

27

A COPA DE 2014 E A
OLIMPIADA DE 2016
ENQUANTO PROJETOS
POLÍTICOS PARA O ESPAÇO

DANILO HEITOR VILARINHO
CAJAZEIRA

Crítica ao

47

PASSOS E IMPASSES
DO ESPORTE
BRASILEIRO

FRANCISCO JOSÉ NUNES

52

O ESPORTE COMO
INSTRUMENTO DE
EDUCAÇÃO: A
PROMOÇÃO DO
HUMANO

CAROL KOLYNIAK FILHO

58

ESPORTE E EDUCAÇÃO
LILIAN APARECIDA FERREIRA
GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

68

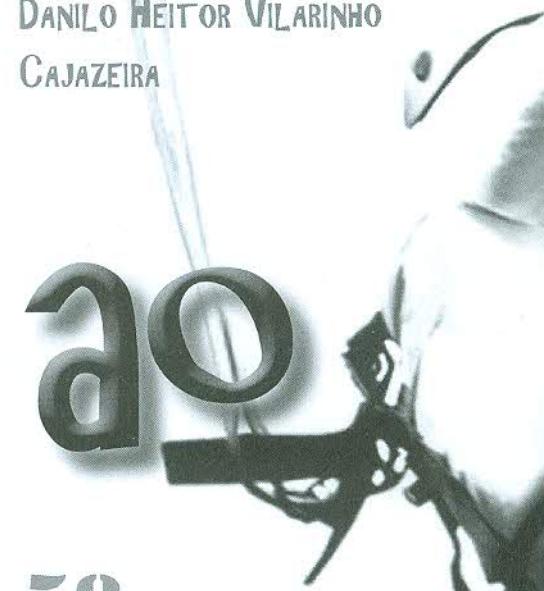
O ESPORTE
UNIVERSITÁRIO

DAVI FRANCISCO DA SILVA

72

ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DOS TORCEDORES:
O FUTEBOL BRASILEIRO
PARA SEUS VERDADEIROS
DONOS

IRLAN SIMÕES



33

ESPORTE E MÍDIA
NO BRASIL: UMA
RELAÇÃO
MUTUAMENTE
DEPENDENTE

NEI JORGE DOS SANTOS
JUNIOR

38

MERCADO, NEGÓCIOS
E NEGOCIATAS NO
ESPORTE
SÉRGIO LUIZ CARLOS DOS
SANTOS

44

VITÓRIA A
QUALQUER PREÇO:
O USO DE DROGA
PARA MELHORAR
O DESEMPENHO
ESPORTIVO
EDUARDO HENRIQUE DE
ROSE

Esporte

77

METAFÍSICA DA
PELOTA
(CONTO-CRÔNICA)
RICARDO MELANI

63

ESPORTE
COMUNITÁRIO E SUA
PARTICIPAÇÃO NO
DESENVOLVIMENTO
DA NAÇÃO
ADILSON SOUZA DE ARAÚJO

**Associação dos Professores
da PUC-SP – APROPUC**

Diretoria

Presidente

Maria Beatriz Costa Abramides

Vice-presidente

Victoria Claire Weischtordt

1^a Secretária

Priscilla Cornalbas

2^o Secretário

Leonardo Massud

1^o Tesoureiro

João Batista Teixeira

2^a Tesoureira

Sandra Gagliardi Sanches

Suplentes

1^o - Wagner Wuo

2^a - Maria Lucia Barroco



Conselho Editorial

**Leonardo Massud, Maria Beatriz Costa Abramides,
Priscilla Cornalbas, Sandra Gagliardi Sanchez,**

Wagner Wuo

Editoria-Geral

Maria Beatriz Costa Abramides

Editor Executivo

Ricardo Melani (MTPS nº 26.740)

Preparação e revisão

Véra Regina Maselli

Projeto Gráfico

Ricardo Melani

Editoração eletrônica

Mauro Teles

Capa - criação a partir de foto de divulgação

Fotos

Davi Francisco da Silva e <http://www.sxc.hu/>

Impressão - Polo Printer

Tiragem: 2.500 exemplares

Normas de publicação

A revista *PUCviva* é uma publicação trimestral da Associação dos Professores da PUC-SP – APROPUC.

A revista trata de temas da atualidade nacional e internacional, com a publicação de artigos informativos, acadêmicos e científicos.

A revista visa principalmente a divulgar as diferentes posições críticas e promover o debate sobre os temas abordados.

Os temas são aprovados pela diretoria da APROPUC e todos os artigos são submetidos à aprovação do Conselho Editorial.

Os artigos devem ter no máximo 15 mil caracteres, salvo nos casos de veiculação de documentos históricos. O Conselho Editorial poderá recusar a publicação de artigos que não atendam a especificação definida e os objetivos da revista.

Os artigos devem ser entregues nos prazos estabelecidos para cada edição, preferencialmente em versão eletrônica, com título, subtítulos, intertítulos e créditos.

A entrega de artigos para a revista pressupõe a cessão de direitos autorais para esta publicação.

Todas as propostas de artigos devem ser encaminhadas para a APROPUC, aos cuidados do Editor-Geral da revista.

APROPUC

Associação dos Professores da PUC-SP

Rua Bartira, 407 – Perdizes

CEP 05.009-000 - São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-2685 - apropuc@uol.com.br



<http://www.sxc.hu/>

O significado do esporte¹

RICARDO MELANI

No transcurso de sua história, o esporte foi definido de diversas maneiras. Cada definição buscava apreender características essenciais dessa prática humana. Hoje, temos muitas definições e, provavelmente, um número maior de polêmicas relacionadas a elas. Às vezes, o esporte é compreendido como uma atividade de lazer na qual predomina o esforço físico; outras vezes, como uma atividade profissional, na qual predominam a competição e o resultado. A prática esportiva pode assumir viés lúdico, educacional ou competitivo de alto rendimento; pode estar a serviço do homem ou contra seu desenvolvimento; pode promover saúde ou provocar doenças; pode ser fator de fortalecimento das relações entre os homens ou incitar à violência;

pode colaborar para o amadurecimento emocional de uma criança ou prejudicar sua autoestima. Enfim, o esporte pode ser um bem ou pode ser um mal. Tudo depende do que se entende por esporte, quais são seus objetivos e, mais ainda, de que maneira é praticado.

Compreendido assim, o esporte é algo relativo. Mas a maior parte dos estudiosos do esporte tem empreendido uma abordagem essencialista, que não nos trouxe clareza em relação ao conceito de esporte. Nesse tipo de abordagem, procura-se investigar o fenômeno por trás de sua mera aparência. Segundo essa visão, a coisa ou o objeto investigado pode perder suas características secundárias (aparentes), mas não seu fundamento primeiro – o que faz dessa coisa ou desse objeto o que realmente é. Então, caberia ao pes-

quisador buscar ou descobrir a essência do fenômeno investigado, esse algo que não se modifica. Descobrir a essência de algo seria conhecê-lo.

Partindo dessa forma de entendimento, tentou-se responder à pergunta: o que é o esporte? Ou, dito de outra forma: qual é a essência do esporte? Ou ainda: o que de fundamental o caracteriza? Essas formulações e suas respostas são baseadas em alguns pressupostos que merecem nossa consideração. A tentativa

Não havia nenhum limite de tempo. A luta terminava quando um dos contendores desistia, desmaiava ou morria.

de definir a prática esportiva como algo que estaria além da prática esportiva – ou seja, além de algo que aparece – é, no mínimo, um propósito estranho. Haveria algo atrás ou além do praticado, do que aparece, que pode definir sua prática? Não soa absurdo, por exemplo, querer definir o que é futebol sem levar em consideração a prática desse esporte como algo que o define? Se a prática esportiva muda com o tempo e o lugar, não seria a própria mudança uma característica importante do esporte? Seriam mutáveis somente as aparências? A própria nomenclatura utilizada na Constituição Federal Brasileira denuncia a tentativa de reunir manifestações diferentes sob o mesmo teto: desporto-performance, desporto-educação e desporto-lazer (participação).

Do ponto de vista histórico, a ideia de uma essência esportiva fixa e imutável, que permanece ao longo do tempo, trouxe deturpações interpretativas. A grande maioria dos estudiosos do esporte tende a destacar os aspectos comuns entre a prática esportiva antiga e a moderna. As olimpíadas modernas seriam a continuidade das olimpíadas da Grécia Antiga. As diferenças comumente são deixadas de lado. Nós se-

riámos herdeiros não só da filosofia, da ciência, da ética e da política grega, mas também de seu espírito esportivo. A essência esportiva garantiria o fio de continuidade dessa prática humana.

Mas, se nos detivermos em observar a prática dos jogos da Antiguidade Clássica desde os primeiros registros que possuímos, que datam de aproximadamente 800 a.C., veremos que as diferenças em relação aos jogos modernos são profundas. Entre os jogos de competição das olimpíadas antigas estava o pancrácio, uma espécie de combate ginástico que combinava luta livre com boxe. A violência “esportiva” que era permitida está longe de qualquer parâmetro conhecido pelo homem moderno.

No pancrácio, os competidores lutavam com todo seu corpo, com as mãos, os pés, os cotovelos, os joelhos, o pescoço e a cabeça; em Esparta, eram utilizados inclusive os dentes. Os pancrácios podiam arrancar os olhos uns dos outros... também estava permitido derrubar o adversário aplicando rasteiras... destroncar os dedos das mãos, os ossos dos braços e aplicar chaves de estrangulamento. Se um competidor conseguia derrubar o outro, podia sentar-se em cima e golpeá-lo na cabeça, no rosto, nas orelhas; também podia dar chutes e pisotear. Nesse brutal torneio, os lutadores se feriam horrivelmente e não era raro que alguns morressem. (Franz Mezoe *apud* Elias & Dunning, 1992, p. 169)

Não havia nenhum limite de tempo. A luta terminava quando um dos contendores desistia, desmaiava ou morria. Em outras modalidades, como o boxe, também estava presente, em relação à violência, uma permissividade chocante para os padrões de nossa sociedade. Os jogos da Antiguidade Clássica tinham características, regras e normas de conduta próprias. O que significa isso? Como interpretar esse fenômeno? Como o esporte se transformou de maneira tão radical? A diferença entre as práticas antiga e moderna é tão grande que é difícil sustentar a posição de que se trata de uma mesma atividade ou que ela teria mudado apenas aparentemente, mas que mantém sua essência.

Para explicar tais diferenças, antes de tudo é necessário compreender que as manifestações esportivas não são fenômenos isolados. Os esportes estão entrelaçados com diversos fatores de uma sociedade; e são expressões dessa sociedade em uma determinada época. A sociedade grega, como um todo, era mais permissiva em relação à violência entre indivíduos do que a nossa sociedade. As Cidades-Estados não tinham o controle e o monopólio da violência física, característicos dos estados nacionais contemporâneos. Para se ter uma ideia, a proteção da vida de um cidadão não era vista como hoje, quando é considerada um dever do Estado. Cabia aos membros da família defender seus parentes, atacar os opositores e, se fosse o caso, vingar a morte de um familiar. Além disso, muitas práticas esportivas serviam de preparação para a guerra, algo muito corriqueiro para uma sociedade que se constituiu em uma espécie de império marítimo.

Na Grécia Antiga, a tolerância em relação à violência física presente nos jogos decorria dessa situação. A consciência, a internalização de controles emocionais e a restrição voluntária por meio de regras claras são conquistas posteriores, que estão relacionadas ao surgimento de estados modernos e contemporâneos e certo avanço do processo de civilização.

...o esporte não pode ser compreendido como algo que carrega uma essência fixa e imutável, nem como algo isolado e desvinculado da sociedade.

nais e a restrição voluntária por meio de regras claras são conquistas posteriores, que estão relacionadas ao surgimento de estados modernos e contemporâneos e certo avanço do processo de civilização.

Observando dessa maneira, fica evidente que o esporte não pode ser compreendido como algo que carrega uma essência fixa e imutável, nem como algo isolado e desvinculado da sociedade. Afinal, sua mu-



Davi Francisco da Silva

dança é constante e, como produto social, suas regras, sua ética, seus objetivos, sua organização e, sobretudo, sua prática são balizados pela sociedade. O conteúdo do esporte e seu significado são definidos pela sociedade de onde ele é praticado. O esporte, assim como tudo que é criado pelo homem, não é atemporal. É por isso que, no transcurso de sua história, não só mudou de

***...Mussolini ... e Hitler ...
buscaram consolidar
sua ascendência sobre a
juventude também por meio
do recrutamento ao esporte.***

sentido em épocas e culturas diferentes, como foi utilizado por interesses políticos externos à própria prática esportiva. Assim, Mussolini na Itália e Hitler na Alemanha buscaram consolidar sua ascendência sobre a juventude também por meio do recrutamento ao esporte. No período da Guerra Fria, as superpotências usavam o esporte, principalmente as Olimpíadas, para exibir a superioridade de seus sistemas políticos. No Brasil, na Era Vargas, o presidente utilizou o futebol, a grande diversão dos trabalhadores, para fortalecer a sua política populista; e na década de 1970, o regime militar usou essa modalidade esportiva para estimular sentimentos nacionalistas e esconder o processo repressivo da ditadura.

Os exemplos são intermináveis, e têm relação com a própria história da humanidade. O que reforça a ideia de o esporte ser um produto das sociedades humanas, que determinam sua forma e seu conteúdo. Por outro lado, isso torna imperativa a reflexão sobre essa prática que assume cada vez maiores dimensões econômicas, políticas, sociais e éticas.

O ESPORTE MODERNO

A desportivização dos jogos e dos passatempos é uma característica da modernidade, juntamente com o processo de industrialização. A desportiviza-

ção e a industrialização respondem a uma profunda mudança que ocorreu primeiramente na Inglaterra e, posteriormente, se disseminou pelo mundo.

Novas formas de organização e de controle sociais foram gestadas no período próximo, antecessor e posterior às revoluções burguesas, dando lugar a um novo estilo de vida e a certa padronização dos costumes.

Até 1789... o mundo moderno se organiza, sobretudo, em torno dos processos de civilização (Elias), de racionalização (Weber), de institucionalização (Foucault) da vida social no seu conjunto, dando lugar a um estilo de vida radicalmente novo. Nele se afirmam comportamentos de autocontrole e de conformidade a modelos de "boas maneiras", que revelam o nascimento de uma nova sensibilidade social e de uma convivência que redescrve cada âmbito de ação do sujeito (desde assoar o nariz – com o uso do lenço – até estar à mesa – com o uso do garfo), censurando comportamentos demasiado grosseiros e solicitando um minucioso controle. (Cambi, 1999, p. 200-1)

Cambi sintetizou aspectos importantes da reorganização social. Comparadas, a sociedade feudal e a capitalista são muito diferentes. O homem médio feudal e o homem médio capitalista também são muito diferentes. As atitudes, o modo de ser, a conduta



motora, o modo de pensar, tudo foi modificado pela dinâmica social. Os jogos e os passatempos também sofreram profundas mudanças. A desportivização dos jogos populares nada mais é do que a transformação dessas atividades em ações condizentes com as novas normas de conduta que se estabeleceram nesse período. Algumas atividades recreativas são estimuladas e normatizadas, enquanto outras são desencorajadas. Há um movimento no sentido de, por um lado, restringir o gosto popular, por exemplo, no que se refere às apostas e às atividades sangrentas; por outro, de amoldar esse gosto à nova sensibilidade e à sociedade de "boas maneiras".

Vários jogos da Antiguidade e da Idade Média, que muitos estudiosos reivindicam como antecessores do futebol moderno, apresentavam a arbitrariedade e a fluidez das atividades anteriores às normatizações esportivas. O que havia em comum mesmo entre eles era apenas a existência de uma disputa – confronto bruto – e de uma bola. Jogava-se em terrenos não próprios para a prática de jogo; em alguns lugares, utilizavam-se as mãos, e, em outros, paus; o contato corporal era intenso e violento – chutava-se não só a bola, mas também o adversário; a partida era concebida como uma luta ou batalha – alguns jogadores carregavam punhais. As regras mínimas para a existência de qualquer jogo eram frequentemente quebradas de

<http://www.sxc.hu/>



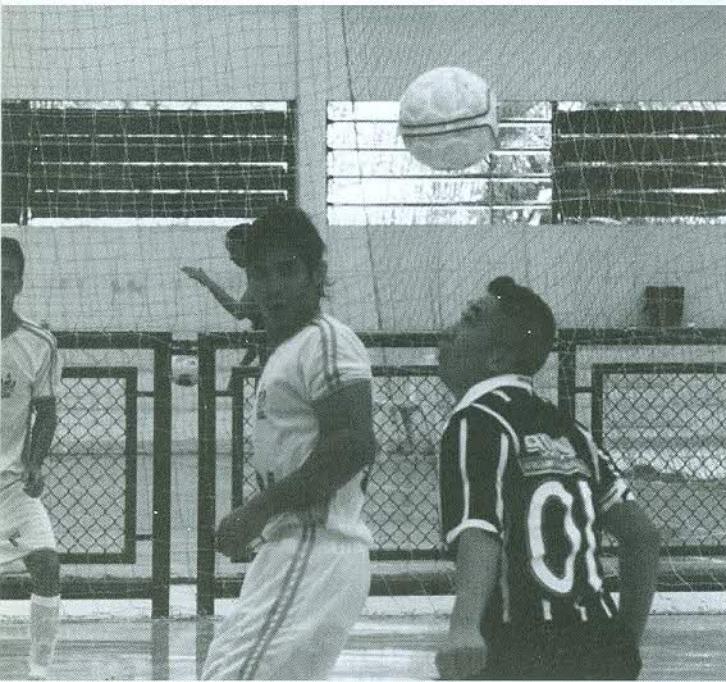
acordo com as paixões de um ou de outro jogador. Muitas vezes, não se chegava a um acordo sobre quem havia vencido a disputa. Os jogos geralmente faziam parte de festejos, como o carnaval, e eram organizados, no campo, por proprietários de terras; nas cidades, por mestres de corporações de operários e artesãos. As disputas eram feitas entre aldeias, cidades ou corporações.

Para a nova sociedade, que apenas começava a se afirmar, já não era mais aceitável um jogo sem regras claras, escritas, que pudessem igualar, pelo menos formalmente, as condições de prática entre os oponentes. Já não era mais aceitável uma atividade, como o pugilismo da Idade Média, que não possuía divisão de categoria e os praticantes, além dos punhos, utilizavam os pés – o que frequentemente ocasionava sequelas graves ou até mesmo a morte. Na Inglaterra, seguindo a tendência de organização e controle do conjunto da sociedade, generalizou-se a introdução

Para a nova sociedade, que apenas começava a se afirmar, já não era mais aceitável um jogo sem regras claras, escritas, que pudessem igualar, pelo menos formalmente, as condições de prática entre os oponentes.

de regras que limitavam os danos físicos. As sanções entre jogos foram criadas, para a punição de faltas graves e condutas inadequadas; foi instituída a arbitragem para a boa condução das disputas; foram criados órgãos de elaboração e de fiscalização das regras.

Aos poucos, os jogos tradicionais foram se tornando atividades autônomas, desvinculadas de rituais religiosos, sem finalidade festiva ou de preparação para as guerras. Gradativamente, sua prática passou



Davi Francisco da Silva

a ter tempo regrado, calendário e espaços próprios (estádios, ginásios, pistas etc.). Foram introduzidas novas metodologias de treino, de preparação e de prática que obedeciam aos novos princípios de racionalização das ações humanas. Além disso, as normas

...pode-se dizer que a desportivização dos jogos populares feita pela escola e ocorrida desde o início do século XIX faz parte de um conjunto de ações voltado a disciplinar, controlar e reproduzir novos comportamentos.

e convenções escritas unificaram a prática dos jogos e passatempos que, antes, tinham peculiaridades em cada região e vilarejo onde eram praticados. Ou seja, o esporte passou a ter características universais.

A ESCOLA E A CONFORMAÇÃO DA NOVA PRÁTICA ESPORTIVA

Concomitantemente ao surgimento e ao fortalecimento do Estado centralizado e burocrático, a escola vai assumindo feições profundamente diferentes. A escola e a educação passam a ter um papel social central na constituição da nova sociedade. As mudanças acontecem em praticamente todos os âmbitos do ensino: no conteúdo escolar, que passa a assimilar os novos avanços do conhecimento e da ciência; na metodologia de ensino, que é influenciada pela nova concepção de homem, de criança e de infância; nos instrumentos pedagógicos – os textos didáticos de disciplinas passam a ser elaborados a partir das necessidades do aluno; e na organização precisa da vida escolar, cujas classes são constituídas por idade. O tempo escolar é dividido entre exposições, lições e avaliações (exame), e já há a divisão do ensino em três níveis: um básico ou primário, um intermediário e um superior.

Todo o ensino é racionalizado. As atividades se tornam cada vez mais controláveis por meio de regras e metodologias voltadas a atingir os objetivos pedagógicos e políticos traçados. A escola pública é centralizada pelo Estado, que impõe uma universalização e homogeneização do ensino, e se transforma em sua principal instituição para formar cidadãos, ou seja, para formar indivíduos ajustados às novas necessidades sociais do sistema capitalista.

Dessa maneira, pode-se dizer que a desportivização dos jogos populares feita pela escola e ocorrida desde o início do século XIX faz parte de um conjunto de ações voltado a disciplinar, controlar e reproduzir novos comportamentos. É claro que não se trata de um plano racionalmente estabelecido e conscientemente executado para amoldar a sociedade. Esse processo é complexo, não pode ser entendido como um fenômeno simples de causa e efeito. Mas, as ações realizadas na escola relacionadas ao corpo, à prática esportiva e às relações sociais seguiam o espírito da época burguesa.

Não foi por acaso que a origem do esporte moderno na Inglaterra ficou associada à regulamentação

pelas escolas aristocráticas, as *Public Schools*, de jogos e atividades recreativas populares e de atividades lúdicas da nobreza. Essas escolas tinham como propósito formar dirigentes políticos, empresários e agentes do Estado. Apesar do ensino rigoroso, os estudantes, nos períodos de tempo livre, tinham autonomia para praticar as atividades que quisessem. Muitos jovens usavam seu tempo livre bebendo, praticando arruaças, invadindo propriedades particulares, cometendo atos de vandalismo e participando de jogos populares violentos, entre eles diversas versões de jogo com bola. A reforma educacional iniciada pelo sacerdote Thomas Arnold, em 1828, no colégio de Rugby, tinha o objetivo, em primeiro lugar, de acabar com o vandalismo dos passatempos dos estudantes; em segundo lugar, de desenvolver valores educacionais e disciplinares nas práticas de jogos, acabando com a violência. Essa orientação implantada por Arnold serviu de modelo para as outras escolas inglesas. O esporte passou a ser componente curricular.

Ao mesmo tempo que o esporte se desenvolvia nas escolas, foram realizadas campanhas e aprovadas inúmeras leis contra os jogos populares e outras atividades recreativas, sob a alegação de que essas atividades incitavam à violência, ao vício, e prejudicavam a

<http://www.sxc.hu/>



produção industrial, pois provocavam muitas faltas ao trabalho. O processo de desportivização ultrapassou os muros da escola, influenciando e disciplinando o tempo livre de setores cada vez mais amplos da sociedade. Em algumas fábricas, as atividades físicas foram regulamentadas, servindo ao propósito de manter a saúde dos trabalhadores e diminuir o número de faltas. Com estímulo patronal, foram fundados times e foram promovidas disputas entre empresas, o que fortalecia o espírito de solidariedade entre os jogadores da mesma equipe, a disciplina e a fidelidade dos operários em relação à fábrica – tudo isso colaborava para o maior controle sobre a classe operária. Muitas vezes, o trabalhador que se destacava em uma competição, ajudando a sua equipe, recebia bonificações e dias de folga. Os operários-esportistas foram se adaptando às regras. No início, havia inúmeras versões de jogos com bola, mas as regras foram se universalizando², assim como as disputas. Em 1863, foi fundada a *Football Association*, que passou a controlar toda a prática do jogo de futebol. Em pouco tempo, o futebol conquistou toda a população trabalhadora inglesa. Com a expansão do sistema capitalista, tornou-se o esporte praticado em quase todas as partes do mundo.

A história dos esportes modernos de quadra seguiu mais ou menos a mesma lógica desse processo de desportivização. Alguns se separaram de seus jogos precursores, devido às diferentes regras e práticas; outros, mais novos, foram criados já no âmbito do espírito dos esportes modernos.

OS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS

As olimpíadas modernas foram concebidas sob a influência do processo de desportivização inglês. Coubertin (Pierre de Fredy), o idealizador dos jogos olímpicos modernos, acreditava na capacidade do esporte de promover amizade, espírito de união e ser um fator de estabilidade social, colaborando com o apaziguamento dos conflitos. Além de promover a saúde, seria um auxiliar na educação moral da juventude e uma preparação para a vida.

Os primeiros jogos olímpicos modernos ocorreram em 1896, em Atenas, com a participação de treze

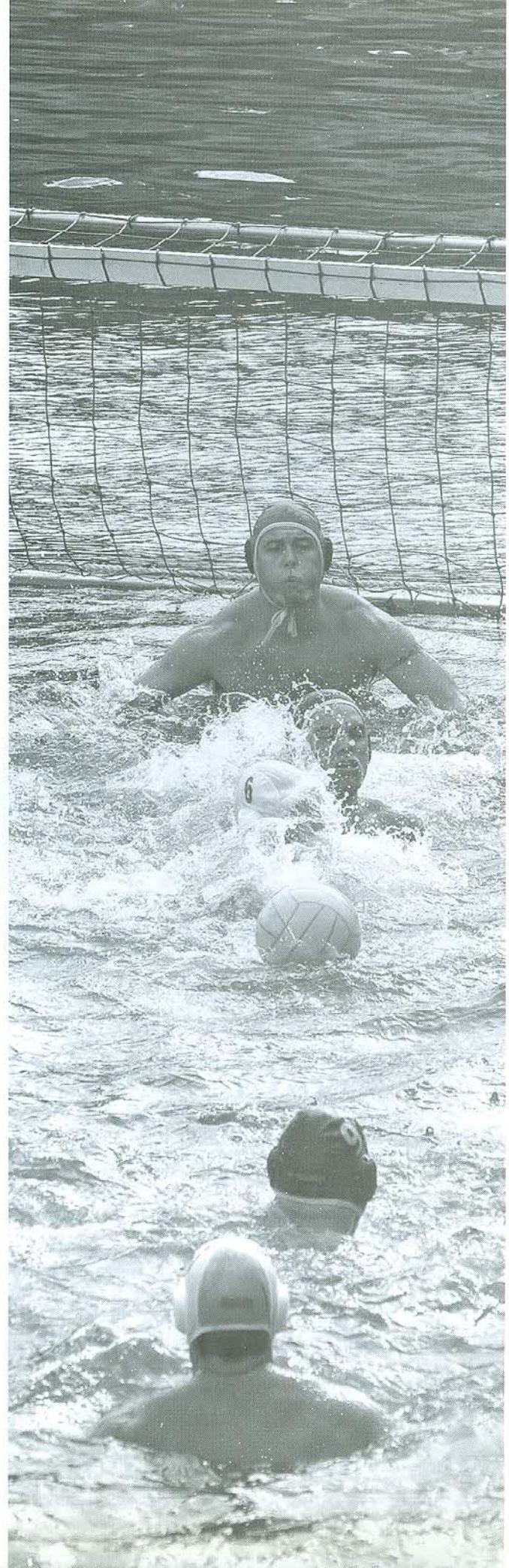
países que disputaram as modalidades esportivas de atletismo, ciclismo, esgrima, ginástica, levantamento de peso, luta, natação, tênis e tiro. Nas Olimpíadas seguintes (1900), em Paris, das quais participaram vinte e um países, foram incluídas as modalidades de futebol, remo e polo aquático. Em geral, a trajetória histórica de desenvolvimento dos jogos foi progressiva: de versão para versão, houve aumento de participantes e de modalidades. As Olimpíadas só foram suspensas no período das duas grandes guerras mundiais.

A expansão dos esportes modernos seguiu a expansão do sistema capitalista, que de fenômeno europeu passou a fenômeno mundial. Nesse processo, a importância do esporte aumentou. O número de praticantes e de assistentes foi tomando proporções gigantescas à medida que a sociedade de massa ia se estabelecendo. Atualmente, o esporte é o principal componente da chamada indústria do entretenimento.

Quando os Jogos Olímpicos Contemporâneos foram instituídos, os propósitos esportivos de seus mentores eram bem diferentes dos da prática atual. Segundo Coubertin, que defendia que o importante não é vencer, mas competir, a manutenção do caráter amador dos jogos era fundamental para que os aspectos positivos da prática esportiva não degenerassem.

Sim, é fato que mais e mais um espírito mercantilista ameaça invadir os círculos esportivos. Os homens não correm ou lutam abertamente por dinheiro, mas ainda assim a tendência a um acordo lamentável se alastrou. O desejo de vencer muitas vezes não tem que ver com a simples ambição por uma distinção honrosa. E, se não desejássemos ver o esporte degenerar e acabar pela segunda vez, ele precisa ser purificado e unido... Nos Jogos Olímpicos, as competições serão sempre disputadas com regulamentos amadores. (Coubertin, em entrevista para a revista *Veja*, abril de 1896)

Coubertin representava uma ética aristocrática. Para se ter uma ideia, o primeiro Comitê Olímpico era formado por duques, condes e lordes. No período, o mesmo acontecia em outras organizações esportivas: seus dirigentes eram predominantemente da nobreza. Nesse momento, a defesa do amadorismo era um



instrumento elitista, que buscava impor uma prática em consonância à atitude cavalheiresca – exaltação do jogo limpo (*fair play*), refutação à busca da vitória a qualquer preço etc. No entanto, quando o esporte foi alçado a mercadoria da indústria de entretenimento, outra lógica se estabeleceu. O profissionalismo passou a ser uma das maiores virtudes do atleta ou da instituição esportiva. O profissionalismo passou a ser a palavra de ordem contra as “mazelas” do amadorismo; e o resultado, o aspecto mais importante do jogo.

ESPORTE: MERCADORIA DA INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO

A transformação do esporte em espetáculo representa a configuração de atividades físicas lúdicas, recreativas e festivas em mercadoria. Nesse sentido, a domesticação dessas atividades que foi realizada pela modernidade, a transformação dos jogos em esportes, com regras e controle rigorosos, obedeceu a uma necessidade transitória. Sem essa normatização dos jogos populares, não seria possível transformar essas atividades em mercadoria. A universalização da maneira de jogar permitiu a massificação dos esportes. A prática e a assistência massivas dependeram da existência de procedimentos esportivos comuns. Só assim tornaram-se possíveis os torneios internacionais de cada modalidade. Só assim tornaram-se possíveis os Jogos Olímpicos, que reúnem países e culturas diferentes. Os jogos populares da Idade Média, que eram tão diferentes de vilarejo para vilarejo, de cidade para cidade, tiveram de morrer para que o esporte moderno nascesse. Mas as características que o esporte moderno anuncia – “o importante não é vencer, mas competir”; o estímulo ao *fair play*; a importância dada ao amadorismo – tiveram vida curta. Elas pereceram na rápida passagem para o esporte contemporâneo. O esporte-espétáculo nasce sob o signo da indústria cultural, marcado pela sociedade de consumo e direcionado à massificação, ao aceite popular.

Como as demais mercadorias da indústria do entretenimento, o espetáculo esportivo é destinado ao consumo. Sua conformação também obedece a regras da massificação. Em primeiro lugar, o esporte, sob a

élide da popularização, é cada vez menos democrático e mais elitista. As exigências decorrentes do profissionalismo determinam um rigoroso processo seletivo dos praticantes, que se reduzem a uma minoria. A grande maioria dos participantes do esporte-espétáculo é espectadora, ou seja, participa como consumidora dessa mercadoria.

A participação do consumidor também é predeterminada, o que acentua o caráter passivo da assistência. Praticamente toda decisão organizativa relacionada a um campeonato ou a um acontecimento esportivo profissional não depende do espectador, nem mesmo dos atletas envolvidos. Nesse nível, a prática esportiva sofre influência direta das empresas que a patrocinam, dos meios de comunicação e dos organizadores do evento. Assim como a arte perde autonomia e originalidade ao se transformar em mercadoria em série, o esporte-espétáculo passa a ser orientado por elementos externos à sua prática. Muitas vezes, a economia e a plasticidade de movimentos dos atletas são prejudicadas em função de situações adversas provocadas pelos interesses da indústria da

A transformação do esporte em espetáculo representa a configuração de atividades físicas lúdicas, recreativas e festivas em mercadoria.

cultura. Por exemplo, devido a interesses televisivos, grande parte dos jogos da Copa do Mundo de Futebol de 1994, que aconteceu nos Estados Unidos, foi realizada em horários próximos ao meio-dia, sob forte calor. A situação climática prejudicou o desempenho dos jogadores. Os interesses comerciais, nesse caso, se sobrepujaram aos da prática esportiva.

A passividade é ainda mais evidente na assistência indireta de um jogo, quando o espectador está sujeito às decisões de quem transmite e o meio pelo qual o faz. Nas transmissões televisivas, o diretor de câme-

ra determina o olhar do espectador, a abordagem que ele fará sobre o evento. Por exemplo, se privilegiará uma visão geral (panorâmica) ou os detalhes (*close*); se destacará esse ou aquele lance etc. Ou seja, é a televisão que determina como olhar o jogo. Nas transmissões radiofônicas, o locutor e o comentarista são os olhos e os ouvidos do radiouvinte, que fica à mercê de ambos. No conjunto quase infinito de impressões sensíveis presentes em um jogo esportivo, são eles que escolhem quais foram os lances importantes, quais os jogadores que se destacaram e qual a valoração que se deve dar sobre o desempenho desta ou daquela equipe. Em suma, é o agente transmissor quem estabelece o sentido da prática esportiva. O consumidor recebe passivamente esse prato feito. O que lhe compete é, no máximo, comentar os comentários, discutir com os outros consumidores um ou outro lance selecionado pela transmissão. A opinião do assistente é previamente pautada pela mídia. Em geral, as conversas esportivas são repetitivas exatamente porque estão restritas ao que a mídia diz.

O bom consumidor recebe a imagem de uma determinada mídia, ouve a informação de um locutor e de um "especialista" esportivo, aceita sem questionar – porque é inconsciente – que seu comportamento seja predeterminado, e exige dos outros consumidores comportamento igual. Em síntese, também a obediência, a falta de reflexão, a limitação de imaginação e a reprodução estão presentes na indústria esportiva cultural.

A PRÁTICA DO ESPORTE-ESPETÁCULO E A COISIFICAÇÃO DO ATLETA

A espetacularização do esporte, a transformação do esporte em mercadoria de grande comercialização, requereu a profissionalização dos atletas e o alto desempenho desportivo. No âmbito da valorização dos resultados como critério principal e às vezes único de sucesso, o que conta é vencer.

Pode parecer estranho questionar o resultado como critério principal de avaliação da prática esportiva. Por si só, tal estranhamento já demonstra o quanto estamos tomados pela concepção hegemôni-

ca do esporte mercadoria. O principal do jogo deveria ser o jogar. Em segundo lugar, as consequências positivas para a promoção do humano: o desenvolvimento da saúde, a socialização, o amadurecimento emocional etc. Mas na era do esporte-espétáculo, o que conta é o fim, não é o meio. Não é o jogar nem a forma de jogar que interessam. Os objetivos buscados não são a promoção ou a transcendência do humano. São simplesmente a vitória – a melhor marca, o ganhar – e o espetáculo que pode ser comercializado. Assim, o ser humano que criou atividades (passatempos, jogos, esporte), para se beneficiar de momentos lúdicos, agora se vê preso a um sistema fechado cujo princípio primeiro é o vencer. Suas ações não estão mais voltadas para o prazer lúdico de realizar a atividade – isso agora é secundário –; o único prazer que realmente é constituinte do espetáculo esportivo – e que subordina todos os demais – é o prazer de vencer.

Com algumas reservas, pode-se comparar o atleta profissional contemporâneo ao trabalhador fabril. A este, impõe-se uma série de ações e de comportamentos, visando à obtenção da maior produtividade possível, o que significa maior ritmo de produção e de fabricação de mercadorias. O trabalhador diretamente vinculado ao processo de produção executa movimentos que se ajustam ao ritmo das máquinas planejado pela direção da fábrica. O trabalhador não tem



autonomia. Ele não comanda a máquina, mas seus movimentos são comandados por ela. Ele não planeja a execução de seu trabalho para chegar a determinado fim. Ele obedece a um plano estabelecido por outros. Nessa medida, o ser humano tem a função aproxi-

O atleta também se torna uma peça nessa máquina que fabrica espetáculos esportivos.

mada de uma peça da máquina, de uma engrenagem, de uma coisa. Pode-se dizer que ele foi “coisificado”. Ou seja, seu trabalho perdeu as características humanas de planejamento e de subordinação de seus movimentos a um fim estabelecido conscientemente por ele mesmo.

Embora guarde muitas diferenças com o trabalhador fabril, o atleta profissional também subordina seus movimentos e seu corpo a propósitos estabelecidos por outros, visando à melhoria de seu desempenho esportivo. Subordina-se a um disciplinamento rigoroso, prescrito por profissionais de diversas áreas científicas que atuam no meio esportivo – biomecânica, fisiologia, educação física, nutrição, psicologia etc.

O atleta também se torna uma peça nessa máquina que fabrica espetáculos esportivos. Uma prova de que o humano é deixado de lado é a alta incidência de lesões em atletas de alto rendimento. São comuns as lesões resultantes do uso excessivo do corpo, da solicitação exaustiva e repetitiva da musculatura e de outros sistemas do organismo. São frequentes as repetições de lesões de atletas do vôlei, basquete, handebol, natação, futebol, atletismo e de outras modalidades. Há atletas – e quase todos os times de ponta os têm – que passaram por três, às vezes, quatro cirurgias, ou sofreram diversas fraturas por estresse. O *glamour* da vida do atleta veiculado pela mídia nada tem que ver com a realidade da maioria esmagadora desses profissionais.

As exigências corporais do esporte de alto rendimento não estão em consonância com a promoção do humano. Há provas esportivas que promovem a *antissaúde*. Já se sabe, por exemplo, que a maratona exige demais do organismo. A exigência ultrapassa o limite do saudável. A mesma coisa acontece com o triatlon e o decláton. O que se pode dizer, então, sobre atividades de luta como vale-tudo e similares – que misturam diversas técnicas de artes marciais –, nas quais as ações e o confronto beiram a barbárie? Há muita gente reivindicando que esses tipos de atividade sejam reconhecidos como esporte. Eles possuem as

Davi Francisco da Silva



características de esporte-espetáculo. São organizados por associações nacionais e internacionais, portanto têm regras universais; têm o apoio da mídia de massa – seus torneios são veiculados pela televisão, e estão agrupando cada vez mais adeptos – praticantes e assistentes; e o mais importante: têm grande potencial comercial. Esse tipo de luta não se ajustaria à categoria de esporte moderno, devido à sua violência. Mas a sede de lucro do esporte contemporâneo parece ter tolerância maior com a violência. Nesse caso, a violência é a própria mercadoria, e os “atletas-lutadores”, um meio. A condição humana é degradada pela barbárie do combate.

A coisificação do atleta revela uma inversão: o ser humano deveria se servir do esporte para seu aprimoramento, mas é a indústria cultural do esporte-espetáculo que se serve do homem-atleta-coisa. Este está tão imbuído do espírito competitivo do esporte contemporâneo que ele mesmo se autoflagela, subordinando-se a situações de agressão corporal, a pressões de toda ordem, para conseguir fama, dinheiro e o reconhecimento de suas façanhas como herói esportivo. Seu corpo é degradado por meio de treinamentos exaustivos em nome do espírito esportivo. O “espírito esportivo”, tão frequentemente evocado pela mídia, é

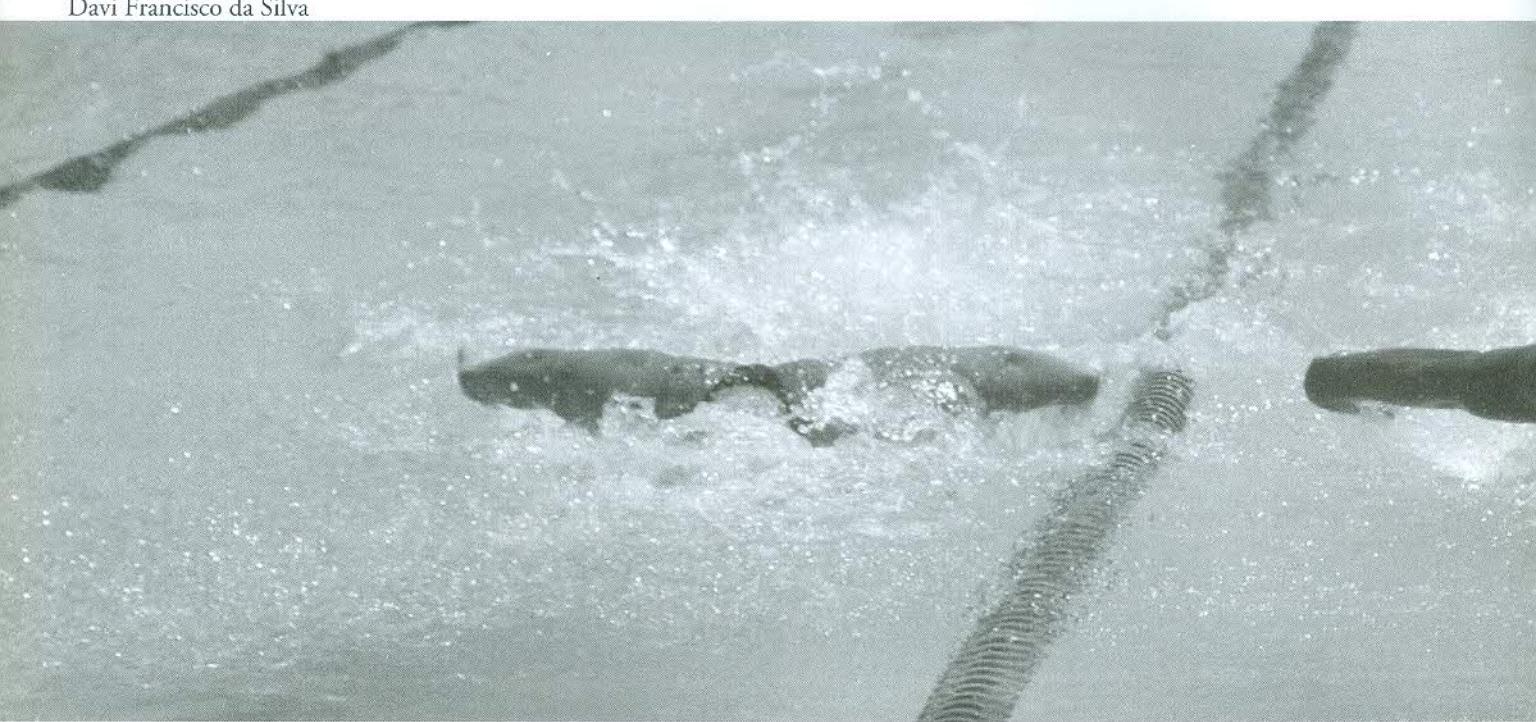
um embuste. Utiliza-se uma expressão com sentido anacrônico para encobrir a realidade: o predomínio dos interesses econômicos sobre a prática esportiva e sobre o próprio homem.

A INDÚSTRIA CULTURAL E SUA INFLUÊNCIA NA PRÁTICA ESPORTIVA

Pode-se alegar que esses malefícios da atividade esportiva estão reduzidos ao esporte de alto rendimento. Ocorre que os valores do esporte-espetáculo perpassam todos os níveis de prática esportiva. Isso acontece em grande parte por causa da força de influência da mídia de massa. Ela divulga ideias, conceções e mercadorias; cria hábitos e modelos de comportamento, que influenciam o conjunto da sociedade. Influenciados pelos meios de comunicação, milhares e às vezes milhões de pessoas vão a um espetáculo. Todos sentem ao mesmo tempo o mesmo desejo: por exemplo, assistir a determinada banda de *rock*, ver seu ídolo do cinema ou assistir a uma partida final de um jogo. As atividades de lazer estão organizadas como opções de mercadorias da indústria cultural.

No caso do esporte, o indivíduo é influenciado por modelos de comportamento tanto quando as-

Davi Francisco da Silva



sume o papel de torcedor, quanto quando pratica o esporte de lazer, e assume o papel de jogador. Isso é fácil de ser percebido, observando o grau elevado de competitividade e de violência presente em partidas “amistosas” amadoras. O princípio “o que importa é vencer” também é o guia dessa prática esportiva. Mesmo no âmbito do lazer, a ludicidade esportiva é prejudicada pela imposição sorrateira no imaginário do praticante dos princípios do esporte-espetáculo. “Isso aqui não é brincadeira!”, “Vamos jogar sério!”, “Chega de brincadeira!”, são algumas afirmações frequentes em torneios ou jogos amistosos de modalidades esportivas coletivas, entre companheiros da mesma equipe. É como se dissessem: “Viemos aqui ganhar, não nos divertir”, “Nossa diversão é ganhar”. Também são comuns as brigas iniciadas por causa de discussões a respeito de determinado lance. O que em geral está por trás dessas discussões é a exacerbada vontade de ganhar, que muitas vezes impede o convívio social saudável.

Em proporções diferentes das do esporte profissional, mas também em alto grau, muitos atletas amadores se submetem a programas de exercícios rigorosos, a regimes alimentares cuidadosamente elaborados e a regramentos em seu cotidiano, visando melhorar

seu desempenho esportivo e acompanhar o estilo de vida de um atleta profissional. Uma parcela significativa dos chamados “corredores de rua”, por exemplo, é adepta do treinamento intensivo.

A indústria cultural se beneficia dessa reprodução, porque ela facilita a comercialização dos produtos esportivos. Para o consumidor (atleta amador ou assistente), a aquisição e o uso do mesmo produto utilizado por uma equipe profissional ou por seu ídolo esportivo o aproxima do modo de vida desejado.

O mais grave em relação ao esporte escolar talvez seja a inversão dos objetivos pedagógicos: de meio educacional, ele passa a ser um fim.

As diferenças entre o atleta amador e o profissional, assim, aparentemente diminuem. As diferenças e a identificação entre esses praticantes de esporte são dois fatores valorizados pela propaganda. Muitos produtos incorporam uma marca ou um signo de atletas famosos para facilitar essa identificação, como, por exemplo, a assinatura.

Na escola, a influência do esporte profissional também é determinante. Alunos e professores expressam os valores sociais do esporte no espaço escolar. A desportivização do conteúdo das aulas de educação física é um índice da importância que o esporte assumiu na escola. Os jogos não esportivos, as brincadeiras e outras atividades que podem servir de meio para o desenvolvimento da motricidade são com frequência deixados de lado. Além disso, a prática esportiva escolar se restringe aos esportes divulgados pela mídia.

O mais grave em relação ao esporte escolar talvez seja a inversão dos objetivos pedagógicos: de meio educacional, ele passa a ser um fim. Nesse caso, promovem-se processos seletivos de acordo com o desempenho. Formam-se seleções de classe e do colégio.



Realizam-se competições que têm um nível técnico inferior ao do profissional, mas que se desenvolvem sob a mesma lógica. Muitos alunos são excluídos da prática esportiva por não terem o biótipo que a sociedade impõe ao praticante de determinado esporte ou por não apresentarem o desempenho esperado. Ou seja, o aluno é privado de uma prática que potencialmente o ajudaria em seu desenvolvimento (motor, cognitivo, emocional) porque não se ajusta ao modelo competitivo do esporte-espetáculo. Para muitas crianças e muitos adolescentes, a exclusão do grupo de colegas desportistas pode ocasionar problemas de baixa autoestima.

PRÁTICA ESPORTIVA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Como foi afirmado no início deste escrito, o esporte não é constituído por uma essência fixa e imutável, atemporal, que estaria presente em todas as sociedades. Também não é um fenômeno espontâneo e natural. Tal como o conhecemos e praticamos hoje, o esporte é uma criação de determinada sociedade, que aconteceu em determinado contexto, e que se espalhou pelo mundo junto com o sistema social capitalista. Guardadas todas

as diferenças, o esporte trilhou o mesmo caminho de expansão do capitalismo: de europeu, transformou-se em fenômeno mundial. Após o processo civilizatório moderno ter se firmado e as revoluções industriais terem assentado o novo sistema, o esporte passou a ser uma mercadoria importante na indústria do entretenimento, e dela dificilmente se dissociará na sociedade de consumo.

Essa constatação significa que a prática esportiva está fadada a ser um elemento negativo para o ser humano? Longe disso! Acreditar que o esporte é algo definitivamente ruim é tão equivocado quanto acreditar que ele foi e sempre será algo positivo, ou que o esporte sempre promove a saúde. Posições absolutas sobre o esporte não contribuem para elucidá-lo. Sua história e sua prática são marcadas por contradições. O certo é que a transformação do esporte em mercadoria associou essa prática humana aos princípios do mercado capitalista. Esse mercado tem uma lógica na qual predominam os interesses do capital, não os de preservação de uma “essência” esportiva autônoma ou os interesses de aprimoramento do ser humano. **Pv**

Ricardo Augusto Haltenhoff Melani é jornalista e filósofo.
(ricardomelani@terra.com.br)

Notas

1. Este artigo é uma versão reduzida da primeira parte do livro *Os sentidos dos esportes*.
2. No início da desportivização nas escolas públicas inglesas, o futebol tinha regras e os jogos eram supervisionados pelos professores. No entanto, houve uma fase de transição na qual se discutia como deveria ser praticado o jogo de bola. Instituições rivais defendiam maneiras diferentes de jogar. Dessas disputas, surgiram o futebol e o rúgbi modernos.

Referências

- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- GEERTZ, Clifford. *Transição para a humanidade*. In: *O papel da cultura nas ciências sociais*. São Paulo: Villa Matha, 1980.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- KOLYNIAK Filho, Carol. Discutindo o conceito de esporte. In: *Discorpo 14*. São Paulo: Departamento de Educação Física e Esportes da Pontifícia Universidade Católica, 2006.
- KOLYNIAK Filho, Carol e MELANI, Ricardo. *Os sentidos dos esportes: por uma educação esportiva que promova o humano*. São Paulo: Artgraph, 2009.
- MAGNANE, Georges. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MATOS, Olgária F.C. *A escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MELANI, Ricardo. Corpo, objeto de consumo. In: *Discorpo 13*. São Paulo, Departamento de Educação Física e Esportes da Pontifícia Universidade Católica, 2002.

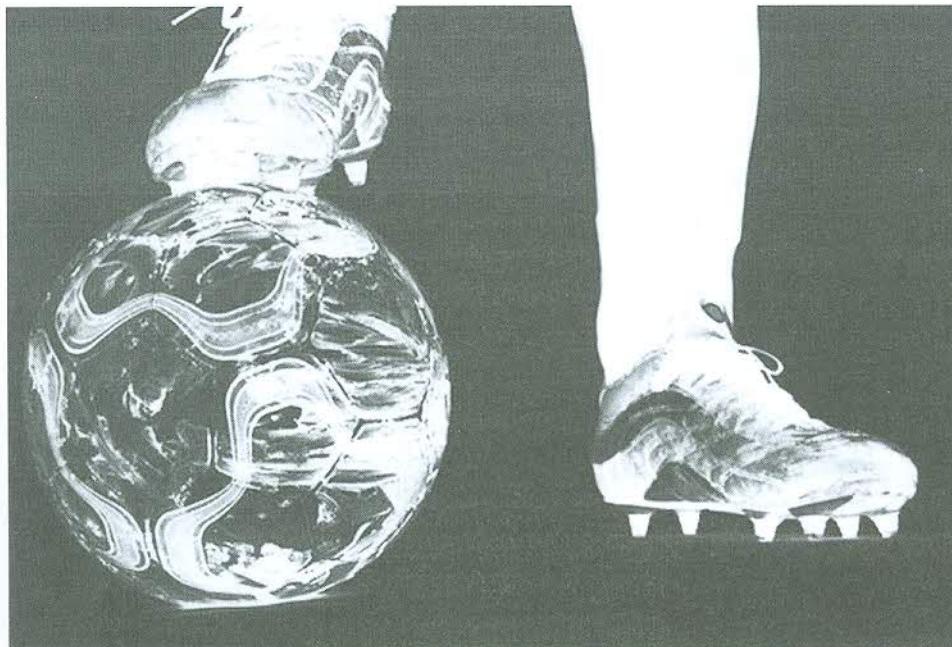


Ilustração RM, a partir de foto de divulgação.

Esporte moderno, futebol e os passos brasileiros

Plínio Labriola Negreiros

No dia seguinte à tragédia, a presidente do Flamengo promove uma festa para divulgar a contratação de Ronaldinho Gaúcho. Hoje vejo a foto da presidente Dilma e do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, exibindo, sorridentes, camisas a eles presenteadas pelo time do Fluminense, isto após “visitarem” os locais atingidos pela tragédia.

Até quando este país vai viver inebriado por este esporte?

Nosso ex-presidente se vangloriava de ser torcedor fanático do Corinthians.

Será que estes governantes não deveriam, sobretudo em momentos como este, se abster de fazer parte deste circo? (Wandyr J. Nascimento, in Folha de S.Paulo, 16 jan 2011.)

O número de mortos no Rio de Janeiro já passou dos 800.

Garante-se que chegará a mil, assim como se garante que a reforma do Maracanã para a Copa do Mundo no Brasil, em 2014, chegará a um bilhão de reais.

Ninguém garante, é claro, que se esta dinheirama não fosse aplicada no estádio viria a ser investida na região serrana.

Mas que não dá para deixar de fazer este cálculo macabro, convenhamos, não dá. (Juca Kfouri para o Jornal da CBN, 24 jan. 2011.)

Diante dos acontecimentos que vitimaram milhares de pessoas na região serrana do Rio de Janeiro, em janeiro de 2011, assim como em outras regiões do Brasil, publicaram-se essas duas manifestações sobre o triste evento.

Na primeira manifestação, um leitor de jornal indignado com a insensibilidade dos dirigentes polí-

ticos e esportivos, incapazes de qualquer ação introspectiva para homenagear e respeitar a dor e a perda de tantas pessoas, apresenta o futebol como um circo que embriaga e retira os brasileiros da realidade.

Já o comentário do jornalista esportivo Juca Kfouri – progressista! –, em rápida observação para o meio radiofônico, recoloca uma contradição laten-

te – talvez muito característica da sociedade brasileira, assim como de outras sociedades nas quais as riquezas materiais e simbólicas são apropriadas para ínfimas minorias –, ao apontar que o mesmo estado da federação onde o número de pessoas mortas em decorrência, principalmente, da ausência do Estado protetor e regulador, oferece recursos quase infinitos para a reforma de uma praça esportiva, destinada à Copa do Mundo de 2014. O jornalista ainda poderia ter feito referências aos gastos com os Jogos Olímpicos de 2016.

Wandyr J. Nascimento e Juca Kfouri, com suas particularidades e preocupações, nos instigam a pensar o significado dos esportes modernos, em especial do futebol, no Brasil.

ORIGENS DOS ESPORTES MODERNOS

A expressão *esporte moderno* serve para diferenciar as práticas esportivas dos mundos antigo, medieval e moderno das práticas surgidas, de maneira geral, a partir do século XIX, já no considerado mundo contemporâneo. Deve-se ressaltar, inclusive, que há poucos sinais de permanências entre o esporte derivado das experiências urbano-industriais, inicialmente presentes na Europa ocidental, e as atividades das épocas anteriores. Por mais que se criem elementos de aproximação entre os Jogos Olímpicos originais, construídos pelos gregos nas suas cidades-estado, a ruptura em relação aos Jogos Olímpicos modernos é extrema. O esporte no mundo grego clássico situava-se no campo religioso. Há, porém, quem insista em situar as Olimpíadas atuais como continuidade dos jogos gregos.

O esporte moderno decorreu de uma condição estrutural diversa. Em outro texto, afirmo que:

Ao final do século XIX, diante das decorrências da II Revolução Industrial, nasciam as bases de um mundo marcado por um forte avanço tecnológico, que viu nas práticas esportivas um espaço privilegiado para a disciplinarização de corpo e mentes. O ritmo incessante das máquinas precisava de corpos sincronizados a elas, assim como eram bem-vindos os homens dispostos à competição. (O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo. In Mary del Priore e Victor Andrade de Melo (Orgs.), *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*).

Nessa direção, o historiador Nicolau Sevcenko nos esclarece que:

O que caracteriza por excelência [os esportes modernos de fins do século XIX] é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos num espaço abstrato, num tempo padronizado, segundometiculosamente normatizado e configurados numa escala global. O clímax dessas práticas metodizadas se cristaliza nas Olimpíadas e nas Copas do Mundo de futebol. (Nicolau Sevcenko, *Futebol, metrópoles e desatinos*.)

Na sociologia do esporte há uma conceituação para o seu objeto:

qualquer competição que inclua uma medida importante de habilidade física e esteja subordinada a uma organização mais ampla que escape ao controle daqueles que participam ativamente (sejam eles jogadores ou torcedores) da ação. (Ronaldo Helal, *O que é sociologia do esporte*.)

Helal aponta duas características fundamentais do *esporte moderno*: a *secularização* – pensada como o processo no qual as “realidades pertencentes ao domínio religioso, sagrado ou mágico passam a pertencer ao domínio profano” – e a *racionalização* – o “processo pelo qual se faz entrarem no campo da razão realidades que, anteriormente, estavam fora dele. No domínio da ação, a rationalização elimina considerações de ordem pessoal, afetiva ou emocional, buscando uma adaptação consciente, exata e eficaz dos meios aos fins pretendidos”.

Vale ressaltar que, se por um lado a secularização e a rationalização foram condições essenciais para a perda do caráter lúdico e religioso das atividades humanas – veja-se, por exemplo, a extrema mercantilização dos esportes do mundo contemporâneo –, por outro, o *esporte moderno* resiste e, apesar de notícias pouco promissoras, mostra-se sempre mais fascinante. Assim,

o significado mais profundo do esporte não se encontra no lado secularizado e rationalizado do esporte moderno, mas sim na força de resistência

que emana do seu próprio universo. Secularização e racionalização são fenômenos que se originam fora do universo do esporte. A modernidade os criou e os trouxe para dentro do universo esportivo. (...) mas a persistência e a permanência de uma força interna e antagônica a esses fenômenos caracterizam o lado imacente, inseparável do esporte em si mesmo. (idem)

Os elementos e contradições do *esporte moderno* permitem que ele detenha um papel importante para a sociedade. Aliás, as diferentes sociedades constroem significados particulares para as suas práticas esportivas. Há, nessa direção, o exemplo do futebol, referência em quase todas as nações do mundo: um fenômeno sociocultural total. O Brasil pode ser apresentado pelo futebol?

O BRASIL E AS PRÁTICAS DO FUTEBOL

O Brasil é o país do futebol. A tentação é grande em aceitar essa assertiva. A Seleção Brasileira participou de todas as Copas, é a maior vencedora delas e é sempre tratada como favorita. Um olhar atento, porém, relativiza as nossas certezas. É possível que haja outros “países do futebol”.

As origens e a história do futebol no Brasil dividem estudiosos, cronistas e memorialistas. Há uma

tradição, por exemplo, em considerar Charles Miller o introdutor do futebol em São Paulo e no Brasil, em 1894. Há registros, porém, do futebol em escolas religiosas e laicas em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul antes dessa data. Trata-se, assim, da disputa, sem qualquer inocência, acerca da memória das origens do futebol. Está em disputa a busca pelo controle da prática social e esportiva.

Consoante com a ordem estabelecida no país com a República (1889), as elites econômicas e políticas também pretendiam ter o futebol como um espaço exclusivo. Existiria o futebol oficial, o organizado pelas entidades dos clubes de elite que surgiam; assim como o futebol organizado pelos clubes e entidades dos setores populares. Essas práticas, porém, não ocupavam o mesmo espaço.

Assim, as deliberadas desigualdades presentes em uma ordem oligárquica eram reproduzidas dentro do futebol. A elite brasileira buscava recuperar a extrema separação entre homens livres e escravos presente até o fim da escravatura. De forma explícita, negros e pobres eram excluídos.

O crescimento, quantitativo e qualitativo, produziu no futebol – primeiro em São Paulo, a seguir em outros centros urbanos – mudanças importantes. De um lado, parte dos “clubes de elite” não se importava

<http://www.sxc.hu/>



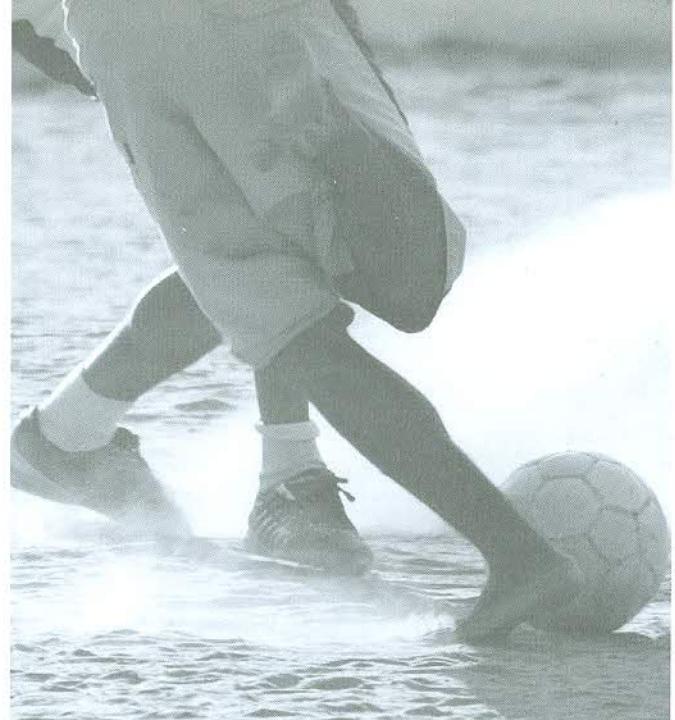
mais em manter os seus times fechados só para as elites. Interessava, sim, vencer as disputas. Portanto, tais clubes foram buscar nos times de bairro bons jogadores, independentemente das suas origens sociais. Os clubes de bairro anunciam o desejo de participar do futebol oficial. A perplexidade atingia os clubes mais elitistas de São Paulo, em função do novo quadro que se desenhava. O povo começava a invadir um espaço de exclusão social. Pobres e ricos dividiriam o mesmo campo.

Ao final da primeira década do século XX, surgiram clubes que colocaram em xeque essa prática elitista. É o caso, por exemplo, do Corinthians Paulista, nascido em São Paulo, em 1910, no bairro operário do Bom Retiro. Organizado por trabalhadores italianos, portugueses e brasileiros, praticou o futebol no único espaço que aquela sociedade lhe reservava: a várzea. No Rio de Janeiro, há o caso do Bangu. As barreiras elitistas do futebol começavam a se quebrar. E como decorrência disso, parte dessas elites tentava recriar espaços exclusivos e, diante dessa impossibilidade, abandonavam a prática do futebol oficial. O grande divisor de águas foi a adoção do profissionalismo no futebol (1933).

Esse processo pode ser matizado como a disputa pela hegemonia da organização do futebol no Brasil. Assim, construiu-se um embate acerca da forma como o esporte vindo da “civilizada” Inglaterra se estabeleceria no Brasil. O extremo elitismo inicial não prevaleceu, mas o futebol jamais esteve nas mãos das classes populares. De qualquer maneira, o futebol foi se tornando, cada vez mais, um objeto de paixão popular. Nessa direção, veja-se uma narrativa historiográfica:

São nove horas da manhã do dia 29 de maio de 1919 e uma elétrica movimentação toma conta do Rio de Janeiro. O presidente da República em exercício, Delfim Moreira, decretou o ponto facultativo nas repartições públicas da capital federal, enquanto os bancos e parte das casas comerciais da cidade sequer abriram as portas. Quem tem de trabalhar, por sua vez, só o fará até por volta do meio-dia dessa quinta-feira, mesmo horário em que começarão a circular, a cada dez minutos, os bondes especiais da Light rumo ao novíssimo stadium do Fluminense Football Club, nas Laranjeiras.

(...) quando o jogo afinal terminou, foi toda a multidão que não se conteve, invadindo o ground



<http://www.sxc.hu/>

para festejar a árdua conquista junto de seus ídolos, agora convertidos em heróis. Das Laranjeiras, a euforia ganhou as ruas do Rio e, mediada pelo telefone, chegou às de São Paulo (onde jogavam nada menos que oito dos onze titulares da seleção, inclusive Friedenreich) e se alastrou de norte a sul do país. (Fábio Franzini, *Corações na ponta da chuteira*: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro).

Apesar dessa primeira conquista internacional, o futebol do Brasil, considerando a seleção nacional, tornou-se referência, interna e externa, a partir da Copa de 1938. O processo que levou à ida dos brasileiros à França produziu uma série de mutações dentro do futebol, sobretudo no que se refere às suas relações com a sociedade; e 1938 significou uma nova etapa para o futebol brasileiro.

Pela primeira vez, o poder público assumiu a condição de apoiador da delegação de futebol. Os destinos do selecionado já não cabiam apenas nos setores diretamente ligados ao esporte bretão, mas cada brasileiro sentia-se responsável pelo desempenho da equipe. Era como se a nação Brasil estivesse para ser testada em terras europeias. Estava explícita a razão da presença brasileira:

Deseja-se dar à nossa delegação o maior apoio moral e material possível, para não só ser digna do nosso valor futebolístico nos campos da França, como fazer, na Europa, uma grande e eficiente propaganda do Brasil. (*A Gazeta*, 26 mar. 1938.)

A euforia dos torcedores foi alimentada por uma novidade: a transmissão das partidas por meio do rádio. No campo esportivo, a melhor participação brasileira até então. O Brasil chegou até a semifinal: derrota por 2 a 1 para a equipe italiana, que, aliás, conquistaria essa terceira Copa do Mundo. O insucesso brasileiro gerou momentos dramáticos:

Em consequência do grave nervosismo popular verificaram-se ontem à noite [em Fortaleza] numerosos incidentes pessoais.

Merece ser destacado o caso da jovem Maria de Lourdes, de 22 anos de idade, a qual torcia apaixonadamente e, ao saber da derrota do team brasileiro, tentou suicidar-se ingerindo forte dose de veneno.

Maria de Lourdes encontra-se em estado gravíssimo. (*Correio da Manhã*, 18 jun. 1938.)

O mais importante talvez tenha passado despercebido pela maioria: conforme Gilberto Freyre, nascia o futebol brasileiro, com um jeito novo e especial de praticar o esporte vindo da “civilizada Inglaterra”. Esse novo jeito contava com a presença de atletas negros, como Leônidas da Silva.

Em 1950, a organização da Copa e derrota da seleção. Não são poucos aqueles que consideram essa derrota o momento mais marcante do futebol brasileiro, capaz de superar até as conquistas posteriores. A Copa do *Maracanazo* faz parte do imaginário nacional. Talvez fosse a volta do fantasma que nascera em 1938: somos um povo incapaz das grandes conquistas. O desempenho frágil na Copa seguinte (1954) reforçava essa tese.

Em 1958, porém, superava-se o “complexo de vira-latas”. Houve, portanto, o feliz e oportuno encontro do futebol vitorioso com o desenvolvimentismo da Era JK. Assim, é muito representativa a marcha de Wagner M. Sobrinho, Vítor Dago e Lauro Müller:

A Taça do Mundo é nossa
Com brasileiro, não há quem possa
É-eta esquadrão de ouro
É bom no samba, é bom no couro!

A seleção volta a vencer em 1962. Fracassa em 1966, já em plena Ditadura Militar. E volta a vencer



Série de selos comemorativos do Tricampeonato Mundial de Futebol.

em 1970. É o fechamento de um ciclo na história do futebol no Brasil. Os militares no poder descobrem algo estranho: o Brasil, tricampeão mundial, não sabe jogar futebol; precisa aprender com os europeus. Estes conhecem técnica e preparação física. A militarização, presente

desde a Copa de 1970, passou a escolher os caminhos do futebol brasileiro. Não foram bons tempos.

Se no Brasil havia a luta pela democracia, o mundo rico caminhava em direção ao neoliberalismo; este atingiu o futebol brasileiro e, na Copa de 1990, surgia uma novidade dos novos tempos do futebol globalizado: entre os jogadores brasileiros, 12 atuavam no exterior. Uma condição estranha para os torcedores: os jogadores só seriam vistos nos torneios estrangeiros, via televisão. Na Copa de 1994, essa condição se repetiu, mas o Brasil voltou a vencer. Essas duas Copas, assim como as posteriores, foram marcadas pelos grandes negócios. Já os insucessos de 2006 e 2010 mostraram os jogadores brasileiros mais preocupados com seus projetos particulares.

Recentemente, a volta de Ronaldinho Gaúcho para o futebol brasileiro e a permanência de Neymar no Brasil revelam que o futebol brasileiro talvez passe por uma inflexão. Para Renato Rovai,

O país tem repatriado vários jogadores de futebol de expressão e conseguido manter outros que já teriam ido para o exterior porque sua economia é hoje mais estável e pujante do que em outras épocas. Porque tem um mercado interno que consome e que também é movido por ações de marketing que necessitam de estrelas expressivas, como jogadores de um porte de Ronaldinho Gaúcho. (...) Este movimento de repatriamento, porém, não se explica pela “profissionalização do esporte”, como sugerem alguns colunistas da mídia esportiva. Explica-se pelo sucesso da economia nacional, pelas conquistas obtidas durante o governo Lula.

(Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog>>. Acesso em: 13 abr. 2011)

Assim, um pouco diverso do que aponta Wandyr J. Nascimento, o futebol entre os brasileiros não é apenas um circo, um mero objeto de alienação, que retira cada pessoa do real. A contabilidade do jornalista Juca Kfouri faz sentido, pois um país que se dispõe a investir alguns bilhões de reais para receber uma Copa do Mundo e Jogos Olímpicos não pode conviver com ausência do Estado no que é básico a cada brasileiro.

Enfim, o *esporte moderno* no Brasil – que engloba os esportes profissionais, amadores e olímpicos – tem a marca das contradições brasileiras. Ele, só, não é capaz de libertar ou escravizar. A investigação científica mais atenta ao futebol, algo muito concreto nas últimas duas décadas, tende a desvendar características do mais popular esporte no mundo, assim como elementos formadores da sociedade brasileira. Parte da explicação do que é o Brasil e o brasileiro passa pelo futebol.

Ou passarão despercebidos os incontáveis significados provenientes da partida de futebol entre São Bernardo e Corinthians, disputada em 30 de janeiro de 2011, no estádio 1º de Maio, com a presença do ex-presidente Lula vestindo uma camisa dividida entre os dois clubes e torcendo pelo empate? Nesse estádio, entre o final da década de 1970 e o início da seguinte, com a liderança do Lula, assembleias dos metalúrgicos do ABCD registraram a presença de mais de 100 mil trabalhadores. Antes do jogo, discurso do Lula, ao final, empate: 2 a 2. O público, de 15.159 pessoas, foi bem menor do que o que abalou a Ditadura Militar. **Pv**

Plínio Labriola Negreiros é Doutor em História Social pela PUC-SP e Professor da Escola N. S. das Graças.

Referências

- A Gazeta, 26 mar. 1938.
- Correio da Manhã, 18 jun. 1938.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- KFOURI, Juca, para o Jornal da CBN, 24 jan. 2011.
- NASCIMENTO, Wandyr J. In *Folha de S.Paulo*, 16 jan. 2011.
- NEGREIRO, Plínio Labriola. O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo. In DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de (Orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*, São Paulo: Unesp, 2009.
- ROVAI, Renato. Ronaldinho Gaúcho: Quando o futebol se explica pela economia. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog>>. Acesso em: 13 abr. 2011)
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*. São Paulo, nº 22, 1994.



<http://www.sxc.hu/>

A Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 enquanto projetos políticos para o espaço

Danilo Heitor Vilarinho Cajazeira

Este artigo pretende fazer uma análise do papel dos megaeventos esportivos, especificamente a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016, a serem realizadas no Brasil, no processo de reprodução do espaço urbano. Uma vez que o mesmo processo reproduutor do urbano é o responsável pela reprodução do sistema do futebol¹ na metrópole em seus espaços do jogar e do torcer, acredito que os impactos no espaço urbano que se farão sentir com as intervenções necessárias para abrigar a Copa e a Olimpíada dirão respeito a todos os espaços.

O urbano, em seu movimento expansionista, descreve um mesmo processo lógico dialético por todo o mundo. Enquanto processo, baseia-se na apropriação do espaço pelo capital em sua forma industrial, que acarreta a sua consequente produção e reprodução. A forma com que essa apropriação se dá, no entanto, diferencia-se, sofre influência de diversas outras determinações, históricas, sociais, geográficas. Nesse sentido, as particularidades da difusão do futebol na Inglaterra, berço do esporte, e em São Paulo,

uma das duas primeiras capitais brasileiras do futebol junto com o Rio de Janeiro, acompanharam as diferentes formas de apropriação do espaço pelo capital industrial. Na Inglaterra, segundo o historiador Hílario Franco Júnior, os acontecimentos sociopolíticos

A qualquer tempo, é possível encontrar pessoas vestindo camisetas dos principais times do futebol europeu na grande maioria das cidades brasileiras, graças principalmente à difusão da indústria da informação e do papel protagonista da técnica e da mídia na propagação do negócio do futebol.

recentes fizeram com que no futebol se abandonasse “(...) em 1876 o *dribbling game*, a forma individualista de os burgueses ingleses jogarem, na qual o desempenho pessoal era mais importante que o coletivo. Desde então prevaleceu o *passing game*, o jogo solidário dos operários” (2007, p. 30). Já em São Paulo, e de forma generalista no Brasil como um todo, a urbaniza-

ção mantenedora das relações de poder escravocritas opuseram não só burguesia e operariado, mas também, e talvez fundamentalmente, brancos e negros, ricos e pobres. Os times da elite branca praticavam o futebol inglês já dominado pelo *passing game*, já que assim fora demonstrado e instituído ao aqui chegar, enquanto os times de bairro, recheados de operários, negros e pobres, reinventavam-no de forma tão criativa e potente que, no futuro, seria o drible a maior característica do futebol brasileiro, imortalizado nas figuras de Pelé e Garrincha.

À medida que o urbano se autonomiza da industrialização e transforma-se em processo mundial, no entanto, instaura-se uma sobredeterminação do econômico, da relação de compra e venda, que passa a reproduzir as relações sociais de produção por todas as esferas da vida, colocando a mercadoria como mediadora única das relações sociais, totalizando a troca econômica enquanto principal determinadora do modo de vida da população mundial. O sistema do futebol, dessa forma, embora ainda bastante relacionado com o processo de produção e reprodução do espaço urbano, ganha certa autonomia em algumas de suas formas de manifestação, instalando-se enquanto negócio independente da metrópole, ou melhor, cortando pouco a pouco as raízes particularizadoras de sua gênese nesta ou naquela cidade. A qualquer tempo, é possível encontrar pessoas vestindo camisetas dos principais times do futebol europeu na grande maioria das cidades brasileiras, graças principalmente

Divulgação



à difusão da indústria da informação e do papel protagonista da técnica e da mídia na propagação do negócio do futebol. Ao mesmo tempo, é muito comum também encontrar pessoas usando as camisas de seus times de várzea, camisas que representam seu lugar, seu bairro, seu espaço. A mesma lógica contraditória que urbaniza enquanto impede o uso do urbano cria a possibilidade de reprodução do sistema do futebol, ainda que não mais tão sistema, em suas diversas formas e conteúdos. Cria e recria espaços do jogar e do torcer, causa conflitos, e retroalimenta o impulso urbanizador – não são poucas as equipes de várzea de lugares distantes do centro da metrópole que têm membros envolvidos (ou mesmo toda a equipe) em lutas por moradia, saneamento, infra-estrutura – ou seja, lutas pela urbanização. E não são poucas as equipes, entidades e instituições que cercam o sistema do futebol e tratam de o reproduzir na forma mercadoria, até mesmo frente a outras formas urbanas de jogo, como o futebol de salão e o futebol *society*.

Atravessado, portanto, pela metrópole que impossibilita aqui para recrivar ali os seus espaços, o sistema do futebol vê em seu caráter espacial uma mudança cada vez mais em curso que, de meio para a festa, o transforma em fim em si mesmo, em mercadoria, em consumo. E enquanto consumo, na metrópole, aparece normatizado e formatado de acordo com cada lugar, cada espaço; porém, apesar de autonomizado do urbano pelo econômico no que diz respeito às suas formas, seus conteúdos continuam a revelar-se dialéticamente imbricados ao mesmo urbano, de festa a mercadoria, de encontro a confronto. É, assim, um *sistema aberto*: ao mesmo tempo que se reproduz em consonância com a expansão urbana, move-se para diferentes lados e em direção à recriação das formas atuantes e ao surgimento de formas novas dentro de seu próprio processo de funcionamento e retroalimentação. Não se fecha em um circuito espacial definido, mas também não acontece espontaneamente; não aparece enquanto fenômeno e sim enquanto processo impulsionado por uma mesma lógica dialética: a do capital industrial no urbano.

No começo de sua instituição enquanto esporte moderno, segundo Franco Júnior,

...como toda normatização (de leis, regras, estatutos, dogmas, princípios, costumes) oral ou escrita, consentida ou imposta, de procedência individual ou grupal, também a do futebol era resposta a certas demandas coletivas. A maior delas talvez fosse a manutenção da ordem estabelecida, porque tal como era jogado até então o futebol podia provocar violência e desordem. A regulamentação dele fazia parte do processo que desde o século XVIII visava domar e dominar o corpo, submetendo-o ao poder socialmente instalado. (2007, p. 28)

Ao chegar ao Brasil, no entanto, o jogo encontrou uma realidade espacial que lhe permitiu ir além da regulamentação, se transformar em meio para a festa.

Invadido o espaço urbano pela mercadoria e transformada a cidade em metrópole, o futebol então se tornou basilarmente fim em si mesmo, seja no jogar ou no torcer. De encontro, tornou-se confronto: as normas do mercado, do capital urbano no espaço, criaram formas espaciais consumíveis, tanto no futebol amador quanto nas arquibancadas. A velocidade da troca, cada vez mais acelerada, impede quase sempre o encontro para além das normas e das formas. E, nesse impedimento, está o corpo, controlado, normatizado, dilacerado pelo espetáculo.

A adequação imagética e corporal ao espetáculo e à cidade, aos tempos do capital veloz, traz cada vez menos conteúdo às formas do sistema do futebol. Ao se encerrar em si mesma, e ao apartar de si grande parte da população através dos constrangimentos², quer sejam da mercadoria, quer sejam da intervenção estatal, o futebol caminha no sentido de ter no corpo as representações do espetáculo, mesmo nos campos de terra batida da periferia mais erma. Implodido espacialmente, o sistema trespassa para o corpo a mesma normatização espacial que, apoiada na especulação imobiliária, evoca o conceito de “arena” para os estádios: espaços segregados, controlados, disciplinados e extremamente funcionalizados. A cada nova forma, uma incidência ainda mais forte da norma, acentuando mais e mais o descompasso entre os conteúdos da vida social e os espaços do jogar e do torcer, escrevendo e inscrevendo no corpo o discurso mediador do es-

petáculo e da mercadoria, do espetáculo-mercadoria, da mercadoria-espétáculo. Neste sentido, as “arenas”, ou os estádios multifuncionalizados, são na verdade a antiarena: no lugar da paixão, do inesperado, do confronto sem regras e sem escrúpulos entre o homem e a fera, está o consumidor padrão, o cidadão civilizado.

A criação dos Setores VISA nos estádios do Morumbi e do Palestra Itália, em São Paulo, por exemplo, é sinônimo disso: espaços elitizados e funcionalizados, assemelhados ao torcer europeu ou a uma plateia de teatro, com direito a serviços exclusivos.

Segundo Seabra,

(...) é de se considerar que, nesse movimento de produção do espaço e reprodução das relações sociais de produção, sob a lógica capitalista, os conteúdos da vida social [transformem-se] muito mais rapidamente do que a materialidade das formas no urbano, podendo, inclusive, ficar em defasagem com o movimento dos conteúdos. (2003, p. 447)

Os estádios de futebol encaixam-se nessa análise: enquanto os conteúdos da vida social, alienados espacialmente pela mercadoria e pela propaganda da Copa de 2014, anseiam por uma “modernização”, as condições materiais dos espaços do torcer tornam-se mais e mais obsoletas à medida que se segue à risca um padrão imposto pela Fifa (Federação Internacional de Futebol *Association*) a todo o mundo, sem que pese a diferença da velocidade das transformações espaciais e sociais neste e naquele território; a construção de todo o aparelho urbano para a Olimpíada segue a mesma lógica, comandada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional). Assim, continuamos repro-

duzindo nossa síndrome da eterna defasagem, intervindo no espaço em busca de um conteúdo que existe apenas no discurso, mas que não foi ainda construído socialmente.

Alheia ao descompasso, entretanto, a normatização espacial dos estádios, assim, segue de acordo com a normatização espacial da cidade. A criação dos Setores VISA nos estádios do Morumbi e do Palestra Itália, em São Paulo, por exemplo, é sinônimo disso: espaços elitizados e funcionalizados, assemelhados ao torcer europeu ou a uma plateia de teatro, com direito a serviços exclusivos. São o princípio de um processo que busca transformar os dois estádios em “arenas multiuso”, ou seja, concentração espacial de não-lugares (*shopping*, estacionamento etc.). O jogo de futebol, atividade fundamental e fundamentadora do espaço do estádio, torna-se apenas uma funcionalização possível, e desde que os consumidores do jogo estejam suficientemente disciplinados para não inviabilizar as outras funcionalidades da “arena”. O Morumbi caminha aos poucos nesse sentido, com a venda de setores para empresas privadas; o Palestra Itália passa por uma reforma que o colocará no patamar das grandes “arenas” europeias. A indicação da construção de um estádio em Itaquera pelo Comitê Organizador da Copa em São Paulo para ser a sede paulista da Copa é ainda mais explicitamente um projeto de valorização imobiliária do bairro e do seu entorno.

Essa “modernização”, que se desdobra em processo de valorização e desvalorização dos espaços em que se inscreve, tem como parceira a especulação imobiliária, que se vale do processo para atrair outras obras de grande porte e mesmo construir outros estádios. Esses “novos estádios”, ou “arenas”,

(...) se convierten en nuevas centralidades. Alrededor de ellos se desarrollan las actividades de ocio. Son lugares percibidos de manera diferente. Se ofrecen diversas alternativas de consumo y de negocio. Hay locales comerciales, empresas de negocios, comercios, hostelería y por supuesto partidos de fútbol. Pero estos nuevos estadios, ubicados en la periferia, convierten a los asistentes a los partidos en meros “turistas” del extrarradio de la ciudad. Tanto los promotores inmobiliarios como los constructores y los políticos defienden

estas actividades alegando la necesidad de mejorar las áreas centrales de las ciudades y de paso, potenciar las actuales ubicaciones de los estadios. (Díez, 2008).

São projetos políticos que fragmentam ainda mais o espaço urbano e exacerbam a possibilidade de confronto (por tornar o espaço ainda menos pertencente, ainda menos valor de uso e ainda mais valor de troca), elitizam os espaços do torcer, da mesma maneira com que foi feito com o Carnaval e o sambódromo e com as salas de cinema, hoje todas dentro de *shoppings* em São Paulo. E que não se resumem aos estádios: abarca aeroportos, hotéis, telecomunicações, segurança e diversas outras questões de política pública³ que dizem respeito ao espaço urbano.

...a orientação política governamental é a de facilitar a todo custo as grandes obras visando os dois megaeventos...

Um processo que foi visto na Alemanha para a Copa de 2006 e na África do Sul para a Copa de 2010; que aparta ainda mais do urbano o morador da periferia; que busca o negócio acima de tudo. E que pode ser visto também no processo de preparação do Rio de Janeiro para os Jogos Pan-Americanos de 2007, como colocam Mascarenhas e Borges:

vimos o quanto o Pan-2007 se encaixa no modelo empreendedorista de gestão urbana, ao articular em torno de si um conjunto de interesses privados com amplo apoio do poder público, conformando um projeto de intervenção urbanística que, muito mais que se preocupar com a viabilidade do evento, voltou-se para a realização de grandes negócios, mormente desrespeitando a legislação ambiental e urbana. Outro aspecto do Pan-2007 foi a natureza autoritária de sua concepção, planejamento e execução, não abrindo canais de debate democrático sobre seus objetivos e impactos. Por fim, o Pan-2007 ratificou um modelo de desenvolvimento urbano segregacio-

nista, ao concentrar suas intervenções no entorno da Barra da Tijuca. (2008, p. 21-22)

Entretanto, continuam os autores,

(...) as resistências se fizeram notar, através da organização da sociedade civil. (...) O confronto entre dois modelos de gestão urbana se intensificou, e não permitiu, aos defensores do chamado planejamento estratégico, de cunho empreendedorista, ampliar a privatização e elitização do espaço urbano. (p. 22)

Não obstante, foi também no Rio de Janeiro que surgiu a ANT (Associação Nacional dos Torcedores)⁴, em 10 de outubro de 2010, organização que ainda engatinha mas que tem como princípio ir contra o processo de elitização e modernização conservadora dos espaços esportivos no Brasil. Também os movimentos sociais não estão parados: há comitês locais se organizando e agindo em relação às obras para a Copa e para a Olimpíada e suas consequências, como o despejo de milhares de famílias de locais por onde passarão corredores de trânsito ou se erguerão estádios, centros esportivos ou hotéis⁵.

Se, de um lado, a orientação política governamental é a de facilitar a todo custo as grandes obras visando os dois megaeventos⁶, em consonância com o projeto de criação de corredores de exportação de mercadorias sintetizado na Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (Plano IIRSA)⁷, de outro há a sociedade civil que desde antes da nomeação do Brasil para sede da Copa de 2014 e do Rio para a Olimpíada de 2016 se organiza no sentido de direcionar para o interesse popular os investimentos que os poderes público e privado farão no espaço urbano.

O conflito pelo uso da cidade não é novo, mas os megaeventos trazem uma intensificação que explica cada dia mais as contradições que a apropriação do espaço pelo capital imobiliário carrega consigo. Resta saber se nesse braço de ferro vencerão a propriedade privada e a especulação ou o poder popular. **Pv**

Danilo Heitor Vilarinho Cajazeira é Geógrafo formado pela Universidade de São Paulo (USP).

Notas

1. A ideia de um “sistema do futebol” foi sistematizada por Seabra: “Na verdade, o futebol cresceu, foi penetrando as estruturas de lazer da sociedade, compondo uma esfera da divisão do trabalho social, a partir de certas relações internas que já estavam inscritas no seus fundamentos, enquanto atividade. Nesse fundamento, lá atrás, por separações sucessivas, foram se figurando e ganhando realidade, componentes monetarizados da atividade (...). De modo que o profissionalismo fora sendo gestado no interior do amadorismo, atravessando-o por relações monetárias. Mas o processo de organização interna, lógica e como um domínio de negócios ligados ao futebol, formando o *sistema do futebol*, iria muito mais longe, continuaria sendo aprofundado (...).” (Seabra, 2003, p. 353-354; grifo meu)
2. Constrangimentos que se revelam inclusive na própria arquitetura do estádio: barras e placas de ferro, lanças com pontas, vidros à prova de bala, corredores estreitos para entrada e saída, entre muitos outros exemplos possíveis.
3. A revista *Veja São Paulo* nº 46, de 21 de novembro de 2007, traz matéria de capa intitulada “O que a cidade precisa fazer para receber a Copa de 2014”, que trata de todas essas questões. Em cada uma delas, a solução apontada pela revista é meramente técnica e de intervenção espacial – reiteração do projeto político liberal da própria *Veja*.
4. Disponível em: <<http://www.torcedores.org/>> . Acesso em: 15 abr. 2011.
5. Ver, por exemplo: <<http://www.brasildefato.com.br/node/5737>>. Acesso em: 22 fev. 2011.
6. Conforme mostra, por exemplo, a notícia “Copa 2014: TCU identifica superfaturamento quadruplicado”, disponível em: <http://www.agecopa2014.com.br/?p=noticia&id_noticia=6538>. Acesso em: 22 fev. 2011.
7. Ver <<http://www.irsa.org/>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

Referências

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____. *Novas contradições do espaço*. In: *O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 62-74.
- DAMIANI, Amélia Luisa. *A Geografia que desejamos*. In: *Boletim Paulista de Geografia* nº 83 – *Perspectiva Crítica*. São Paulo: AGB, 2005, p. 57-90.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DÍEZ, Jordi Blasco. *La especulación inmobiliaria de los clubs de fútbol en España*. In: *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. XIII, nº 778, 15 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-778.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2009.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HOBSBAWN, Eric. A formação da cultura da classe operária britânica. In: *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. *Lógica formal, Lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MASCARENHAS de JESUS, Gilmar. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001 (tese de doutorado).
- _____. e BORGES, Fátima Cristina da S. Entre o empreendedorismo urbano e a gestão democrática da cidade: dilemas e impactos do Pan-2007 na Marina da Glória. In: *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro: UERJ, ano 4, nº 10, nov.2008/ fev.2009.
- _____. e GAFFNEY, Christopher. *O estádio de futebol como espaço disciplinar*. Florianópolis: Seminário International Michel Foucault – Perspectivas, 2004.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003 (tese de livre-docência).
- _____. *Futebol: do ócio ao negócio*. Palestra proferida no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, set. 2006.



Davi Francisco da Silva

Esporte e mídia no Brasil: uma relação mutuamente dependente

NEI JORGE DOS SANTOS JUNIOR

No âmbito das ciências sociais a discussão entre esporte e mídia vem ganhando cada vez mais espaço no cenário acadêmico. Esse interesse é resultado das transformações decorrentes da mundialização dos bens culturais, o que permite, automaticamente, um emaranhado de conceitos e modelos para a compreensão desses dois fenômenos.

Embora consciente de que essa discussão conceitual mostra-se de suma importância na construção e consolidação do campo, o texto prende-se na formação mutuamente dependente dos dois fenômenos, partindo da hipótese que o esporte, enquanto fenô-

meno, se autoafirma na formação do discurso midiático, levando em consideração que essa relação se estabelece por meio de moedas de trocas, isto é, na construção de índices para discussão pública.

ESPORTE E MÍDIA NO BRASIL: UM PEQUENO PANORAMA

Durante a segunda metade do século XIX, os jornais brasileiros passaram a incorporar novas propostas de valorização dos fatos em detrimento das opiniões. Num contexto de transformações editoriais,



Davi Francisco da Silva

acontece em 1856 a irrupção da imprensa esportiva no Brasil, quando é publicado na cidade do Rio de Janeiro o periódico *O Atleta*, com objetivo de difundir o aprimoramento físico entre os habitantes da capital do país. O jornal era praticamente o único meio de comunicação de massa naquela época, desempenhando, assim, um papel fundamental na construção das representações sociais como formadores de opiniões.

Os embalos proporcionados pela representatividade ocupada pelo turfe no cenário social da época fizeram com que se mantivesse, em grande parte, um espaço dedicado a esse esporte nas primeiras colunas esportivas no século XIX. Nessa época já se mantinha um relacionamento mutuamente lucrativo. O jornal dedicava-se a aumentar a lucratividade na venda de exemplares, por consequência, um aumento dos espaços publicitários. Já os clubes interessavam-se pela divulgação dos campeonatos, o que, automaticamente, atrairia um número maior de espectadores para os locais de competição.

Algumas transformações no jornalismo esportivo ocorrem no momento em que o futebol começa entrar em cena. Na década de 1910, as partidas e os campeonatos de futebol ganhariam suas primeiras

páginas inteiras dedicadas aos jogos nos jornais mais importantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, com fotos de lances de futebol, descritos de forma a detalhar todo o evento: as condições climáticas, o fluxo das pessoas em torno do estádio, o ânimo dos espectadores e todos os lances da partida.

O aspecto era sobremodo grandioso e deslumbrante: um mar de gente agrupado em torno do quadrilátero gramado, por sobre tudo centenas de bandeiras de nações amigas e de entidades esportivas, e ao longe, circundando este conjunto, um círculo de montanhas que, majestosamente, parecia proteger os que ali se achavam vibrantes de vitalidade e entusiasmo, contra qualquer imprevisto que, porventura, pretendesse vir a quebrar a harmonia àquela imponência.

Pouco antes de ser iniciada a peleja, dois aeronaves vieram evoluir por sobre o stadium, praticando proezas de verdadeiros dominadores do ar. Eram campeões de nobres sports, que vieram homenagear o irmão de um outro sport não menos nobre. O início do Campeonato foi honrado com a presença de S.Excia. o Sr. Presidente da República, que chegou ao local do match pouco antes do mesmo principiar, só se retirando depois de seu final. (Mazzoni, 1950, p. 42).

Contudo, as seções esportivas dos jornais brasileiros foram compostas numa espécie de refúgio das vocações frustradas do jornalismo. Ou seja, quem não fosse dotado para ocupar uma banca de redação, ou não tivesse uma fundamentação intelectual para exercer a reportagem geral, em suas variantes de política, política internacional, assuntos da cidade, acabaria despachado ou para a seção de polícia ou para o esporte (Shuen e Sousa, 2005).

Essa desvalorização sobre a imprensa esportiva no Brasil perpetuou-se até o início da década de 1940, quando o futebol adquiriu suma importância no quadro social brasileiro. Nesse contexto, o jornal se vê diante uma simbiose para atender as demandas sociais, muitas das vezes cedendo à resistência própria para obter maior lucro. Para se ter ideia, dentro da hierarquia do jornal, a editoria de esportes é a que tem mais autonomia, pois há menos entrave na análise do esporte do que na da política ou economia. Neste sentido, os columnistas, em particular, desenvolvem

um trabalho ímpar para a legitimação e institucionalização do campo esportivo, na medida em que promovem uma grande “falação” acerca de fatores que consideram relevantes e de interesse público.

A partir da década de 1960, os meios de comunicação de massa, apoiados à incipiente televisão, desenvolvem uma nova concepção de narrativa, sensibilizados com as inovações tecnológicas, auxiliam na formação de novos hábitos no cotidiano, unificando padrões de consumo numa visão nacionalista.

Como os meios eram predominantemente de capitais nacionais e aderiam à ideologia desenvolvimentista, que confiava a modernização à substituição de importações e ao fortalecimento industrial de cada país, mesmo os atores mais internacionalizados naquele momento – como a TV e a publicidade – nos incitavam a comprar produtos nacionais e difundiam o conhecimento do próprio. (Canclini, 2006, p. 130)

Nesse contexto, o esporte, embalado por saudosas conquistas do futebol nas copas do mundo de 1958 e 1962, ganha um espaço privilegiado nos grandes jornais brasileiros, que passam a incluir regularmente os cadernos de noticiário esportivo, tendo se desenvolvido de forma expressa nos anos em que a imprensa brasileira esteve sob forte censura militar. No entanto, o advento da televisão e sua significativa introdução nos lares brasileiros nas décadas de

Davi Francisco da Silva



1960 e 1970 ampliaram o alcance de alguns esportes, tornando-se definitivamente um fenômeno de massas em nível nacional.

Na década de 1980, configura-se, a partir da abertura do mercado global, um processo de revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, acompanhado de transformações econômicas e da integração de processos regionais ao âmbito das culturas nacionais. Nesse sentido, a transnacionalização das tecnologias e da comercialização de bens culturais diminuiu a importância dos referenciais tradicionais de identidade. O esporte ressignifica novos valores através desses processos mundializados¹ por características espetacularizadas, oportuniza uma adaptação ao público global, atraindo investimentos bilionários, visibilidade dos atletas, recursos tecnológicos, disputa de publicidade, entre outras, nas quais irá articular-se para consolidação de uma cultura internacional-popular², ou seja, objetos e referências culturais traduzidos em termos imagéticos, imediatamente inteligíveis, numa concepção global (Ortiz, 2006).

Contudo, é preciso reconhecer que “a cultura nacional não se extingue, mas se converte em uma fórmula para designar a continuidade de uma memória histórica instável, que se reconstrói em interação com referentes culturais transnacionais” (Canclini, p. 46). Portanto, cotidianamente estamos ressignificando novos valores mundializados, expressos por um mecanismo que reorienta a organização das sociedades contemporâneas, onde facilmente o esporte incorpora essas expressões pelo poder de penetrabilidade social que o concebe, atraindo olhares significativos de todas as companhias do mundo.

A FORMAÇÃO DO TELESPECTADOR ESPORTIVO

Particularmente no Brasil, a televisão caracterizou-se pela centralização das emissoras num processo de industrialização acelerado e centralizado nas grandes metrópoles brasileiras. Nesse sentido, a industrialização articulada com o crescimento dos meios de comunicação despontou como elemento difusor para uma maior concentração urbana, na perspectiva

incessante de obter maior lucratividade. Para Mattos (1990), isso contribuiu para facilitar a distribuição e circulação da mídia impressa e para maior penetração da mídia eletrônica, aumentando o faturamento total desses veículos oriundos das indústrias de consumo através de anúncios publicitários, que teve papel decisivo no crescimento da televisão. Ainda de acordo

A transformação do esporte em espetáculo de fácil consumo globalizado oportuniza uma progressiva adaptação do esporte à linguagem televisiva.

com o autor, outro fator relevante foi a construção de novas rodovias e aeroportos e a modernização do sistema de telecomunicações, contribuindo para o crescimento dos veículos, com a abertura de novos canais de distribuição, tanto para a mídia impressa, quanto para a mídia eletrônica. Essas ações e medidas voltadas especificamente para o controle e a modernização da mídia impressa devem-se explicitamente à expansão da capacidade do parque gráfico do país. Com isso, a televisão desponta como difusora do esporte moderno.

Em sua gênese, a televisão já se fazia perceber pela capacidade de transformações que poderia causar ao esporte. Briggs e Burke (2004) citam um escritor que, ao final do século XIX, previa que poderia ela tornar possível aos “espectadores” acompanhar vários eventos à distância, configurando uma nova possibilidade de espetacularização.

[...] o artista do futuro será capaz de viajar com as corridas de Derby ou Leger, as apostas de Cesarewitch ou jubilee; com o jogo (de críquete) dos Gentlemen contra os Players [que não sobreviveu por razões que ele não previu], o campeonato amador [de boxe], a corrida de barcos de Varsity, ou um murro com luvas no National Sporting Club; para mostrar a você os espectadores, os dirigentes, os árbitros, os juízes, os cavalos, os jóqueis, os barcos, a água, os campos esportivos e tudo mais, e deitá-lo com um dia de esportes quando quiser ou quando planejar (p. 180).

A televisão, portanto, transforma-se claramente no principal meio de propagação do fenômeno esportivo moderno, permitindo um relatório vivo, não sómente pelo audiovisual, mas pela sensação do ser, tão massificada pela televisão, ostentando principalmente as competições de forma a propiciar um espetáculo sem sair de suas casas (Beck e Bosshart, 2003). Contudo, Debord (2006, p. 14) afirma que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens”, onde a televisão em busca do sensacional “convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico” (Bourdieu, 1997, p. 25).

Portanto, a televisão faz do fenômeno esportivo uma edição pública de extrema importância, na qual o objetivo principal é mediar de forma intensa sua transformação em mercadoria de venda.

UM RELACIONAMENTO MUTUAMENTE DEPENDENTE

A transformação do esporte em espetáculo de fácil consumo globalizado oportuniza uma progressiva adaptação do esporte à linguagem televisiva. Nesse sentido, observam-se alterações significativas, como o uso dos uniformes para a inclusão de publicidade e a aprovação de mudanças nas regras de diversas modalidades, como condição para serem incluídas nas grades de programação televisiva. Mostra-se assim a simbiose do esporte com os meios de comunicação de massa na contemporaneidade. Isso implicou, sobretudo, a redução dos tempos inativos e da própria imprevisibilidade do tempo total da disputa, além do estabelecimento de paradas programadas para a introdução de material publicitário no decorrer dos jogos. O exemplo mais explícito e com enorme sucesso nessas alterações é, sem dúvida, o voleibol. Esse conjunto de medidas adotadas para consolidar a integração de diversas modalidades ao universo televisivo foi indicado, em 1993, pelo então Presidente do Comitê Olímpico Internacional – COI –, marquês Juan Antonio Samaranch:

[...] os esportes que não se adaptarem à televisão estarão fadados ao desaparecimento. Da mesma forma, as televisões que não souberem buscar o acesso aos programas esportivos jamais conseguirão sucesso financeiro e de público. (Nuzzman, 1996, p. 15)

Nessa perspectiva, afirma Debord (2006, p. 39): “A raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexões desenvolvidas ao longo do texto possibilitam uma compreensão sobre a formação do esporte-espetáculo no Brasil. Ou melhor, pode-se entender que essa prática já nasce sob o signo do espetáculo, incorporado rapidamente pelos jornais na metade do século XIX, difundido com apelos nacionalistas nas primeiras décadas do século XX, retomado na década de 1960 sob o mesmo discurso de décadas anteriores, até a transição de 1980 a 1990, com narrativas incorporadas por valores mundializados, representados contemporaneamente de forma desterritorializada. **Pv**

Nei Jorge dos Santos Junior é mestrando em História Comparada (UFRJ). edfnai@hotmail.com



Davi Francisco da Silva

Notas

1. Considero mundialização as categorias trabalhadas por Renato Ortiz (2006).
2. Categoria trabalhada por Renato Ortiz no livro *Mundialização e cultura* (2006), para definir uma memória cultural coletiva compartilhada por diversas nações.

Referências

- BECK, Daniel; BOSSHART, Louis. *Sports and Media*. Communication research trends. Centre for the Study of Communication and Culture, vol. 22, n. 4, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. In: *Opinião Pública*. Campinas, vol. VIII, n. 1, 2002, p. 40-53.
- _____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução: Maurício Santana Dias. 6.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. 7. impressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história (1950-1990)*. Salvador: ABAP-BA/A tarde, 1990.
- NUZZMAN, Carlos Arthur. A importância do marketing esportivo para o desenvolvimento do esporte. In: SEMINÁRIO Indesp de Marketing Esportivo. *Anais...* Brasília: Indesp, 1996.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- _____. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- _____. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SHUEN, Li-Chang; SOUSA, Cristina Silva. *Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica*, 2005.



Ilustração RM, a partir de foto de <http://www.sxc.hu/>

Mercado, negócios e negociatas no esporte

SÉRGIO LUIZ CARLOS DOS SANTOS

O século XXI apresentou inúmeras revoluções tecnológicas, entre elas o surgimento das redes sociais onde o *mass media* necessitou reciclar seus conceitos mais enraizados e atualizá-los para sobreviver. Enfim estamos na era da informação eletrônica, do Facebook, do Twitter e dos i-Pads. Entretanto o que não muda mesmo no Brasil é a impunidade, a corrupção e os péssimos políticos que não representam a população e sim os espúrios interesses de quem pagou sua campanha.

No esporte, que foi considerado o fenômeno social do século XX, a situação não é nada diferente.

Os principais periódicos do mundo retratam a miséria humana dos dirigentes que utilizam o fenômeno esporte para satisfazer seus interesses econômicos, de poder, e os de seus patrocinadores.

Somente para ilustrar o potencial do mercado esportivo, vamos ver um exemplo americano: nos Estados Unidos o mercado de calçados esportivos mobiliza US\$ 6.4 bilhões, correspondendo a um total de 381 milhões de pares. As vendas desses calçados têm ganhos anuais de dois dígitos desde os anos 1980. (Strategia, 2011). Betrán (2011), renomado pesquisador espanhol, afirma que o esporte, e essencialmente o

futebol, é o único fenômeno que mobiliza as emoções humanas de segunda a sábado (de segunda a quarta discutindo o resultado do futebol de domingo e de quinta a sábado especulando sobre o jogo do próximo domingo).

**As políticas esportivas
estão sendo declinadas em
detrimento do faturamento
milionário do mercado
esportivo, as notícias dos
escândalos em torno do
ministro do esporte brasileiro
saltam diariamente nos jornais
do país...**

Por isso exemplificamos com a analogia do mercado de calçados (vende bilhões de dólares) e com os outros bilhões que advêm do *marketing* esportivo mundial para entender as exacerbadas quantias que movem o esporte e o prestígio advindo da organização dos megaeventos esportivos que aclararam as razões de tanta corrupção e negociatas infundadas de Federações, comitês olímpicos e outras instituições que são “doras” dos esportes, com dirigentes ditadores, os quais se perpetuam no cargo por décadas (Fifa, CBF, COB, COI, para citar alguns exemplos).

A empresa de auditoria Deloitte (2011) corrobora com as afirmações acima:

Sin embargo, estas cifras son sólo la punta del iceberg del marketing deportivo. Las razones por las cuales los países y las ciudades invierten estas enormes cifras en eventos cuyo desarrollo no pasa de los 30 días, son variadas. De acuerdo con el estudio “How major sporting events can drive positive change for host communities and economies” (Cómo pueden los grandes acontecimientos deportivos generar cambios positivos en las comunidades y las economías), de la compañía de auditoría Deloitte, eventos deportivos y de entretenimiento, como los Juegos Olímpicos y Pa-

ralímpicos, la Copa del Mundo de la Fifa, la Fórmula Uno, el Tour de Francia o la Expo Mundial, se han convertido en programas de máxima prioridad para los gobiernos porque pueden ser usados para generar cambios efectivos, elevar el prestígio del país o la ciudad anfitriones e impulsar su desarrollo económico, político y social. El mismo estudio de Deloitte indica que “la mayoría de los organizadores recibe beneficios significativamente mayores que lo invertido en tiempo, dinero y esfuerzo”. Pero no todos los países o las ciudades son candidatos a albergar eventos de semejante envergadura por razones obvias (economía, infraestructura, componentes de seguridad, capacidad de inversión, etcétera), a las que se suman intangibles en el éxito de la organización y el desarrollo de las justas, como la pasión o el liderazgo. Las ganancias que un evento deportivo de características ecuménicas puede generar para el anfitrión se traducen en prestígio mundial, incremento de número de visitantes al país o la ciudad y comercialización, ya que las competencias suelen ser un foco de inversión de grandes marcas, que ven en ello una oportunidad única de ampliar su presencia en los mercados y conquistar nuevos públicos, gracias a su patrocinio del certamen, además de las compañías locales, que deben ser incluidas por el gobierno en el engranaje comercial.

Os lucros exorbitantes dos megaeventos, associados à venda dos produtos esportivos, mobilizam verdadeiras fortunas que não chegam às mãos dos projetos sociais e, tampouco, modificaram as políticas esportivas do Brasil, futura sede do Campeonato Mundial de Futebol e dos Jogos Olímpicos, nos próximos anos.

A experiência dos Jogos Pan-americanos ainda nos chama a atenção, no aspecto das contas, auditadas e não aprovadas até os dias de hoje, Claramente vemos tão somente a ganância dos dirigentes em auferir lucros exorbitantes com as “negociatas” dos megaeventos, ou seja, toda a estrutura que permeia os eventos.

As políticas esportivas estão sendo declinadas em detrimento do faturamento milionário do mercado esportivo, as notícias dos escândalos em torno do ministro do esporte brasileiro saltam diariamente nos jornais do país, porém nada disso soluciona a falta de política esportiva, deixando nossos valorosos atletas à mercê de miseráveis bolsas (atleta, incentivos etc.)

que não cobrem os custos básicos dos nossos representantes esportivos, e sabemos que a preparação de alto nível demanda milhões, a detecção e a formação do talento esportivo outros milhares de dólares, mas

A Fifa é comandada por um pequeno grupo de homens (...) que está lá há muitos anos. São homens em quem não devemos confiar e contra quem temos provas contundentes.

nada disso preocupa os dirigentes esportivos (mais “cartolas” que dirigentes), segundo Andrews Jennings, repórter investigativo e um dos melhores da Inglaterra, que publicou em 2006 um livro intitulado *Foul! The Secret World of Fifa: Bribes, Vote-rigging and Ticket Scandals* (em livre tradução, *Falta! O mundo secreto da Fifa: subornos, compra de votos e escândalos com ingressos*), uma franca alusão à corrupção instaurada na Fifa, envolvendo inclusive João Havelange, que presidiu a instituição durante anos, e seu genro Ricardo Teixeira, atual presidente da CBF.

Em recente entrevista concedida ao jornal *O Estado de S. Paulo*, ele elucida os fatos em suas assertivas:

A Fifa controla o dinheiro, marca os adversários e dribla a Justiça

Enquanto o English Team sofria para passar às oitavas contra a Eslovênia, o escocês Andrew Jennings desafiava o sarcasmo adquirido ao longo da vida de repórter investigativo na Inglaterra, na BBC e em grandes jornais. Com a pontaria muito mais calibrada que a dos artilheiros desta Copa do Mundo, o jornalista vai relatando casos de corrupção que apurou para produzir seus três livros sobre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e outro sobre a Federação Internacional de Futebol (Fifa) – mesmo sendo o único jornalista do mundo banido das coletivas da entidade desde 2003.

Um dos escândalos relatados por ele em 2006, no livro *Foul! The Secret World of Fifa* (não traduzido no Brasil), teve um desfecho na sexta-feira. Altos dirigentes da organização máxima do futebol receberam propina, admitiu a Justiça suíça. Mas eles não serão punidos porque a lei do país, que é sede da Fifa, permitia o “bicho” na época.

Os figurões pagarão apenas os custos legais e suas identidades não serão reveladas. “É por isso que meu segundo livro sobre o tema será uma comparação da Fifa com o crime organizado”, conta. Ele optou por publicar a obra depois das eleições na entidade, em maio de 2011, embora duvide que alguém vá enfrentar o dono da bola, Joseph Blatter. “Ninguém ousa desafiar a Fifa porque eles controlam o dinheiro. E a imprensa cala”, dispara Jennings.

Em suas investigações sobre a Fifa, o que o senhor descobriu?

A Fifa é comandada por um pequeno grupo de homens – não há mulheres em altos postos da entidade e isso fala por si – que está lá há muitos anos. São homens em quem não devemos confiar e contra quem temos provas contundentes. Eles podem continuar no poder porque controlam o dinheiro. E tornam a vida dos dirigentes das confederações nacionais muito boa e fácil. Fico envergonhado porque ninguém se manifesta contra esse poder.

Como os dirigentes se manifestariam?

Zurique, sede da Fifa, é uma Pyongyang do futebol. O líder fala e os outros agradecem. Numa democracia é esperado que haja discordância, oposição. Na Fifa, não há. Eles têm um congresso a que, ironicamente, chamam de parlamento. São cerca de 600 delegados – acho que são 2 ou 3 por país representado, e são 208 países. Se você chegasse de Marte acharia que o mundo é perfeito, porque todos concordam. É vergonhoso. Nisso, a CBF é tão culpada quanto todas as outras confederações.

Que instrumentos a Fifa usa para manter esse poder?

A Fifa dá cerca de US\$ 250 mil por ano para cada país investir em futebol. Na Europa, não precisamos desse dinheiro. A indústria do futebol fatura o suficiente para se alimentar. Mas é uma forma de a Fifa se manter. Esse dinheiro nunca é auditado. Na Suíça, a propina comercial não era ilegal até pouco tempo, apenas o suborno de oficiais do governo. O caso que euuento no meu livro é justamente sobre um esquema de propinas

pagas pela International Sport and Leisure (ISL), empresa que negociava os direitos televisivos e de marketing da Fifa. A história é cheia de detalhes, mas no final a ISL só foi responsabilizada pelo fato de gerenciar mal seus negócios enquanto devia para outras empresas.

O que me deixa enojado é que os líderes dos países – o primeiro-ministro britânico, o presidente Lula e todos os outros – façam negócio com essas pessoas.

Não houve punição?

Como eu disse, o pagamento de propina não era ilegal na Suíça. Portanto, não havia crime a ser punido. As acusações contra a Fifa foram retiradas e a entidade foi multada em 5,5 milhões de francos suíços (cerca de US\$ 5 milhões) para custos legais.

Por que os governos não se envolvem ou a Justiça não faz algo?

Porque a sede da Fifa é na Suíça e a lei lá é muito permissiva. Para outros países, é inaceitável que esses homens se safem tão facilmente e que os altos dirigentes riem da nossa cara desse jeito. O que me deixa enojado é que os líderes dos países – o primeiro-ministro britânico, o presidente Lula e todos os outros – façam negócio com essas pessoas. Eles deveriam lhes negar vistos, deveriam dizer que não querem se relacionar com dirigentes tão corruptos. E tenho certeza de que, se os governantes se voltassem contra a corrupção da Fifa, teriam apoio maciço dos torcedores/eleitores.

Por que todos são tão complacentes?

Suponhamos que você seja uma torcedora fanática pelo seu time. Você vai à Copa do Mundo, mas como sempre há escassez de ingressos. Você então compra suas entradas de cambistas, mesmo sabendo que parte desse ágio vai voltar para o bolso da Fifa, já que ela é suspeita de liberar

esses ingressos para os ambulantes. Você não pode provar, claro, mas você sabe. As pessoas não são estúpidas. Os governos menos ainda; eles podem investigar o que quiserem. Mas não investigam a Fifa porque os políticos simplesmente ignoram os torcedores. É o que já está acontecendo com a Copa de 2014. Qualquer brasileiro com mais de 10 anos sabe que a corrupção já está instalada. Por que ninguém faz nada?

Por quê?

É difícil saber. Se um país relevante enfrentasse a Fifa ela recuaria. Ou você acha ela excluiria o Brasil de uma Copa? Eles conseguem enganar países pequenos, esquecidos pelo mundo. Mas, se o Brasil dissesse não à corrupção, provavelmente a América Latina se uniria a vocês. E você acha que esses líderes latino-americanos nunca discutiram a possibilidade de um levante, de fazer o que os europeus já deveriam ter feito há tempos? Acho que lhes falta coragem.

O Brasil tentou fazer uma investigação, por meio de uma CPI.

Tentou e foi ao mesmo tempo uma vitória para o país e uma grande decepção, porque pararam de investigar no meio. O povo vai ter de pressionar os políticos a fazer algo. É realmente uma pena que o Brasil tenha chegado tão longe na investigação e tenha desistido no caminho. Havia provas para

Edição do jornal inglês *The Sunday Times*, de 17 de outubro de 2010, com denúncias de compra de votos de membros da Fifa.

The screenshot shows the front page of The Sunday Times from October 17, 2010. The main headline is "Insight: World Cup votes for sale". Below it, a sub-headline reads "A World Cup official has been caught on film agreeing to sell his vote to one of England's rivals bidding to host the 2018". The page includes a sidebar with news headlines and a video player.

seguir em frente, para tirar a CBF das mãos do Ricardo Teixeira e, quem sabe, colocar auditores independentes lá dentro. A Justiça também poderia ser mais ativa. Por mais que eles tenham comprado alguns juízes, não compraram todos, certamente.

Cada centavo que os dirigentes tiram ilicitamente da Fifa ou das organizações nacionais é dinheiro que eles tiram do esporte e de investimentos. Portanto, estão desviando de nós, torcedores, e dos atletas que jogam no chão batido em países subdesenvolvidos. Eles tiram dos pobres.

Sabendo de tudo isso o senhor ainda consegue curtir o futebol, se divertir com ele?

Sim, porque a corrupção não está tão infiltrada nos jogos, embora chegue a essa ponta também. Ela fica mais nos bastidores. Há exceções, como na Copa de 2002, em que a Espanha e a Itália foram roubadas grotescamente. Era importante para a Fifa que a Coreia do Sul passasse adiante. Não foi culpa dos jogadores, mas as razões políticas e econômicas se impuseram. Na Coreia, o beisebol é mais popular do que o futebol. Se eles fossem desclassificados, os estádios se esvaziariam. Neste ano, todos ficaram de olho nos jogos de times africanos. Blatter também precisa de um time do continente nas oitavas. A questão é que, quando assistimos às partidas, assistimos aos atletas, ao esporte, então, é possível confiar. É fácil punir um árbitro corrupto e a maioria não é corrompida.

Então, a corrupção não interfere tanto no esporte?

Cada centavo que os dirigentes tiram ilicitamente da Fifa ou das organizações nacionais é dinheiro que eles tiram do esporte e de investimentos. Portanto, estão desviando de nós, torcedores, e dos atletas que jogam no chão batido em países subdesenvolvidos. Eles tiram dos pobres.

É possível para os jogadores, técnicos e dirigentes se manterem distantes da corrupção no futebol?

Bom, o dinheiro normalmente é tirado do orçamento do *marketing*, não afeta jogadores e técnicos dos times nacionais. Uma coisa interessante é o comitê de auditoria interna da Fifa. Um dos membros é José Carlos Salim, que foi investigado muitas vezes no Brasil. Por que você acha que ele está lá? Para fingir que não vê.

A corrupção no futebol começa nos clubes e se espalha ou vem de cima para baixo?

Sempre haverá um nível de roubalheira em todos os escalões. Para isso temos leis e, às vezes, conseguimos aplicá-las. Mas a pior corrupção está na liderança mundial. Quase todos os países assinam tratados internacionais anticorrupção, mas não fazem nada quanto aos desmandos da Fifa e do COI. E, quando algum governante tenta ir atrás de dirigentes de futebol corruptos, a Fifa ameaça suspender o país. Só que ela faz isso com os pequenos. Fizeram isso com Antígua! Suspenderam o país minúsculo que ousou processar o dirigente nacional. Ninguém falou nada. Eu escrevi sobre isso porque tenho fãs lá que me avisaram do caso.

O senhor se sente uma voz solitária na imprensa?
Não confio na cobertura esportiva das agências internacionais. Em outras áreas elas são ótimas. Não no esporte. É uma piada. Apresento documentários com denúncias graves sobre a Fifa na BBC, num programa de jornalismo investigativo chamado Panorama, e dias depois a BBC Sport faz um programa inteiro em que Joseph Blatter apresenta alegremente a nova sede da Fifa em Zurique.

O senhor acompanhou a briga do técnico Dunga com a imprensa brasileira?

Não vou comentar o episódio porque não acompanhei de perto. Posso dizer que a imprensa inglesa e a da maioria dos países é puxa-saco. E sem razão para isso. A desculpa é que os editores têm medo de perder o acesso às seleções e à Fifa. Bobagem. Ora, eu fui banido das coletivas da Fifa sete anos atrás e ainda consegui escrever um livro e fazer várias reportagens. A imprensa deve atribuir as responsabilidades às autoridades. Se não fizer isso, é

relações públicas. Tenho milhares de documentos internos da Fifa que fontes me mandam e não param de chegar. Por que só eu faço isso?

A cobertura se concentra mais no evento esportivo em si e nas negociações de jogadores?
Exato, também porque a chefia das redações tende a se concentrar nos assuntos de política nacional, internacional e na economia e deixar o esporte em segundo plano.

O que o senhor espera da Copa no Brasil, em 2014?
Há algumas semanas, o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, deu um piti público cobrando o governo brasileiro para que acelerasse as construções para a Copa. Estranhei muito, porque não imagino que o governo brasileiro se recusaria a financiar uma Copa. Vocês são loucos por futebol, estão desenvolvendo sua economia, têm recursos e podem achar dinheiro para isso. Uma fonte havia me dito que Valcke e Ricardo Teixeira tinham tirado férias juntos, estavam de bem. Então, o que está por trás dessa gritaria? É pressão para o governo brasileiro colocar mais dinheiro público nas mãos da CBF. Mundialmente, as empreiteiras têm envolvimento com corrupção. Dá para sentir o cheiro daqui.

Três de seus livros são sobre as Olimpíadas. As falcaturas acontecem em qualquer esporte ou são predominantes no futebol?

Sou cuidadoso ao falar disso. Sei que a liderança da Fifa é muito corrupta – e venho publicando isso há mais de dez anos sem que eles tenham me processado nem uma vez sequer, o que diz muito. O COI era muito pior sob o comando de Juan Antonio Samaranch (morto em abril deste ano), que presidiu a entidade de 1980 a 2001. Ele era um fascista e o fascismo é, além de tudo, uma pirâmide de corrupção. Samaranch trabalhou ao lado do generalíssimo Franco. Essa cultura franquista e fascista se transformou em uma cultura gângster.

A corrupção no COI diminuiu com a saída de Samaranch?

Vou ilustrar com uma história. No meu site publiquei uma foto de Blatter cumprimentando um mafioso russo, em 2006, em um encontro com dirigentes do país. O russo foi quem fez o esque-

ma em Salt Lake, na Olimpíada de Inverno de 2002, para que os conterrâneos ganhassem o ouro em patinação artística. Pois bem, Blatter, Havellange e muitos outros da Fifa são parte do comitê do COI. Essa é a dica de como a Rússia está agindo para sediar a Copa de 2018.

Foi assim que o Brasil conseguiu a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016?

Na votação em Copenhague, que deu a sede olímpica para o Rio de Janeiro, o nível de investigação jornalística foi ridículo; só víamos a praia de Copacabana com o povo feliz. Há um grupo no COI que já foi denunciado por receber propina no escândalo da ISL – e quem acompanha a entidade sabe quem eles são. Os dirigentes dos países só precisam pagar umas seis ou sete pessoas para conseguir o voto. Existe, com certeza, uma sobreposição entre os métodos da Fifa e do COI. Mas a cultura das duas entidades não é tão estrita quanto à de uma máfia, é mais como se fossem máfias associadas, apoiadas umas nas outras. Coca-Cola, redes de *fast-food*, Adidas, você acha que essas companhias não sabem o que está acontecendo? Eles não são estúpidos. A cara de pau é tamanha que Jacques Rogge, presidente do COI, disse em Turim, em 2006, que o COI e o McDonald's compartilham os mesmos ideais. Será que ele não sabe quanto a obesidade infantil é um problema gravíssimo em vários países? Ou faz parte do jogo ceder a esses interesses?

(Flavia Tavares. *O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 2010)

Escândalos e mais escândalos são denunciados; entretanto a impunidade continua e os “cartolas” reinam no império absolutista do “Rei Sol”, sem qualquer interferência do Estado ou da Justiça, e os apaixonados espectadores continuam consumindo produtos do futebol e sustentando esse império de corrupção e impunidade.

Mas o que devemos esperar de um país que pouco investe em Educação, Ciências e Tecnologias? **PV**

Prof. Dr. Sérgio Luiz Carlos dos Santos é Chefe do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

Referências

- BETRÁN, J. O. *Estudios sobre las emociones del deporte*. Barcelona: Apunts, 2011.
<www.strategia.com.br/.../casos_corpo_reebok_mercado.htm> Acesso em: 18 mar. 2011.
<www.deloitte.com/view/pt_BR/br/index.htm> Acesso em: 18 mar. 2011.
<<http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/flavia-tavares-no-estadão-a-ginga-perfeita-dos-donos-da-bola.html>> Acesso em: 18 mar. 2011.

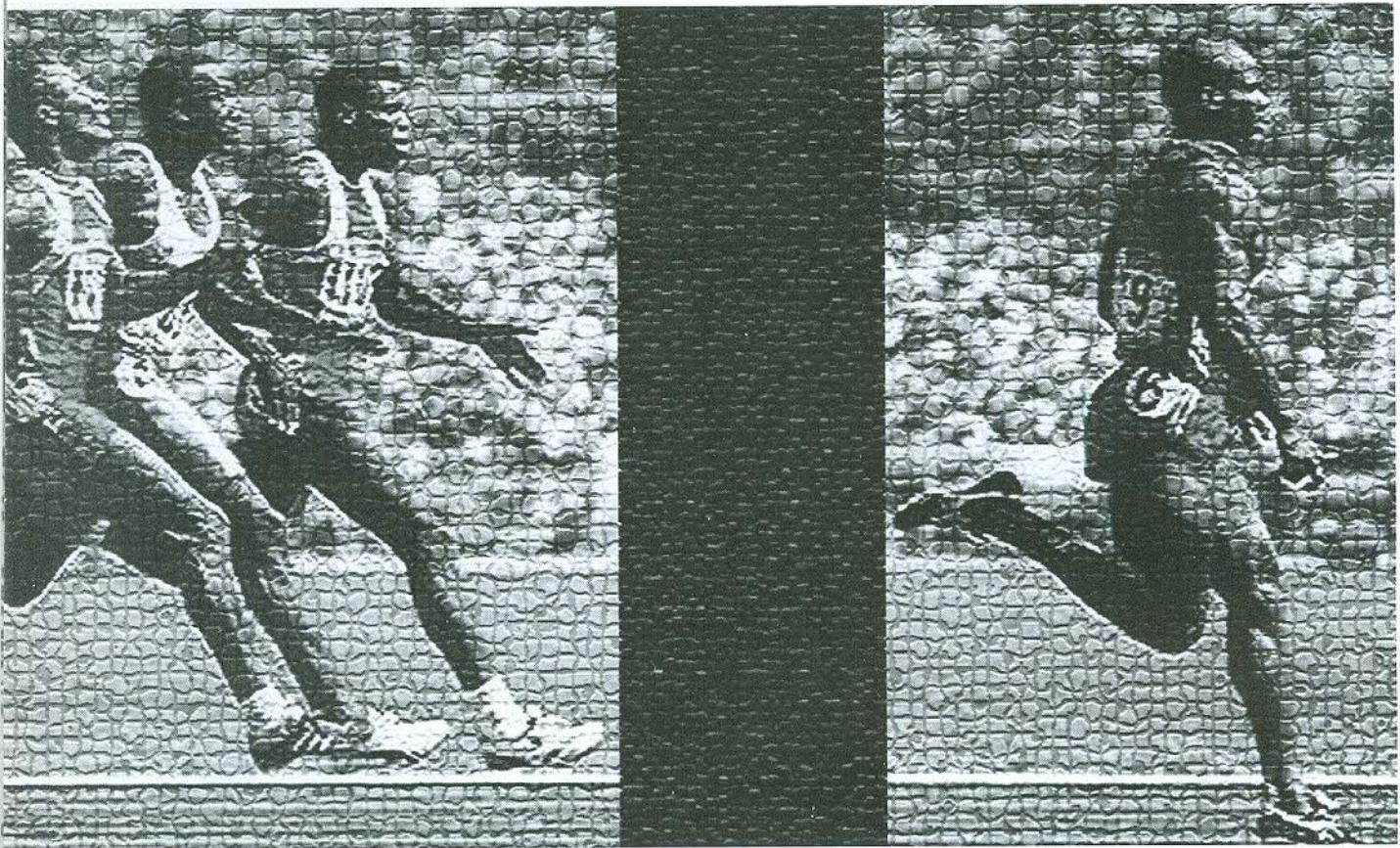


Ilustração RM, a partir de foto de divulgação

Vitória a qualquer preço

O uso de droga para melhorar o desempenho esportivo

EDUARDO HENRIQUE DE ROSE

O *doping* é considerado, juntamente com o comercialismo, um dos maiores problemas do esporte nos dias de hoje. Desde o pós-guerra, nos anos 1950, o *doping* passou a conviver com a atividade esportiva, motivado inicialmente pela guerra fria entre o Oriente e o Ocidente, e, também, por um crescente comercialismo, que gera patrocínios para entidades e atletas, e prêmios importantes para o atleta vencedor.

O conceito introduzido pelo barão Pierre de Coubertin, criador do Movimento Olímpico, de

que o importante era participar e não vencer foi rapidamente substituído por outra realidade, onde importante era vencer, e vencer a qualquer custo, pois o atleta hoje representa, além de seu governo e um sistema político, um ou mais patrocinadores com suas marcas e produtos. E embora esses aspectos do esporte moderno promovam o uso de substâncias e métodos proibidos, aqueles que lutam contra esse problema fundamentam sua ação na ética que deve imperar nos jogos e competições, na saúde do atleta e nos chamados valores do es-

porte. Uma substância ou um método que integre a lista de substâncias não permitidas deve obrigatoriamente violar alguns desses conceitos fundamentais: ser contrário à ética, ser prejudicial à saúde do atleta e opor-se aos valores do esporte. Essa forma de entender responde à pergunta muitas vezes feita pelo leigo de por que substâncias que aparentemente não aumentam o desempenho de um atleta são igualmente proibidas. Certamente porque prejudicam a sua saúde e são contrárias aos valores do esporte. Esses são os argumentos para proibir, por exemplo, o uso de maconha em competições.

O que de forma alguma é tolerado no esporte, seja em competição seja fora dela, são os agentes anabolizantes, os hormônios de crescimento (GH) e a eritropoietina (EPO), os beta-2 agonistas (medicamentos para tratamento da asma), e os diuréticos. Alguns métodos são igualmente proibidos, como a transfusão de sangue e o uso de tecidos ou células de outros organismos para aumentar o desempenho físico, conhecido modernamente como *doping* genético. Quando o atleta está competindo, outras classes são proibidas, como os estimulantes, narcóticos, canabinóides e glicocorticoesteroides.

Evidentemente, a Agência Mundial Antidoping (WADA), ao mesmo tempo que impede os atletas de usar tais substâncias ou métodos, entende que às vezes, para tratar um paciente, o médico necessita lançar mão desses produtos ou meios. Para resolver esse problema, quando o paciente é um atleta, foi criado um mecanismo de isenção de uso terapêutico (IUT), no qual o médico assistente informa o diagnóstico, as razões da escolha específica do medicamento proibido, a sua dose e a via de administração. Isso é feito por meio de um formulário, que é enviado para a Federação Internacional à qual pertence o atleta. Uma comissão de três médicos com experiência no tratamento de atletas estuda a fundamentação apresentada e, se a entender válida, permite ao atleta o uso da substância ou do método.

Evidentemente, não pode ser autorizado algo que aumente o desempenho em um esporte específico, como testosterona em modalidades de força e potência. Da mesma maneira não é aceito um IUT para

eritropoietina em esportes de longa duração, para diuréticos em esportes com categoria de peso e para betabloqueador em esportes de precisão, como o tiro.

A luta contra o *doping* ultrapassou em muito o estudo analítico da urina do atleta. Hoje, o estudo do sangue vem ganhando cada vez mais importância, assim como o uso do DNA para determinar manipulação física da urina, que consiste no uso da urina de outra pessoa por ocasião da coleta. Isso é tentado de várias formas, desde as mais simples como o uso de preservativos de urina “limpa” que são colocados na vagina das atletas e que são rompidos no momento do controle, até formas mais elaboradas, como o uso de um balão com urina inserido previamente à competição no ânus do atleta e que se conecta a um cateter, que vai pelo períneo à parte inferior do pênis.

Além dessas fraudes, que exigem do Oficial de Controle de *Doping* (OCD) conhecimento e muita experiência, o equipamento usado é padronizado internacionalmente para evitar a sua abertura posterior ou o manuseio da urina colhida. O transporte da amostra até um laboratório credenciado para sua análise exige cuidados específicos e é feito controle da sua cadeia de custódia, que determina a cada momento onde está a amostra e quem é o responsável pelo seu controle.

Em certos casos, como no controle de sangue, é necessário que ele seja conservado a uma temperatura entre -2 e -4 graus centígrados, o que exige o uso de embalagens especiais que podem manter a amostra nessas condições por até quatro dias. Junto à embalagem usam-se sistemas de registro da temperatura para que se possa verificar se tais requisitos foram atendidos.

Fica evidente, pelas razões expostas, que o controle de *doping* tem exigências técnicas específicas em todas as suas etapas e que exige pessoal técnico bastante qualificado. Isso gera um custo bem mais alto do que coletar urina através de pessoas despreparadas, usar qualquer tipo de recipiente e enviá-la para a análise em serviços não credenciados para esse fim – o que ocorre em muitas situações em que a quantidade de amostras predomina sobre a qualidade técnica.

A tendência moderna da luta antidoping orienta para controles fora de competição e sem aviso prévio, feitos na residência do atleta ou no seu local de treinamento. Também prioriza o controle inteligente, no qual, por meio de informações tais como um aumento muito rápido do desempenho ou de sinais de uso de anabólicos, como o excessivo desenvolvimento da massa muscular, são visados aqueles atletas com maior possibilidade de apresentarem um resultado analítico adverso. Dessa forma, o controle dos primeiros colocados de uma competição, que era rotina desde o início da luta contra o *doping* desde 1968 até os Jogos Olímpicos de Sidney em 2000, vem perdendo espaço para o controle direcionado e aleatório.

É importante caracterizar que as estatísticas mundiais, que mostram cerca de 300 mil controles anuais, evidenciam claramente que apenas uma pequena parte dos atletas – menos de 3% deles – usa substâncias ilícitas ou métodos proibidos. A grande maioria, porém, não apresenta problemas nessa área. Isso em geral não é realçado pela mídia, que explora bastante os poucos casos de violação da regra do *doping*, dando a impressão equivocada de que essa é prática comum entre atletas de elite.

Hoje em dia, de acordo com o último relatório da WADA publicado no final de 2010, o Brasil é considerado um país inadimplente, não por falta de pagamento da sua anuidade, mas por não apresentar uma organização antidoping governamental independente, além de restringir e quase impossibilitar o trânsito de urina e sangue não contaminados de atletas por suas fronteiras e dificultar excessivamente a importação de reagentes e equipamentos, que são essenciais para o funcionamento de nosso laboratório.

Um espectrofotômetro de gás ou de massa só irá detectar aquilo para o qual foi programado, e essa programação é feita através de urinas que contenham substâncias ilícitas. Isso exige uma regulamentação especial, inexistente no país, além da compreensão de nossas autoridades de controle alfandegário e de saúde, que não estão preparadas para aceitar a importação de quantidades mínimas de drogas, na ordem de um centígrama, de estimulantes, cocaína e

anabólicos esteroides, para que a sua detecção possa ser feita no laboratório.

Nossas autoridades policiais e alfandegárias não estão preparadas para combater o tráfico de anabólicos e hormônios, que hoje é feita pelo crime organizado e com ramificações internacionais, e que vem gradativamente substituindo a droga, mais combatida e mais penalizada pelos Governos. Nossa Polícia Federal não possui áreas especializadas nesse problema, nem o Ministério Público Federal, e muito menos as Polícias Estaduais.

Estamos em uma década muito especial em nosso país, na qual teremos eventos de grande repercussão internacional, como o Mundial de Futebol e os Jogos Olímpicos, em que teremos que utilizar pessoal qualificado e experiente, equipamento de última geração e ecologicamente orientado, transporte eficiente e que respeite as características e as exigências específicas de cada um dos fluidos a ser analisado, além do envio para laboratórios credenciados.

Vamos esperar que os nossos dirigentes entendam que isso exigirá treinamento de pessoal, experiência em eventos internacionais, conhecimento de sistemas de administração computadorizados do controle de *doping*, aquisição de material específico e o redimensionamento do único laboratório credenciado em nosso país, situado na Universidade Federal do Rio de Janeiro – que está ainda longe de poder atender plenamente a essa demanda.

A dotação orçamentária para essa área fundamental dos eventos deve ser suficiente e não ser reduzida e cortada por técnicos em administração que a julgam pouco importante, fraudando as expectativas internacionais de um controle que atenda a todos os requisitos da técnica, impossibilitando a correta implantação e implementação de um controle antidoping moderno e eficiente. **Pv**

Eduardo Henrique De Rose é doutor e professor titular de Medicina do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; fundador e membro, desde 1999, do Conselho da Agência Mundial Antidoping; pertence, desde 1984, à Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional, e é médico do Comitê Olímpico Brasileiro.



O ator Vinicius de Oliveira é Dario no filme *Linha de passe* / Divulgação / Daniela Thomas.

Passes e impasses do esporte brasileiro

FRANCISCO JOSÉ NUNES

Em 2008 entrou em cartaz o filme brasileiro *Linha de passe*, dirigido por Walter Sales e Daniela Thomas. O filme ganhou vários prêmios, entre eles o de melhor atriz no Festival de Cannes, para Sandra Corveloni. Esse filme provocou inúmeras polêmicas. Trata-se da história de uma “mãe solteira” da periferia paulistana que educa seus filhos a duras penas. São quatro filhos: um pretende ser jogador de futebol profissional e enfrenta, sem sucesso, as inúmeras “peneiras” dos clubes; o segundo trabalha como frentista, é evangélico e sofre uma frustração com o pastor da sua igreja; o terceiro é um motoboy que flerta com a criminalidade; e, um quarto filho, este de 12 anos, é obcecado para conhecer seu pai, possivelmente um motorista de ônibus urbano. Essa mãe está grávida do quinto filho.

O filho que sonha ser jogador de futebol, entre outras dificuldades, não consegue superar a barreira da corrupção presente nas peneiras: é preciso pagar um determinado valor para passar pela peneira e ele não dispõe desse dinheiro. Uma das principais polêmicas provocadas pelo filme se dá pelo caráter extremamente pessimista, já que a vida de todos os personagens é marcada por frustrações. Ora, o filme foi lançado justamente no período do “espetáculo do crescimento”, conforme denominação do Presidente Lula, período este confirmado pelo sacrossanto “mercado”. Esperava-se por um filme otimista.

Sabemos que, historicamente, o futebol é um dos canais de ascensão social para os empobrecidos no Brasil. Entretanto, a estrutura do futebol e da maioria dos demais esportes é piramidal, semelhante à pirâ-

mide da sociedade brasileira. O reduzido espaço para ascensão provoca frustração na maioria dos jovens atletas e jogadores, excluídos do "mundo do futebol" e dos demais esportes de alto rendimento.

O futebol e os esportes olímpicos sempre foram e são um verdadeiro "campo de batalha" em todos os sentidos – constantemente disputados por ideologias políticas, interesses econômicos e anseios populares.

O futebol e os esportes olímpicos sempre foram e são um verdadeiro "campo de batalha" em todos os sentidos – constantemente disputados por ideologias políticas, interesses econômicos e anseios populares. Atualmente os esportes de alto rendimento estão hegemonizados pela globalização do capital.

O caso de Ronaldo, "o fenômeno" (Ronaldo Nazário), na derrota do Brasil, por 3 a 0, na final da Copa contra a França, em 12 de julho de 1998, é adequado para compreender a condição do futebol na atualidade. O foco das atenções voltou-se para o "drama" vivido por Ronaldo (então denominado Ronaldinho) mesmo antes do início da partida decisiva. A versão mais comum diz que Ronaldo sofreu uma convulsão e, por consequência, desestabilizou completamente a Seleção Brasileira. Em condições para entrar em campo, o técnico Zagalo escalou Edmundo, mas, por insistência de Ronaldo, Zagalo voltou atrás.

Sobre as causas da convulsão surgiram inúmeras hipóteses: a) que Ronaldo não suportou a pressão da responsabilidade, já que Romário havia retornado para o Brasil contundido; b) que havia muita pressão dos empresários e patrocinadores; c) que havia uma crise de relacionamento com a namorada (à época, Suzana Werner). Na linguagem popular, Ronaldo

"amarelou", isto é, ficou amarelo de medo, "tremeu", sentiu o peso da responsabilidade. Apesar de contar com apenas 21 anos, Ronaldo já havia participado, como terceiro reserva de Romário e de Viola, na conquista do Tetra nos EUA (1994); além disso, já havia participado de inúmeras decisões em importantes times no Brasil e na Europa. Se essa hipótese puder ser afastada, resta a explicação médica. Mas é nesse campo de especialistas que reside o segredo até hoje preservado. Ocorreram inúmeros desencontros de explicações. Se Ronaldo sofreu uma convulsão, por que o médico da Seleção autorizou a sua escalação? Após a final da Copa da França, vários veículos da grande imprensa publicaram reportagens "definitivas" sobre o caso, mas nenhuma delas conseguiu convencer os torcedores brasileiros.

Entre os estudiosos do futebol não encontraremos uma explicação razoável para aquela derrota, até porque nenhum deles ousou esboçá-la categori-

Cartaz do filme Linha de Passe.



FESTIVAL DE CANNES
MELHOR ATRIZ
SANDRA CORVELONI



UM FILME DIRIGIDO POR WALTER SALLES E DANIELA THOMAS



icamente. Os estudos publicados enfocam o papel da mídia na cobertura da Copa na França. Cabe destacar dois estudos, o de Ronaldo Helal (2001) e o de Édison Luis Gastaldo (2000): Helal aborda as relações entre “mídia, construção da derrota e mito do herói” e Gastaldo trata da “definição da realidade no futebol-espetáculo”.

A primeira abordagem (Helal, 2001) enfatiza a condição do esporte na atualidade, como um fenômeno midiatisado, e o papel do ídolo, do herói na sociedade moderna, no caso representado por Ronaldo. Destaca o papel da mídia na produção do espetáculo e na construção de ídolos e heróis. Descreve inclusive uma hipótese conspiratória, veiculada pela internet, fruto da imaginação dos torcedores em reação à mercantilização do futebol, na qual o time brasileiro “entregou o jogo” para a França em troca de uma grande soma de dinheiro, oferecida pela Fifa ou pela própria França. A outra versão diz que a Nike, patrocinadora de Ronaldo, obrigou o jogador a entrar em campo mesmo sem condições físicas. Segundo Helal, a derrota provocou um maniqueísmo no imaginário do torcedor brasileiro, opondo lucro e paixão, sagrado e profano, torcedor e a “complexa rede de negócios” que envolve o futebol. Com muita propriedade, o autor recomenda:

Observemos que quanto mais o esporte se profissionaliza e transforma-se em uma grande indústria, maior a necessidade de se entender o amadorismo e a paixão dos torcedores. Do ponto de vista sociológico, estes confrontos entre o profissional e o amador, entre o lucro e a paixão, entre o sagrado e o profano, transformam o universo esportivo em um emblema de convivência de sentimentos antagônicos relevantes para se compreender os dilemas da modernidade. (Helal, 2001; p. 162)

Helal ainda transcreve vários trechos de jornais, com comentários sobre a atuação de Ronaldo, antes e depois da partida final, e cita Campbell (1995; p. 36):

O herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

Essa é a visão que se tem do herói antes do jogo final. Mas, depois do fracasso, o herói passa por um “afastamento” e “volta renascido, grandioso e pleno de poder criador” (Campbell, 1995; p. 40). Guardadas as devidas proporções, escrevendo este texto após a final da Copa de 2001, parece mesmo uma “profecia”; afinal, Ronaldo renasceu das cinzas, como a Fênix. Após a derrota na França, passou por duas cirurgias delicadíssimas no joelho e tornou-se o herói do pentacampeonato, fazendo dois gols no jogo final, e tornando-se o artilheiro da Copa de 2002, com oito gols.

A segunda abordagem (Gastaldo, 2000) está baseada em estudo da locução de cinco emissoras de televisão que transmitiram a Copa de 1998: Globo, Bandeirantes, Manchete, Record e SBT. O autor analisa detalhadamente a transmissão do jogo decisivo: Brasil e França. Segundo os institutos de audiência, no Brasil, mais de 100 milhões de pessoas assistiram a essa partida, o que significa 94% dos televisores ligados em um mesmo evento, fato social que não pode ser ignorado. O autor descreve como a locução eufórica do início da partida vai se transformando no decorrer do jogo até encerrar com as tentativas de explicação para a derrota. Mostra também as nuances entre os comentários de uma emissora e de outra. Aponta como a imprensa faz a construção da realidade no mundo do esporte-espétáculo; descreve como a imprensa ressalta a euforia que antecede o jogo; detalha a confusão instalada entre os locutores e comentaristas no momento em que é divulgada a escalação do Brasil e dela não consta o nome de Ronaldo; destaca a locução de Galvão Bueno na Rede Globo, em que levanta a suspeita de uma suposta “conspiração da arbitragem”, durante a partida.

Essa hipótese, da conspiração, não é ventilada pelos locutores das outras emissoras. Quando o Brasil toma o primeiro gol, Galvão Bueno e outros locutores

procuram alimentar a esperança da torcida. Depois do segundo gol, os locutores começam a procurar explicação para a derrota. Até que, com o terceiro e definitivo gol, os locutores mudam completamente os comentários,

...para César Sampaio, o que aconteceu não foi apenas uma convulsão, mas Ronaldo sofreu a tentativa de ser possuído pelo demônio. Provavelmente o demônio do “capitalismo” estava furioso.

rios e passam a consolar o torcedor brasileiro. Gastaldo procura demonstrar que o suposto favoritismo da Seleção Brasileira era uma criação, principalmente, dos locutores e comentaristas brasileiros.

Esse episódio é marcante na vida de um atleta evangélico, César Sampaio. Quando Ronaldo entrou em convulsão, os jogadores que estavam ao seu lado ficaram apavorados e pediram ajuda. O primeiro a chegar foi César Sampaio, que desenrolou a língua de Ronaldo e orou. Segundo noticiou a imprensa, para César Sampaio, o que aconteceu não foi apenas uma convulsão, mas Ronaldo sofreu a tentativa de ser possuído pelo demônio. Provavelmente o demônio do “capitalismo” estava furioso. Afinal, o “fenômeno” do futebol mundial não estava “rendendo” em campo o que os patrocinadores esperavam. César Sampaio fez o primeiro gol da Copa na França, além de mais dois durante o torneio. O jornal *Notícias Populares* (29 jun. 1998) estampou a seguinte manchete: “Sampaio abençoados por todas as crenças – O volante artilheiro é evangélico e a família toda é católica”. Em destaque, uma foto do jogador ajoelhado, com as mãos erguidas para o céu, em sinal de louvor, ocupou a metade da página. César Sampaio é um “modelo” de Atleta de Cristo.

Em *Linha de passe*, o filho frentista, que é evangélico, representa um setor bastante expressivo no mundo dos esportes, na política, na economia e na mídia. Esse

segmento, conhecido por neopentecostal, provocou uma “flexibilização nos usos e costumes” dos evangélicos tradicionais e adotou a “Teologia da Prosperidade”. Antes, condenavam os esportes, por ser uma prática “mundana” e hoje adotam os esportes para empreender seu *marketing* religioso. A Teologia da Prosperidade estimula o fiel a pagar o dízimo e a reivindicar de Deus sua parte na herança terrena; adota a prática da publicização do sucesso e da omissão do fracasso. Essa nova modalidade religiosa afasta-se dos princípios do cristianismo: a “partilha do pão”, a “opção pelos pobres e marginalizados”, a “libertação dos oprimidos”; e passa a ser utilizada para galgar o poder político, econômico, social e ideológico, legitimando o modelo de sociedade piramidal, individualista e excludente. Os objetivos no campo religioso, político e econômico são: o lucro, o sucesso a qualquer custo; a superexposição na mídia; o personalismo; o consumismo; a perpetuação no poder. Mesmo as novas leis, aprovadas para “modernizar os esportes” e possivelmente estabelecer alguns avanços no exercício da cidadania, não são implantadas plenamente, ou são adotadas apenas para maximizar os lucros.

De acordo com o pesquisador Leonildo Silveira Campos, a Teologia da Prosperidade tem muitas características da *New Age*:

rejeição ao sofrimento; ênfase numa energia divina que move o mundo e promove mudanças interiores nos que a aceitam como força transformadora; valorização da confissão positiva como maneira de se superarem os problemas humanos; aceitação da prática como eixo determinador da espiritualidade, ideia de que a energia, sinônimo de Espírito Santo, paira como seu poder não só sobre pessoas, mas também sobre instalações físicas do templo, de onde é irradiado através de objetos tais como flores, água, óleo, sal; e, finalmente, privatização da experiência religiosa, por meio de uma exacerbação do individualismo. (Campos, 1997; p. 366)

Nesse “campo de batalhas” o que se observa são atletas omissos quanto às questões fundamentais do esporte e da vida em sociedade. Não tomam atitude sequer quanto à qualidade do gramado em que jogam ou sobre os locais onde praticam as diversas modalidades esportivas. São omissos diante do racismo, do machismo e da homofobia que imperam no mundo do esporte. Não se organizam,

seja em sindicatos, seja em outras formas associativas, para garantir direitos e segurança na prática esportiva. Aceitam “bovinamente” calendários estafantes; não se posicionam diante das várias formas de violência e corrupção presentes no mundo dos esportes. Adotam uma postura cínica diante das injustiças sociais.

Os poucos que manifestam alguma preocupação com os problemas sociais, na maioria das vezes, desenvolvem ou apoiam “projetos sociais”, que funcionam mais como *marketing* pessoal do que como projeto de transformação social. Passam ao largo das questões fundamentais da sociedade: o orçamento para a educação; a valorização dos professores; a formulação de políticas públicas para os esportes; a fiscalização da execução de obras para as práticas esportivas; os investimentos no sistema de saúde pública; a reforma agrária; a reforma política; a democratização dos meios de comunicação.

Os segmentos que tomam uma atitude crítica são tão poucos que podem ser contados nos dedos, tais como: a torcida do Corinthians, que estendeu uma faixa no estádio, em plena ditadura militar, exigindo anistia para os presos políticos e exilados; a mesma torcida, que participou na campanha pelas “Diretas Já”; a experiência da “Democracia Corinthiana”; entre outros, os jogadores Sócrates e Tostão, hoje comentaristas esportivos (sobre a “Democracia Corinthiana”, consultar Florenzano, 2010). A torcida do Flamengo também estendeu uma faixa no Maracanã: “O Flamengo não malufa”, para provocar a torcida do Fluminense que tinha entre os diretores

de seu clube, eletores de Paulo Maluf na disputa do “Colégio Eleitoral”. O outro candidato era Tancredo Neves, eleito Presidente da República no dia 15 de janeiro de 1985. Mas hoje a presidente do Flamengo é do DEM. Em nossa pesquisa sobre os “Atletas de Cristo”, esse tema foi abordado e pode ser conferido no artigo “Futebol, religião e política entram em campo” (Nunes, 2006).

Se levarmos em consideração a frase do escritor Carlos Heitor Cony: “O futebol ainda é a melhor metáfora do Brasil como um todo”, concluiremos que “a história ainda não acabou” e que o jogo ainda pode virar. A conjuntura está muito adversa para realizar mudanças. Vive-se um período de maximização dos lucros, de acelerada concentração de riqueza e de poder. Basta observar o seleto grupo que movimenta os grandes contratos (de jogadores, de patrocínio e de construções) e pessoas que permanecem no poder, seja nas federações seja nos cargos políticos responsáveis pelos esportes. Entretanto, conforme já se observou diversas vezes na história, as mudanças sociais podem ocorrer a qualquer momento.

Talvez o menino de 12 anos, ao tomar o volante do ônibus, não consiga encontrar seu pai, mas os jovens irmãos, unidos com sua mãe e organizados na sociedade, talvez possam conquistar uma medalha de ouro no exercício da cidadania muito brevemente! **Pv**

Francisco José Nunes é Professor de Filosofia na Faculdade Cásper Líbero e Mestre em Ciências Sociais (PUC-SP).

Referências

- CAMPOS, Leonildo da Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento pentecostal*. Petrópolis: Vozes/Unesp, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1995.
- FLORENZANO, José Paulo. *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2010.
- GASTALDO, Édison Luis. Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol: espetáculo do século. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte/Autores Associados, 2000.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- NUNES, Francisco José. Futebol, religião e política entram em campo. In: Revista NURES, 2 ed., nº 2, janeiro/abril de 2006. Publicação Eletrônica do Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – PUC-SP. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nures/revisa2/index.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2011.



Davi Francisco da Silva

O esporte como instrumento de educação: a promoção do humano

CAROL KOLYNIAK FILHO

Uma adequada compreensão sobre as possibilidades do esporte como instrumento de educação, tendo em vista a promoção humana, depende da explicitação prévia (*a*) do sentido que se dá ao esporte e (*b*) do que se entende por promoção humana. No primeiro caso, trata-se da formulação conceitual de uma dada prática social, o que implica uma posição epistemológica. No segundo caso, trata-se, fundamentalmente, da explicitação de um sistema de valores que orientam as práticas sociais, configurando uma posição axiológica. Essas duas posições – epistemológica e axiológica – tendem

a formar uma unidade, configurando uma visão de mundo, quando são embasadas em uma reflexão de natureza filosófico-científica. Assim sendo, sua explitação representa a unidade de um ponto de vista em que conceitos e valores articulam uma determinada forma de interação com o mundo.

De nosso ponto de vista, o esporte é uma prática social que, como o trabalho, a educação, a religião, a arte e outras, faz parte do processo histórico de construção da humanidade, sendo produto do conjunto de relações sociais engendradas nos e pelos diversos grupos humanos que já existiram e existem concre-

tamente. As relações sociais, por sua vez, são indissociáveis da incessante luta pela sobrevivência, que, no homem, envolve tanto o intercâmbio material com a natureza como o intercâmbio simbólico entre indivíduos (e, nos estágios mais recentes da constituição da espécie, o funcionamento simbólico interior, privativo de cada indivíduo, envolvendo processos como pensamento, imaginação, memória deliberada etc.).

***...o esporte é aquilo que
o homem faz dele, em
determinado momento
histórico, em determinada
sociedade.***

A partir dessa compreensão do esporte, entende-se que não faz sentido atribuir a ele qualquer essência. Em outras palavras, o esporte é aquilo que o homem faz dele, em determinado momento histórico, em determinada sociedade. Além disso, o esporte é definido em sua relação com outras práticas sociais, das quais se diferencia mas com as quais guarda interdependência. Essa relação é mutável. Por exemplo, na Europa medieval, o esporte era uma prática aristocrática, privilégio de um segmento social que não trabalhava como outros (artesãos, camponeses), o que estabelecia uma clara diferença entre esporte e trabalho. No século XXI, essa diferenciação é mais difícil, pois há muitas pessoas que praticam esporte como

trabalho. Portanto, é irrelevante procurar definir o esporte por características imutáveis e “essenciais”. Mais interessante e viável é buscar os sentidos que o esporte assume neste momento histórico, em face das práticas concretas por meio das quais ele se materializa. Nessa busca, cabe manter a perspectiva histórica, que possibilita a compreensão do processo de construção de uma dada realidade, de modo que esta é concebida como produto provisório de uma complexa rede de determinações.

O reconhecimento do esporte como fruto de um processo histórico, e não como a materialização de uma “essência” ideal, não obriga à sua aceitação tal como se apresenta neste momento e neste lugar da história. O fato de reconhecer o esporte como resultante de relações sociais complexas possibilita compreender que os atores sociais podem modificar as práticas esportivas e configurá-las de outras maneiras. Isso depende, em parte, dos valores das pessoas que participam da construção contínua do universo esportivo – atletas, espectadores, árbitros, instrutores, treinadores, professores, auxiliares, gestores, jornalistas, publicitários, advogados, promotores de espetáculos, produtores de artigos esportivos, arquitetos e outros. Essa constatação remete à consideração dos valores subjacentes às práticas sociais em geral e à concepção do que significa “promoção humana”.

A compreensão do homem como ser histórico e social, cuja construção é indissociável da produção de cultura (aqui tomada no seu sentido antropológico), envolve a consideração de diferentes dinâmi-

Davi Francisco da Silva



cas imbricadas nas relações sociais, nas quais estão incluídas as relações de poder. As relações de poder não se limitam às interações interindividuais, mas são constitutivas da dimensão política da organização humana. O poder político, nas sociedades das quais se tem registros históricos, não se limita ao exercício da força física, alicerçando-se em um conjunto de conceitos e valores que legitimam esse exercício (na perspectiva das ciências sociais, esse conjunto é designado como ideologia). Assim, conceitos e valores, entendidos como produções simbólicas, articulam-se, de modo indissociável, às ações concretas dos seres

Promover a igualdade de oportunidades e recursos para construção de capacidades e habilidades que possibilitem a todo e a cada ser humano participar da vida social da forma mais plena possível, em todos os campos de atividade – trabalho, lazer, educação, arte, cultura etc.

humanos, no processo de produção e reprodução da vida, determinando-se reciprocamente. A relação recíproca entre valores, conceitos e ações expressa-se e materializa-se tanto nas interações entre pessoas como nas interações entre grupos sociais. Todas essas interações, portanto, envolvem uma ideologia.

Toda ideologia inclui uma definição, mais ou menos abrangente e detalhada, do que é desejável para os indivíduos e para a sociedade em que estes vivem. Portanto, a partir de uma perspectiva filosófico-científica que se situa no campo de uma compreensão histórico-sociocultural do homem, todas as concepções sobre o que é bom, correto, justo, necessário, desejável para o ser humano são ideológicas.

O ponto de vista ideológico assumido como referência para nossas relações sociais proclama que promover o ser humano significa:

- Assumir a igualdade de valor de todos os seres humanos, independentemente de suas características distintivas, o que implica assumir, também, que os indivíduos têm características próprias, derivadas da complexa determinação recíproca entre as heranças biológica e histórico-sociocultural.

- Promover a igualdade de oportunidades e recursos para construção de capacidades e habilidades que possibilitem a todo e a cada ser humano participar da vida social da forma mais plena possível, em todos os campos de atividade – trabalho, lazer, educação, arte, cultura etc.

- Promover o acesso de todos os seres humanos à produção material e simbólica acumulada em sua cultura, o que significa o acesso à produção e ao consumo de bens materiais, a serviços essenciais à vida e ao desenvolvimento e ao conhecimento técnico, científico, filosófico, artístico e motrício (isto é, conhecimento sobre as possibilidades da motricidade humana, que inclui o esporte).

- Fomentar a construção de valores que favorecem o convívio social pautado em:

- solidariedade;
- aceitação e valorização da diversidade humana;
- busca do bem-estar coletivo;
- promoção da justiça social;
- preservação do bem comum;
- busca de progresso individual e coletivo;
- cooperação, na busca de igualdade de acesso a todos os bens materiais e simbólicos;
- princípios democráticos de convivência;
- valorização da resolução de conflitos pelo diálogo e pela negociação.

- Contribuir para a consciência política, como instrumento fundamental de inserção deliberada e esclarecida de cada pessoa na gestão da vida social.

É a partir dessas referências que se pode compreender o sentido da proposta educacional apresentada a seguir.

EDUCAÇÃO E ESPORTE

Tomada em sentido amplo, a educação é uma tarefa de toda a sociedade. Nesse entendimento, todas as pessoas e instituições envolvidas na promoção, na prática e na difusão do esporte exercem uma influência sobre o significado e os sentidos que as novas gerações vão construindo para o esporte. Nossa interesse, aqui, é focalizar as possibilidades de abordar o esporte como instrumento educacional na instituição escolar, na perspectiva de promoção do ser humano – entendida a partir da posição axiológico-epistemológica anteriormente explicitada.

A abordagem do esporte nos currículos escolares tem sido centralizada pelo componente Educação Física. Entendemos que a Educação Física tem legitimidade para exercer essa tarefa, mas é preciso que a abordagem do esporte faça parte do projeto político-pedagógico de cada unidade escolar. Isso facilita a inserção da discussão do esporte no conjunto do projeto educacional, favorecendo um enfoque interdisciplinar dessa prática social.

O esporte contemporâneo apresenta-se como prática com possibilidades contraditórias. Para citar alguns exemplos, o esporte pode promover saúde e doenças, favorecer relações de amizade e manifestações de violência, fomentar o espírito solidário e o individualismo exacerbado, contribuir para consciência ou para a alienação políticas. Tudo depende de como a atividade desportiva é proposta, assumida e praticada por um determinado conjunto de pessoas. Isto, por sua vez, depende dos sentidos que as pessoas atribuem ao esporte, sentidos que se constroem na práxis – na relação entre o fazer e o refletir sobre o que se faz.

Um projeto educativo que busque tematizar o esporte, na perspectiva de promoção humana, deve ir muito além da promoção da aquisição de habilidades técnicas e táticas por parte dos educandos. A construção de um sistema conceitual que possibilite uma compreensão crítica do esporte é um requisito fundamental para favorecer a superação de preconceitos e estereótipos presentes no universo simbólico do senso comum. Além disso, a discussão de valores associados à prática esportiva é essencial para estabelecer um sig-



Davi Francisco da Silva

nificado social e um sentido pessoal que possibilite a superação dos malefícios que podem advir do esporte.

Como ponto de partida para a proposição de um projeto educativo relacionado ao esporte na escola, apresentamos os objetivos gerais e específicos propostos para um projeto pedagógico em educação física escolar, que faz parte de outro trabalho de nossa autoria (Kolyniak Filho e Melani, 2009). Os objetivos formulados indicam pontos que consideramos centrais na promoção de um novo entendimento da importância e das possibilidades do esporte como instrumento de desenvolvimento humano.

Objetivos gerais

1. Propiciar aos alunos a compreensão do esporte como produção humana, inacabada, em contínuo processo de transformação sob a influência de forças culturais, sociais, políticas e econômicas.
2. Propiciar aos alunos a possibilidade de participar de atividades desportivas livremente escolhidas, de modo a poderem usufruir dos benefícios e minimizar os riscos potenciais, individuais e coletivos de tais atividades.
3. Favorecer a discussão de valores associados à prática desportiva contemporânea, a partir de uma

perspectiva ética, levando em consideração os aspectos ideológicos que permeiam as práticas sociais, das quais o esporte faz parte.

Objetivos específicos

1. Propiciar aos alunos a construção de um conceito sistematizado do esporte, diferenciando-o de outras práticas sociais, como o jogo recreativo e outras manifestações da motricidade.

2. Possibilitar aos alunos a compreensão das origens e da transformação histórica do esporte, de modo que possam situar as práticas desportivas contemporâneas em sua relação com a cultura e a sociedade em que vivem.

3. Propiciar aos alunos a compreensão dos possíveis benefícios da prática esportiva e dos problemas que essa prática apresenta atualmente, em especial pela influência do profissionalismo.

4. Propiciar aos alunos o contato com algumas das modalidades desportivas – individuais e coletivas – mais praticadas no Brasil, de modo que estes conheçam suas regras e sua organização.

5. Propiciar aos alunos a oportunidade de construir habilidades técnicas que lhes possibilitem a participação na prática de algumas modalidades desportivas mais praticadas no Brasil.

6. Favorecer a compreensão dos princípios de organização tática no esporte, especialmente nos esportes coletivos, entendendo-os como uma dimensão fundamental da prática esportiva, em oposição às visões individualistas, que valorizam “o craque”, “o astro” etc.

7. Estimular nos alunos o hábito de apreciar espetáculos desportivos de forma crítica, que não exclui o papel de torcedor, mas os coloca como observadores capazes de apreciar a técnica e a organização tática de todos os praticantes, e não apenas o resultado das competições.

8. Familiarizar os alunos com os princípios básicos da organização desportiva, incluindo os esportes adaptados.

9. Discutir o sentido da competição desportiva, situando os participantes como oponentes e não como inimigos, de modo a realçar o caráter colaborativo do esporte como indissociável da própria disputa.

10. Favorecer o entendimento de que o valor do esporte, na vida social, encontra-se nos benefícios que traz para todos os praticantes, e não para “os vencedores”, “os melhores”, “os mais aptos”, realçando que vitória e derrota são condições simbólicas, que devem ser relativizadas diante da realidade mais ampla em que vivemos.

No lugar de uma atitude moralista, cabe um contínuo e consistente esforço de reflexão ética...

11. Favorecer o entendimento de que a prática esportiva pode ser moldada aos interesses dos seus praticantes, que podem buscar formas autônomas de organização, visando seu bem-estar, sem necessidade de vinculação aos modelos institucionais hegemônicos.

12. Propiciar aos alunos a compreensão dos direitos dos cidadãos ao acesso à prática desportiva, independentemente de suas características individuais.

13. Favorecer a compreensão do papel do Estado e das atuais políticas públicas relativas à prática esportiva no Brasil.

14. Propiciar aos alunos a compreensão das características do exercício profissional do esporte, em nosso contexto socioeconômico-cultural, de modo a evitar uma excessiva idealização da carreira de atleta profissional.

Nos objetivos citados, pode-se reconhecer a busca da construção de um sistema conceitual e de uma reflexão consistente sobre valores associados à prática esportiva. A construção de habilidades técnicas e táticas faz parte do processo, mas deve ser subservida aos significados e sentidos que vão sendo elaborados, no processo pedagógico.

Nesse tipo de proposta, entendemos que o aspecto mais complexo refere-se à discussão de valores. Consideramos muito importante que a abordagem de valores não se faça de forma moralista, ou seja,



Davi Francisco da Silva

com afirmações e imposições categóricas, como “não pode”, “não se faz isso”, “isso é proibido”. No lugar de uma atitude moralista, cabe um contínuo e consistente esforço de reflexão ética, caracterizado pelo confronto entre as ações e suas consequências para quem age e para outras pessoas. Nesse processo, o professor não pode hesitar em discutir todo e qualquer ato ocorrido durante o convívio escolar, em que se expressem valores contrários aos objetivos propostos – violência, discriminação, ridicularização, menosprezo. Especialmente durante a prática de jogos, é necessário estar preparado para interromper a atividade para discutir qualquer ato de desrespeito, demonstrando que o jogo e o resultado nunca podem ser mais importantes do que seus praticantes. Isso demonstra que o professor realmente assume os valores que busca afirmar – condição essencial para que os alunos aceitem a plausibilidade de materializar tais valores na prática social.

A importância da atuação do professor de educação física na promoção de novos valores para a prática esportiva é evidente, considerando-se que esses valores são continuamente negados em muitas situações sociais, no esporte e fora dele. Isso evidencia a importância dos valores efetivamente assumidos pelo

professor, fato que remete à sua formação profissional e pessoal. Aqui estão as dificuldades. Nossos professores de educação física são formados numa sociedade em que predominam práticas sociais que afirmam valores diferentes dos que consideramos adequados à promoção humana. A prática esportiva que predomina no esporte profissional, modelo para a grande maioria da população, tende a afirmar o individualismo, o elitismo, a vitória a qualquer preço. Apesar de discursos que afirmam o *fairplay*, a justiça, a imparcialidade, a igualdade de oportunidades, o respeito aos atletas etc., continua-se a utilizar suborno de árbitros, *doping*, supertreinamento, tratamento desigual entre atletas e outras práticas que são típicas do elitismo, do fascismo e de outras formas de totalitarismo. Muitas vezes, os profissionais de educação física são solicitados a atuar em conformidade com essas práticas e valores. Como poderão posicionar-se diante dessas solicitações? Como responderão, por exemplo, a um grupo de pais, em uma escola particular, que desejam que a equipe da escola vença de qualquer maneira a equipe de uma escola “tradicionalmente rival”? Só poderão se contrapor a tal demanda com argumentação sólida, alicerçada em um sistema de valores consistente, que assumam de forma coerente, em todas as suas práticas educacionais.

A formação de professores de educação física com uma compreensão filosófico-científica do esporte, embasados em valores humanistas e com consciência e opção políticas norteadas pelos princípios axiológicos que apresentamos é um dos grandes desafios para que se concretize uma educação pelo e para o esporte na perspectiva de promoção humana. **Pv**

Carol Kolyniak Filho é prof. dr. da Faculdade de Educação – PUC-SP

Referências

- KOLYNIAK FILHO, Carol. O esporte como objeto de estudo da educação física ou da ciência da motricidade humana. *Discorpo*, 7. São Paulo: Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, 1997, p. 31-46.
- _____. Discutindo o conceito de esporte. *Discorpo*, 14. São Paulo: Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, 2006, p. 31-46.
- _____. *Educação física: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2008.
- KOLYNIAK FILHO, Carol; MELANI, Ricardo A. H. *Motricidade: um novo olhar sobre o movimento humano*. São Paulo: EDUC, 2006.
- _____. *Os sentidos dos esportes: por uma educação esportiva que promova o humano*. São Paulo: Artgraph, 2009.



Davi Francisco da Silva

Esporte e Educação

LÍLIAN APARECIDA FERREIRA
GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Diferentes de outros animais, nós nos relacionamos com este mundo de modo muito peculiar. Nossos instintos são bastante reduzidos e, portanto, grande parte das nossas ações ocorre por meio de situações de aprendizagens que vamos construindo na relação com o mundo e com as pessoas (Merleau-Ponty, 2006).

Nesse processo de descobertas é que “vamos sendo” na medida mesma em que nos tornamos mais humanos. Assim, nenhum ser humano é acabado, e sua busca constante por este “vir a ser” lhe permite “ser mais” (Manuel Sergio, 2003).

Podemos entender esse constante cenário de

aprendizagens como um celeiro do processo educativo, uma vez que no tocar, no cheirar, no falar, no ouvir, no olhar..., vamos construindo/desconstruindo e reconstruindo sentidos para nossa existência.

Mas não pode ser possível destacarmos tantos sentidos se não falarmos do corpo e, mais do que isso, não relacionarmos o corpo ao movimento. Afinal, o sentir (corpo) e o relacionar-se (movimento) são duas faces de uma mesma moeda que nos permitem a realização do ser humano no/com o mundo.

É nessa relação corpo e movimento que o jogo e o esporte, como instrumentos educativos, podem possibilitar a promoção do humano.

Em termos históricos, a educação física, ao problematizar o esporte, foi construindo uma trajetória bastante peculiar, ora defendendo com unhas e dentes esse conteúdo em seus processos educativos (sobretudo na educação formal), ora criticando-o de modo tão intenso a ponto de ele ser considerado manifestação “do mal”.

Em que pesem as interpretações possíveis para cada uma dessas perspectivas já adotadas pela área (ou, pelo menos, por seus acadêmicos), é importante

(...) parece mesmo haver ... um afastamento da perspectiva educativa do cenário do esporte de rendimento, comprometendo as possibilidades de enxergarmos o universo esportivo de modo mais aberto e menos preconceituoso.

ressaltar que, de um tempo para cá, a educação física reconhece o esporte enquanto um fenômeno social, ou seja, como uma manifestação humana carregada de múltiplos sentidos culturais que envolve e mobiliza os mais diversos setores da sociedade. Dessa forma, as dinâmicas para comprehendê-lo tornam-se fundamentais, uma vez que, com isso, estaríamos abrindo possibilidades de reflexão para nossas experiências de humanização no mundo.

Autores como Tubino (1993) e Bracht (1997), ainda que discordem na classificação geral, reconhecem no esporte as dimensões: educação, de lazer e de alto rendimento.

Tubino (1993) justifica que o esporte-educação está mais vinculado ao esporte desenvolvido nas instituições escolares, enquanto o de lazer aparece nos espaços menos formalizados e o de alto rendimento comprehende o cenário da profissionalização esportiva.

Bracht (1997) entende que o esporte pode as-

sumir, tanto na escola como fora dela, seu viés educativo. Posto desse modo, não haveria sentido falar em esporte-educação e esporte de lazer, mas sim em esporte educativo, restando, além dessa, a dimensão do esporte de alto rendimento.

Apesar da discordância entre os autores, podemos notar uma similaridade no que corresponde ao esporte de rendimento, deixando-o separado das outras dimensões do esporte.

Bento (2002), contudo, tece uma crítica pesada a essa separação, ao afirmar que o esporte de rendimento também precisa ser visto como um espaço educativo. Segundo esse autor, tal separação trouxe implicações negativas para a pedagogia do desporto de modo geral. Uma delas seria a de que no esporte de rendimento não se pode falar de pedagogia nem de humanização, tendo em vista que o atleta é visto como executor de ordens e busca a vitória a qualquer preço, importando-se somente com o resultado positivo e passando por cima de tudo e de todos.

Sob essa ótica, as alegações de Bento (2002) parecem mesmo fazer sentido. Vejamos. Se entendermos que o atleta é um profissional do esporte, ele deveria ser considerado um profissional como em qualquer outra profissão (o músico, o engenheiro, o advogado, o professor, o administrador, o mecânico etc.). Nesse caso, e sendo reconhecido como tal, o atleta deveria estar envolto por uma perspectiva que zelasse por questões que envolvem ética, compromisso profissional, qualidade dos serviços, formação continuada, entre tantas outras necessidades e exigências profissionais – suas e das outras pessoas que o circundam ou o assistem.

Em vez disso, parece mesmo haver, pelo menos no Brasil e em Portugal (como aponta Bento, um representante português), um afastamento da perspectiva educativa do cenário do esporte de rendimento, comprometendo as possibilidades de enxergarmos o universo esportivo de modo mais aberto e menos preconceituoso.

Isso não quer dizer, em qualquer hipótese, que entendemos o esporte escolar como sinônimo do esporte de rendimento – o contrário disso! A instituição escolar tem papel particular, próprio, específico que, inclusive, é o que a caracteriza como tal, devendo,

portanto, desenvolver o esporte como conteúdo da Educação Física escolar. Este, por sua vez, tem como expectativa contribuir com a formação do aluno para que tenha acesso à linguagem corporal e, ao fazer uso dela, possa se relacionar com o mundo e as pessoas, atribuindo sentidos e significados à sua existência humana.



Davi Francisco da Silva

Escola é escola! Esporte de rendimento é esporte de rendimento! É importante fazer essa distinção, sobretudo em momentos de euforia e ufanismo como os que precedem grandes eventos, tais como Jogos Pan-americanos, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos... Não custa chamar a atenção dos ingênuos, dos desavisados e dos “espertinhos de plantão” que insistem em que a escola é espaço para formar atletas. Não é!

O esporte de rendimento tem outra lógica – a de formar o atleta –, que irá organizar suas ações por meio de uma rotina de trabalho que envolverá, entre outras coisas, os treinamentos que poderão levá-lo a desenvolver mais e melhor seu potencial para atuar no esporte que tiver escolhido como profissão.

Nessas distinções de características e objetivos, parece mesmo haver, tanto em um quanto em outro, a necessidade das dimensões pedagógica e educativa. Vamos a elas.

Se, na escola, o professor de educação física realiza os planejamentos para o desenvolvimento dos

conteúdos em prol de objetivos que pretende atingir, no esporte de rendimento há a mesma necessidade: o técnico precisa saber como será a temporada de competições, de modo a organizar os treinos e definir suas prioridades e objetivos. Durante todo o processo, ambos precisam avaliar o que deu certo e o que não deu certo, refazer suas metodologias quando estas se mostram falhas, utilizar estratégias de mobilização para incentivar e motivar em prol da aprendizagem e dos resultados, aproximar-se, conversar, ser amigos, e também dar bronca na hora certa, enfim... caracterizar a dimensão pedagógica.

Apesar de tudo isso, ainda poderíamos ouvir que o atleta tem a obrigação de ganhar, ou perderá o patrocinador; que, se ele perder, acabará fazendo uma propaganda ruim do produto que está divulgando e ficará sem receber o salário etc. E, aí, surgem os descompromissos éticos e morais que, entre outros aspectos, sugerem a vitória a qualquer custo, as “malas pretas” – ou “brancas” –, o uso de *doping*, o abuso da saúde e da vida do atleta... Seriam esses os valores defendidos pelo esporte de rendimento em sua dimensão educativa?

Se sim, gostaríamos de apresentar outros valores que, no nosso entendimento, podem e devem ser desenvolvidos a partir do esporte – qualquer que seja a sua classificação –, a saber: cooperação, respeito às diferenças, solidariedade, criatividade, autonomia, inclusão, entre outros.

Na dinâmica do ensino dos esportes (tanto na escola, no lazer, quanto no alto rendimento), em determinado momento houve uma preocupação restrita em se ensinar enfaticamente os fundamentos dos esportes ou, mais especificamente, a técnica pela técnica. Em reconstrução a esse período, a educação física na escola (e em alguns espaços de lazer) parece passar por um processo que vem buscando uma perspectiva mais alinhada com os propósitos críticos e cognitivos (mais valorizados) da escola, em favor de um modelo de aula centrado na escuta, nas pesquisas, na escrita e não só na vivência das práticas corporais.

Vianna e Lovisolo (2009), ao investigarem um projeto orientado pelo lazer para se ensinar esportes, denunciam que essa mudança de encaminhamento não significou uma formação de alunos mais críticos,

mas resultou em alunos que se mostram insatisfeitos por não aprenderem a jogar.

Com tais evidências, fazemos algumas indagações: é possível ser crítico sem ser sensível aos outros e ao mundo? Numa dimensão de construção de valores éticos e estéticos, não seria por meio do corpo e do movimento (nesse caso, o esporte) que isso poderia se efetivar?

Entendemos que esses novos propósitos (críticos e cognitivos) são importantes e fundamentais para o ensino dos esportes, porém, não se pode deixar de lado o desenvolvimento dos elementos que caracterizam tal conteúdo, o que envolve, por exemplo, sua lógica interna e suas dinâmicas, características de cada esporte (psicomotriz, sociomotriz com cooperação, sociomotriz com oposição, sociomotriz com cooperação/oposição). Nessas práticas esportivas, o ser humano se manifesta por meio das condutas motrizes, ou seja, de um modo particular personalizado (revelador das emoções, sensações, percepções, biografias, hábitos culturais) (Ribas, 2008).

O ensino esportivo no cenário brasileiro inegavelmente traz consigo uma forte influência do futebol enquanto prática corporal de intensa significação cultural/histórica, transportando tais lógicas simbólicas (Santos, 2009) para as outras práticas esportivas vi-

Davi Francisco da Silva

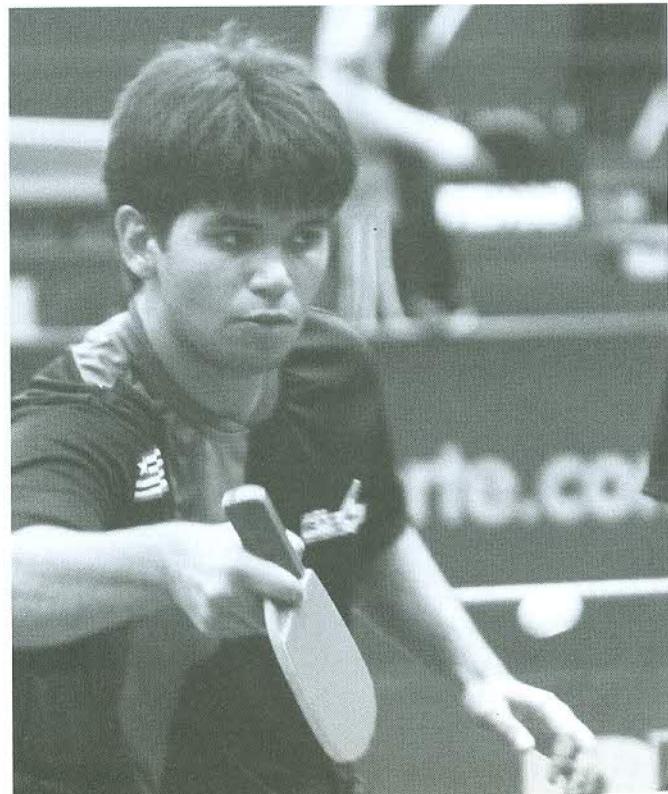
venciadas no cenário nacional – isto tanto nos espaços da escola, do lazer, como, e enfaticamente, no esporte de altorendimento.

Nas escolinhas de futebol, em número muito significativo no nosso país, que nutrem uma expectativa social de rico espaço para a formação e encaminhamento de sucesso para o futebol profissional, quantos alunos irão se destacar e entrar nesse universo de sucesso? E, na contramão dos resultados iniciais, quantos desses alunos ficarão fora desse cenário?

Sem necessidade de reunirmos dados concretos de pesquisas de levantamento que respondam às perguntas apresentadas, sabemos que são quantitativamente muito mais significativos aqueles alunos que não terão o êxito esperado. Nesse sentido, devemos refletir sobre esse universo também como um espaço de compromisso com o desenvolvimento humano, caso contrário, o que se aprenderá para além do futebol ou do esporte?

Esses elementos apontam para uma necessidade de rompimento do ensino da técnica pela técnica, seja na escola, no lazer ou no esporte de alto rendimento, sinalizando para uma preocupação com a lógica do jogo esportivo e dos valores em prol da humanização que serão construídos.

Algumas orientações para esse viés da lógica dos esportes se assentam em dinâmicas que valorizam os alunos/participantes/atletas, o próprio jogo, os processos de criação, a motivação, o lúdico, as tomadas de decisões. Para isso, em lugar do modelo esportivo tradicional, são utilizados jogos simplificados, nos quais as regras sejam menos complexas, haja menos jogadores ou espaço reduzido para facilitar a compreensão e aumentar as experimentações dos aprendizes (Graça e Garganta, 1992). Pela redução do número de jogadores, diminuição dos espaços de ação e delimitação das ações, é concebido um contexto mais simplificado para o ensino da leitura do jogo esportivo, sem que se percam a inteligência e a liberdade de tomada de decisão dos envolvidos. Também é importante e conveniente que os aprendizes entendam a sua relação com a bola, com seu companheiro de equipe e com seu adversário e, assim, adquiram uma noção de ocupação racional do espaço de jogo.



Como destaca Belbenoit (1974), o esporte em si não nutre consigo uma natureza que o caracteriza como sendo “do bem” ou “do mal”; são os usos que fazemos dele que podem nos conduzir para um ou outro caminho.

Se vamos usar o esporte como um recurso para o desenvolvimento humano, é importante inicialmente reconhecermos que esse processo deve estar presente nas distintas classificações das quais esse fenômeno social se evidencia, ou seja, na escola, no lazer e no esporte de alto rendimento, uma vez que a potencialidade humana de “estar sendo” busca um constante “ser mais” nesta nossa existência no mundo. Depois, é fundamental que pensemos nas formas de conduzir esse processo, ou seja, de acordo com a proposição de Belbenoit (1974), é preciso pensar nos processos didático-pedagógicos de encaminhamento do conteúdo esportivo com o intento de, de fato, contribuirmos para a promoção humana.

Com tais proposições, temos a expectativa de ampliar o processo educativo de formação humana para além dos envolvidos diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos esportes (aluno/a, professor/a, técnico/a, atleta, participante; educador/a etc.), incorporando também os outros atores sociais (pais, responsáveis, direção e coordenação de escolas,

secretarias de esporte das prefeituras, comunidade, espectadores esportivos). Isso pode ser uma experiência viva de reconfiguração das lógicas simbólicas que rondam o imaginário social (do craque, do dom, do treino excessivo e dolorido, do castigo, do xingamento, dos exercícios descontextualizados do jogo, ou do jogo pelo jogo, sem orientações, estrutura genuinamente competitivas dos eventos – como os campeonatos seletivos) e, portanto, nos auxiliar a construir novas maneiras de ver e reconhecer o humano que joga (capaz de aprender sempre, de respeito às diferenças e aos tempos de aprendizagem, de organização sistemática e planejada das aulas/atividades em articulação com os elementos estruturais, funcionais e operacionais do jogo, estruturas cooperativas dos eventos – tipo festivais participativos e integrativos (Ferreira e cols., 2005). **Pv**

Profa. Dra. Lílian Aparecida Ferreira do Departamento de Educação Física – FC/Unesp/Bauru (lilibau@fc.unesp.br)

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana – UFSCar (glauco@ufscar.br)

Ambos são participantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Abordagens Táticas nos Esportes Coletivos – Nepatec (Unesp/Bauru) e da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana – SPQMH (DEFMH/UFSCar)

Referências

- BELBENOIT, Georges. *O desporto na escola*. Portugal: Editorial Estampa, 1974.
- BENTO, Jorge O. Desafios do desporto de rendimento à pedagogia do desporto. In: SILVA, F. M. (org.). *Treinamento desportivo: aplicações e implicações*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 203-224.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte*: uma introdução. Vitória: Ufes, 1997.
- FERREIRA, Lílian A. e cols. I festival de handebol: compartilhando uma experiência. *Revista Motriz*, vol. 11, n. 1, Supl., p. S126, jan.-abril 2005.
- GRAÇA, Amândio; GARGANTA, Julio. *O ensino dos jogos desportivos*. 3. ed. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto. Portugal, 1992.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RIBAS, João F. M. (org.). *Jogos e esportes: fundamentos e reflexões da praxiologia motriz*. Santa Maria: Editora da USFM, 2008.
- SANTOS, Claudemir J. Repensando o estilo à brasileira: escolinhas de futebol e aprendizagem esportiva. In: TOLEDO, Luiz H.; CARLOS, Eduardo E. (orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. p. 217-254.
- SERGIO, Manuel. Ciência da motricidade humana. In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, 2003, São Carlos, *Anais...* São Carlos, 2003.
- TUBINO, Manoel J. G. *O que é esporte?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- VIANNA, José A.; LOVISOLLO, Hugo R. Desvalorização da aprendizagem técnica na educação física: evidências e críticas. *Revista Motriz*, Rio Claro, vol. 15, n. 4, p. 883-889, out/dez, 2009.



Davi Francisco da Silva

Esporte comunitário e sua participação no desenvolvimento da nação

ADILSON SOUZA DE ARAÚJO

BRASIL: SÉTIMA ECONOMIA DO MUNDO. E O DESENVOLVIMENTO HUMANO?

O esporte comunitário, bem como outras manifestações sociais, culturais, artísticas e esportivas, não pode ficar à margem das preocupações ou ser tratado como algo supérfluo; precisa ser considerado e valorizado como elemento de desenvolvimento, civilidade e humanização de nossa sociedade. Diversão, arte, cultura e esporte, em doses fartas e ao alcance de todos, deve ser uma meta tão importante e ambiciosa quanto a garantia da segurança

alimentar para uma nação que se quer grande, desenvolvida e justa.

Tais fenômenos devem ser pensados numa contextualização ampla, que inclui a organização social e econômica do país, que, aliás, tem crescido a olhos vistos.

Cabe lembrar que o Brasil acaba de atingir uma marca importantíssima: somos, hoje, a sétima economia do planeta e o que se prevê, aparentemente sem ufanismo exagerado, é que chegaremos, em futuro não muito distante, à quinta colocação entre as economias mais robustas do mundo, se mantidas as condições atuais.

Essa não é uma marca qualquer, mas um avanço imenso a caminho de deixarmos de ser um eterno “Brasil, país do futuro!” para sermos, enfim, um país do presente. Mas se por um lado a notícia se mostra auspíciosa, deve ser também motivo de reflexão profunda, já que há tempos ostentamos excelentes colocações nesse *ranking*, estando entre as 12 maiores economias e já tendo sido a oitava.

O crescimento econômico de uma nação se dá pela conjugação de fatores como reservas naturais, capacidade de transformá-las em riquezas e existência de uma população apta a realizar essa transformação, e que forma, ao mesmo tempo, um mercado importante. Porém, na realidade brasileira, essa equação tem deixado de valorizar e incluir uma parcela expressiva dessa mesma população, que vive alijada dos benefícios que o avanço econômico deveria trazer a reboque.

Por muito tempo justificou-se a exclusão com a teoria de que primeiro era preciso fazer o “bolo crescer”, para depois reparti-lo. A distribuição, no entanto, se deu de modo desigual e, para alguns, nunca se efetivou, e nossos índices de desenvolvimento social e humano nunca chegaram sequer próximo das marcas alcançadas pela economia.

O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, medido e publicado pelo Programa das Nações

Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, que busca avaliar a qualidade de vida das populações (não só o aspecto econômico, mas também fatores sociais, culturais e políticos) vem demonstrando, ao longo dos anos, o atraso e o descompasso de um Brasil que não transforma em bem-viver, para a sua população, a pu-

Para que tenhamos ideia, entre 169 países avaliados, o Brasil ficou na posição 73 do IDH, bem atrás de alguns de nossos vizinhos, como Chile (45), Argentina (46) e Uruguai (52), para citar apenas alguns que vieram à frente.

Para que tenhamos ideia, entre 169 países avaliados, o Brasil ficou na posição 73 do IDH, bem atrás de alguns de nossos vizinhos, como Chile (45), Argentina (46) e Uruguai (52), para citar apenas alguns que vieram à frente.

É nesse quadro que atividades como o esporte comunitário têm ficado à deriva, com investimentos aquém dos necessários, apresentando retorno muito aquém do que poderia ser esperado.

ESPORTE COMUNITÁRIO NO UNIVERSO DO ESPORTE

O esporte tem sua origem na brincadeira e no jogo, elementos ancestrais e entranhados nas mais remotas reminiscências humanas.

Revestido de regras, normas e formalismos, o jogo ganhou a roupagem de esporte, algumas vezes tendo como mote atividades e brincadeiras cotidianas, outras vezes inspirando-se em atividades laborais transformadas em competições, como, por exemplo,

Davi Francisco da Silva





Davi Francisco da Silva

certas formas de regatas mundo afora, que imitam o trabalho de pescadores apressando-se para oferecer, na praia, o peixe mais fresco.

E, assim, tão ancestral, o esporte continua sendo um elemento presente e particularmente ativo no processo civilizatório, capaz de protagonizar situações de intensa excitação, competitividade, cooperação, coragem, raiva, alegria, tristeza, enfim, toda sorte de sentimentos e sensações matizados em instantes viscerais.

Sensações e emoções tão intensas podem ser facilmente indutoras e condutoras de paixões avassaladoras e, ao longo da história, governos, corporações, mercado e mídia souberam movimentar habilmente as peças do xadrez de modo a “capitalizar” todos esses sentimentos desencadeados pelo esporte.

Não por acaso, assistimos, no último século, uma ascensão meteórica do esporte de alto rendimento, também chamado “esporte-espetáculo”, capaz de mobilizar – na condição de audiência não praticante do esporte – um expressivo número pessoas diante de televisores, uma audiência cativa e atenta.

E tudo isso, em nossa sociedade, em detrimento do esporte comunitário que é – ou deveria ser – um formador de bases para a ampliação do número de praticantes e também de novas plateias, mas segue vivendo à míngua, em decorrência da inexistência de políticas públicas efetivas para a inclusão da maioria da população e sem receber o devido valor por parte

do estado, dos governos, de empresas e, por conseguinte, da sociedade como um todo.

Possivelmente, isso se deve a outra característica do esporte comunitário que, mesmo mantendo boa dose de competitividade, não se nutre de recompensas extrínsecas – particularmente o dinheiro. Quando muito, medalhas simples ou diplomas de participação

...ao longo da história, governos, corporações, mercado e mídia souberam movimentar habilmente as peças do xadrez de modo a “capitalizar” todos esses sentimentos desencadeados pelo esporte.

e o reconhecimento de quem cerca o campeão são o suficiente como forma de pagamento; de modo que o esporte comunitário vive mesmo é apenas do prazer que pode propiciar aos seus praticantes.

A situação de desigualdade entre um esporte de alto rendimento e o esporte comunitário é mesmo

gritante. Para que se tenha ideia, até mesmo o Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDES, em estudo sobre a indústria do esporte no Brasil, apontou como problema de base, no esporte escolar e no comunitário, a falta de políticas para seu desenvolvimento, uma vez que os recursos estão voltados apenas para os times adultos ou profissionais, e recomenda que se criem, para o esporte comunitário, condições para que todos os brasileiros, da infância à terceira idade, possam praticar, no mínimo, suas caminhadas regulares¹.

Fica claro, porém, que é preciso relativizar a situação nas diferentes comunidades que compõem o país, com a clareza de que há, sem dúvida, ilhas de excelência num mar de carências. Exemplo disso, na cidade de São Paulo, é a região do Ibirapuera, área nobre e de densidade demográfica baixa, que concentra imensa quantidade de equipamentos esportivos públicos e privados, como o Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães (Ginásio do Ibirapuera, Estádio Ícaro de Castro Mello, Conjunto Aquático Caio Pompeu de Toledo, Ginásio Poliesportivo Mauro Pinheiro e Palácio do Judô), o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa; o Parque das Bicicletas; ciclofaixas demarcadas nos finais de semana, o próprio Parque do Ibirapuera; além de clubes como Círculo Militar, Monte Líbano e Ipê, entre tantas outras possibilidades.

Sem dúvida, é um conjunto quantitativa e qualitativamente equiparável ao de qualquer país desenvolvido, mas, infelizmente, para o uso de poucos, seja pela dificuldade de acesso que uma cidade gigantesca como São Paulo impõe, seja pelo custo financeiro que a participação nessas atividades exige.

O BRASIL NO CENÁRIO ESPORTIVO MUNDIAL

Se concordarmos com a lógica de que o esporte comunitário é importante para o desenvolvimento do esporte em geral, formação de atletas e novos públicos, o cenário anteriormente apresentado deveria vir acompanhado de rendimento absolutamente pífio do esporte brasileiro no cenário mundial, mas, no entanto, não é o que acontece.

Continuamos ostentando excelentes colocações em várias modalidades esportivas, particularmente nas coletivas, com lugar garantido em praticamente todas as competições mundiais importantes e campanhas bastante honrosas, quando não campeãs.

Vejamos a classificação de nossas seleções nos campeonatos mundiais de 2010 e nas últimas Olimpíadas:

Basquete	Masculino	9º	Feminino	9º
Futebol	Masculino	6º	Feminino	2º
Voleibol	Masculino	1º	Feminino	2º
Handebol	Masculino	21º	Feminino	15º
Olimpíadas				23º de 207 países participantes

Como explicar tão boas colocações?

A resposta parece estar associada ao mesmo modelo de crescimento econômico que temos. Somos um país imenso e se conseguimos manter as pequenas ilhas de excelência já é o suficiente para emplacarmos marcas importantes.

Sem dúvida, caso fosse criado um índice de desenvolvimento do esporte a partir desses números, o Brasil figuraria entre as grandes potências, tal como acontece com o PIB e a economia. Mas, no entanto, se tivéssemos um segundo índice, com o esporte comunitário analisado à imagem e semelhança do IDH, aí veríamos nossa classificação despencar, de modo idêntico ao que acontece com o IDH que temos atingido.

POR UMA CULTURA DE INCLUSÃO, EXERCÍCIO DA CIDADANIA E DA CIVILIDADE

Infelizmente, o esporte comunitário não está só em meio a essas dificuldades. Questões semelhantes afligem as artes e a cultura em geral. E prova disso foi a discussão e o embate que protagonizaram arte/cultura *versus* esporte quando da regulamentação da Lei Piva que, a exemplo da Lei Rouanet para projetos culturais, possibilita verbas derivadas de isenção fiscal para incentivar projetos esportivos.

À época, falou-se em falência das artes e da cultura, que teriam que disputar tais recursos com o esporte. De



Davi Francisco da Silva

concreto, o que havia era o debate de áreas que penam para ter suas ações – especialmente aquelas menos “rentáveis” – reconhecidas e valorizadas, seja pelo governo, seja pela iniciativa privada, ou pelo conjunto da sociedade.

Em nosso país, as elites apostaram no investimento em parcelas pequenas da população para sustentar o crescimento e ganhos cada vez maiores. A história está demonstrando que isso foi um erro, ainda que a análise tivesse apenas a mensuração do lucro como referência.

Chegar a sétima economia do mundo foi possível graças, entre outros fatores, à inclusão de uma parcela até então excluída, que pode participar da economia formal e informal, primeiro consumindo alimento e, em seguida, adquirindo bens de consumo de toda ordem.

Infelizmente, nosso país abdicou sistematicamente de sua tarefa de oferecer oportunidades ao conjunto da população e isso não foi diferente no esporte.

Tenhamos essa possibilidade e veremos marcas ainda mais interessantes, com melhor desempenho da econo-

mia, melhores avaliações na educação, melhor classificação nas competições esportivas, tudo isso acompanhado de um IDH decente e compatível com as dimensões continentais, capacidades e possibilidades de nosso país.

O crescimento de um país desacompanhado de igual crescimento de seu ativo mais valioso – sua população – é algo deplorável, mesquinho e insensato. Estado, governos, empresas e a sociedade como um todo precisam despertar para a realidade de que quanto mais e melhor se semeia, mais se colhe.

Será assim para nosso cotidiano, para nossa educação, para nossa arte e cultura, para nosso esporte, para nossa convivência cotidiana. Não se trata de ver para crer, mas de crer para ver. **Pv**

Adilson Souza de Araújo é professor do Departamento de Educação Física da Faculdade de Educação da PUC-SP e da Faculdade Paulista de Artes – FPA; participante da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana – SPQMH (DEFMH/UFSCar).

Nota

1. BNDES, Operações industriais 2, Gerência setorial 2. Esportes no Brasil: situação atual e propostas para desenvolvimento, 1997. Disponível em: <http://www.bnDES.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bnDES_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/esprt-br.pdf> Acesso em: 2 mar. 2011.



Davi Francisco da Silva

O esporte universitário

DAVI FRANCISCO DA SILVA

O esporte é um fenômeno social importante que tem múltiplas expressões e formas de se manifestar. Entre elas, há o esporte praticado no segmento universitário, que possui características específicas que o diferenciam das outras práticas. Utilizado como elemento integrador das relações humanas, ocupa um papel central dentro da universidade, mas muitas vezes não recebe o devido valor.

Para efeito de compreensão, vamos subdividir a prática universitária em esporte comunitário, esporte de representação e esporte alto nível ou de elite.

ESPORTE COMUNITÁRIO

O esporte universitário muitas vezes é utilizado como uma ferramenta de integração de alunos de diferentes cursos, possibilitando troca de valores que vai

além da prática do esporte propriamente dito, criando assim um campo de relacionamento e de experiências as mais diversas. Mas é preciso apontar que o papel integrativo e salutar do esporte comunitário se reduziu com a mudança da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que retirou a obrigatoriedade da educação física nas escolas de ensino superior. Até esse momento, a prática esportiva era fundamentalmente desenvolvida pelos professores de educação física em suas aulas e nas competições internas promovidas pelas entidades. Com a queda da obrigatoriedade, muitas faculdades deixaram de investir em atividades esportivas, que sofreram diminuição e perda de qualidade. Profissionais qualificados para a orientação dessas atividades deixaram de atuar e espaços físicos, antes reservados para a prática esportiva, foram ocupados por atividades e eventos diretamente rentáveis.

A perda maior, no entanto, foi a desvinculação que acabou por ser promovida entre educação e esporte. Em muitas instituições, o esporte universitário deixou de ser um instrumento educacional. As atividades esportivas passaram a ser conduzidas como algo estranho ao projeto pedagógico. O elemento educacional do esporte passou a ser mera figura de linguagem. Uma espécie de discurso politicamente correto, mas que na prática não vigora.

Essa situação determinou que a prática esportiva universitária, em muitos casos, fosse apenas uma réplica pobre do esporte de alto rendimento. Ou seja, nas instituições de ensino superior, reproduz-se o que é veiculado nas mídias sobre o esporte profissional. O aspecto integrativo e comunitário cedeu lugar ao aspecto competitivo. Cada vez mais o ganhar sobrepuja ao participar. Cada vez mais a prática esportiva se restringe aos esportes massivamente estimulados pelos meios de comunicação. E as ricas possibilidades educacionais e de promoção de valores humanos vão perdendo força.

Há exceções, porém. Existem instituições que lutam contra essa situação e buscam promover atividades esportivas sobretudo com valores educativos e integrativos. Às vezes, essas atividades acontecem devido à pressão dos próprios alunos. Mas isso é uma exceção. A regra é que o modelo do esporte de alto rendimento se sobreponha de maneira empobrecida nas atividades esportivas universitárias.

ESPORTE DE REPRESENTAÇÃO

O esporte universitário de representação foi muito popular no Brasil. Havia grande quantidade de torcedores presentes nas principais competições. Um exemplo: foram os famosos jogos Mack e Med (Associação Atlética Acadêmica Horácio Lane, da Escola de Engenharia Mackenzie, fundada em 1915, e Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz, Medicina USP), que mobilizavam a cidade; tinham espaço na mídia escrita e falada e chamavam a atenção de boa parcela da sociedade.

Essa evidência se perdeu. Hoje os jogos universitários despertam a atenção da sociedade quando é

noticiado algum acontecimento negativo que virou caso de polícia, como bebedeiras ou brigas entre atletas-estudantes.

Em termos organizativos, houve outra mudança. A representação em nível de atléticas cedeu espaço para os jogos inter-faculdades. Assim, todos os anos são promovidos jogos como, por exemplo, o Interunesp ou o Interusp. Esses eventos são um misto de festa e esporte, com ocorrência anual em uma cidade, normalmente do interior, em um feriado prolongado. São eventos que trazem estímulo econômico e turístico para a cidade-sede, pois milhares de pessoas, entre atletas e assistentes, no período dos jogos, usufruem da rede hoteleira, dos restaurantes e do comércio em geral. Muitas vezes, a cidade aparece na mídia, que destaca suas características. No entanto, a dificuldade em encontrar uma cidade que queira sediar um evento esportivo desse tipo tem progressivamente aumentado. Os jogos trazem problemas para a ordem pública. Excessos no consumo de álcool, som alto, brigas e quebra do patrimônio da cidade não são episódios raros. Em geral, a população resiste e pressiona o poder executivo local a não ceder as dependências da cidade para a realização dos jogos universitários.

Davi Francisco da Silva





Davi Francisco da Silva

Em relação à organização desses jogos, o nível de profissionalismo é de dar inveja a muitos dirigentes esportivos de modalidades profissionais, incluindo o futebol. Antes de definir a cidade-sede e após fazê-lo, membros da comissão organizadora dos jogos fazem uma espécie de checagem dos equipamentos esportivos, alojamentos, hotéis e das áreas das festas. Equipes especializadas são contratadas para cuidar da arbitragem, das festas e da segurança. As atléticas formam diversas comissões, que irão fiscalizar e tratar de detalhes organizativos. Entre essas comissões, há a disciplinar, que acompanha todo o desenvolvimento dos jogos. Nesse aspecto, os jogos são um grande exercício de administração.

Esse tipo de evento universitário é muito mais do que uma prática esportiva. Ele mobiliza 5, 10 ou 15 mil estudantes que vão para a cidade-sede em busca de esporte e diversão, o que inclui festa, namoro,

cervejada etc. Muitas atléticas vendem pacotes turísticos e conseguem um bom dinheiro com isso.

O nível técnico é disparatado. As pequenas instituições de ensino têm um desempenho muito inferior ao das grandes e tradicionais faculdades, que investem no esporte. Atléticas dessas instituições contratam técnicos por modalidade esportiva e buscam obsessivamente vencer a competição. O aspecto educacional e de confraternização do esporte é subsumido pela busca da vitória. Não é raro rivalidades ultrapassarem os limites do campo, da quadra ou do equipamento esportivo. Atitudes antidesportivas e até brigas infelizmente são frequentes nesses eventos.

Em geral, a população não acompanha os jogos. Ela tende a se afastar da agitação e do barulho das torcidas das faculdades. Principalmente das baterias, que transformam os locais dos jogos, em especial os ginásios, em ambientes ensurdecedores.

ESPORTE ALTO NÍVEL OU DE ELITE

No Brasil, as competições universitárias de alto nível começaram a partir de 1935. Nessa data realizou-se em São Paulo a Primeira Olimpíada Universitária Brasileira. Em 1938, aconteceram os Jogos Universitários de Minas Gerais. Em 1940, novamente em São Paulo, a Segunda Olimpíada Universitária Brasileira. Em 1941, por meio do Decreto-Lei nº 3.617 assinado por Getúlio Vargas, o desporto universitário brasileiro foi regulado e foi criada a Confederação Brasileira de Desportos Universitário – CBDU. Aos poucos foram criadas as federações.

A partir de 1968, os Jogos Universitários Brasileiros – JUBs – passaram a ser anuais. Eles se sucederam até 1990, quando houve problema de repasse de dinheiro para a realização do evento, durante a gestão de Zico no Ministério do Esporte. Houve interregno de alguns anos. Em 1999, os Jogos passaram a ser disputados por instituições de ensino superior. Antes a competição era organizada entre seleções universitárias estaduais.

Em 2005, a Confederação Brasileira do Desporto Universitário – CBDU – recebeu um apoio de peso. O Comitê Olímpico Brasileiro – COB – passou a ser co-responsável pela organização dos Jogos. Nesse

mesmo ano, realizaram-se os últimos JUBs (53º), em Recife. Hoje os Jogos são denominados Olimpíadas Universitárias; e são regidos por ciclos olímpicos. O ciclo atual teve início em 2009 e culminará nos Jogos Olímpicos de 2012 e de 2016.

Se tomarmos a Federação do Estado mais rico do país, a Federação Universitária Paulista de Esporte – Fupe – como parâmetro da situação do esporte universitário brasileiro, fica evidente que a situação não é nada boa. A Fupe está falida. Por problemas administrativos e políticos perdeu o espaço físico onde realizava suas competições; e, o pior de tudo, não tem credibilidade junto aos estudantes. As competições sob sua responsabilidade são as mais fracas do Estado. Modalidades das quais participavam mais de 50 entidades hoje contam com seis equipes. Apesar desse quadro, a Fupe ganha todos os anos o troféu eficiência, o que demonstra que as federações dos outros Estados brasileiros não devem ir muito bem.

No vácuo provocado pelo declínio da Fupe, apesar de esta se manter como o órgão máximo de representação de São Paulo junto à CBDU, ligas estão sendo criadas com o objetivo de organizar o desporto universitário. Entre essas novas organizações, está o Clube dos 13, união das maiores atléticas do estado. O Clube dos 13 participa dos Jogos Universitários Paulistanos, evento promovido pela Secretaria Municipal de Esportes, juntamente com a Associação Brasileira de Desporto Educacional – Abrade.

Outro destaque é a Liga do ABC, que com um trabalho sério e competente foi aos poucos organizando o desporto universitário paulista e hoje promove a maior competição do Estado de São Paulo. Para se ter uma ideia de sua representatividade, algumas mo-

dalidades dessa competição têm três séries de disputa (ouro, prata e bronze).

Recentemente, em 2010, foi criada mais uma liga, a Novo Desporto Universitário – NDU –, seguindo o exemplo do Novo Basquete Brasileiro, campeonato organizado pela Liga Nacional de Basquete.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

O quadro superficial exposto neste artigo é suficiente para evidenciar a falta de uma política nacional consistente para o esporte universitário brasileiro. Sem essa política, abre-se uma situação dúbia: há um forte potencial de desenvolvimento, evidenciado na participação direta e indireta dos estudantes e nas inúmeras iniciativas particulares que buscam melhorias dessa prática, mas não há nenhuma expressão organizativa unitária desse potencial. O esporte nesse nível carece de incentivo e de organização. Resultado: a potência esportiva é estrangulada pela carência organizativa.

Outro aspecto central da problemática do esporte universitário é a perda gradativa de seu aspecto educacional. Uma política global deveria ter como premissa que o esporte é patrimônio de todos, e os universitários em seu conjunto deveriam ter acesso à prática esportiva como elemento de desenvolvimento humano. A prática saudável, lúdica e educacional deveria preceder à prática do alto rendimento. Afinal, antes dos atletas, estão os estudantes, e antes dos estudantes, estão os seres humanos. **Pv**

Davi Francisco da Silva é professor da Faculdade de Educação - Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP.

Davi Francisco da Silva





Divulgação

Associação Nacional dos Torcedores O futebol brasileiro para seus verdadeiros donos

IRLAN SIMÕES

Ao longo dos seus mais de cem anos de existência, o futebol no Brasil atravessou momentos históricos os mais diversos. Nas terras tupiniquins, apesar de toda a metamorfose que sofreu, o jogo não perdeu seu elemento central: a atratividade e a paixão que desperta nas centenas de milhões de nativos.

O futebol brasileiro nasceu num amadorismo elitista e se tornou um jogo de rua. Explodiu em popularidade e viu clubes sendo formados em cada

bairro das grandes cidades. Sofreu um processo forçado de profissionalização, tendo que se adequar a esse modelo a duras penas. Foi usado como instrumento político por uma ditadura, rodou pelas mãos dos mais perversos corruptos e oportunistas, até virar um gigante e lucrativo negócio, atraindo grupos financeiros os mais variados e forçando os clubes a se tornarem verdadeiras empresas. Em cada momento desses, viu a sua magia ser apropriada e violada por interesses privados e políticos das velhas classes dominantes locais.

Dentro dos clubes uma clara contradição de classes se formava. Na parte superior da pirâmide futebolística estariam os tais cartolas, abastados senhores de pomposos sobrenomes e gordas contas bancárias, que veem no jogo um ótimo terreno para articular os seus negócios. São seguidos de uma casta quase parasitária de conselheiros, comumente atrelados aos grupos políticos hegemônicos dentro dos clubes e geralmente indicados por esses. Na base, sofrendo todos os ônus de tudo que acontecia no futebol, estaria, então, o torcedor, o verdadeiro “operário” desse jogo.

Enquanto os cartolas e conselheiros se apropriam dos clubes em benefício próprio, numa outra mão as entidades organizadoras do futebol são ocupadas por figuras quase sempre questionáveis. No Brasil o jogo de poder que envolve essas entidades, hoje burocratizadas e distantes das reais necessidades do jogo, coloca-as como mero instrumento de barganha diante dos interesses econômicos que envolvem o futebol. Nesse caso, leiam-se as Federações Estaduais, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e a Federação Internacional de Futebol (Fifa) e o seu harmonioso casamento com grandes corporações que “patrocinam” o esporte (ver mais sobre isso em “As Contas Erradas da Fifa”, de David Garcia).

Diante disso tudo, não seria contraditório dizer que tais entidades, por mais que lidem com esse patrimônio público que é o futebol, através das mais mirabolantes manobras políticas, não possam sofrer intervenções do poder público. São hoje entidades de direito privado e com fins lucrativos, mesmo que não declarem isso. Não é de assustar o interesse de tantos abutres por elas.

Acontece que, à medida que o futebol foi se tornando um negócio cada vez mais complexo, foram surgindo novas formas de intervenção desses tais interesses privados. Como exemplos se podem citar os grupos econômicos que compram ações de clubes, empresários que agenciam jogadores usando-os como mercadorias, empresas que adquirem os direitos federativos dos atletas, patrocinadores milionários que estampam suas marcas nos uniformes, grupos de comunicação donos da programação dos campeonatos, empreiteiras proprietárias de praças esportivas histó-

ricas e, por último, e talvez o mais bizarro de todos: os clubes-empresa.

Todo esse interesse do mercado no futebol se deve, obviamente, à atração que o jogo tem sobre os homens comuns. Como disse uma vez Antônio Afif, um dos gurus do futebol-negócio no país: “O futebol moderno tem hoje a capacidade de transformar milhões de torcedores apaixonados em potenciais consumidores”. A deturpação do real sentido de o futebol existir já chegou a um grau no qual Afif pode afirmar isso sem o menor pudor.

Cansados de ver o jogo ser a todo instante utilizado para os mais diversos interesses privados, os torcedores brasileiros buscaram uma alternativa: uma organização própria que os representasse e que lutasse pelos seus direitos.

E qual seria, então, o real sentido do futebol? A resposta é muito simples: servir ao futebol. Nesse sentido, deixa-se claro que o jogo existiu e existirá independentemente da força política ou setor da sociedade que se aproprie dele. E já que o futebol é compreendido como patrimônio cultural, deve então ser tratado como tal, sendo acessível a todos e de controle social.

Uma vez colocado que o controle deve ser socializado, fica claro que isso seria feito pelo seu principal ator – que não seria, portanto, o velho e viciado cartola, muito menos o empresário sedento de lucros, mas o torcedor.

Hoje, enfim, o futebol nacional pode estar vivendo um novo momento. E esse momento seria o da sua retomada pelos torcedores.

Cansados de ver o jogo ser a todo instante utilizado para os mais diversos interesses privados, os



torcedores brasileiros buscaram uma alternativa: uma organização própria que os representasse e que lutasse pelos seus direitos. Assim, no final do ano de 2010, fundou-se a Associação Nacional dos Torcedores (ANT), com o intuito de ser a voz e a arma com a qual os apaixonados adeptos poderiam se organizar. Insatisfeitos com os rumos que o futebol tomava no Brasil, viam na ANT uma entidade representativa dessa “categoria”.

Os “torcedores” desejáveis hoje seriam aqueles que podem bancar essa farra: a alta classe-média bem sucedida economicamente acima de 30 anos, os ricos e os turistas.

O que se viu, logo após as primeiras duas semanas de existência e a associação de mais de 2 mil torcedores por todo o Brasil, foi que a pauta era urgente. Não se tratava mais de uma ideia solta aqui e ali a partir de uma extensa discussão sobre concepções: o pensamento de que o futebol está deixando de ser um direito de todos já estava consolidado.

Em seu manifesto de lançamento, “Nossa missão em 7 pontos para homenagear Garrincha, a alegria do povo”, a ANT traçou as bandeiras que buscavam contemplar os principais problemas enfrentados pelos torcedores em nome do futebol-negócio. A principal

delas, uma realidade já presente nos países europeus, e que anda a passos largos no Brasil, é a elitização, ou higienização, dos estádios. Pegando carona nos megaeventos esportivos - o principal deles a Copa do Mundo da Fifa - com a construção de arenas multiuso, verdadeiros *shopping centers* com um campo de futebol no meio, diversos estádios do mundo não podiam mais se sustentar com os ingressos nos antigos valores. Com isso foram extintos os setores populares (as famosas “gerais”); reduziu-se a capacidade dos estádios, completando a sua estrutura com cadeiras numeradas, e foram introduzidos serviços aos quais poucos têm acesso.

Os “torcedores” desejáveis hoje seriam aqueles que podem bancar essa farra: a alta classe-média bem sucedida economicamente acima de 30 anos, os ricos e os turistas. Exatamente aqueles que têm um poder aquisitivo adequado a tais condições. Em termos mais precisos: consumidores em potencial. Esse padrão pode ser visto sem muita dificuldade em todos os principais estádios da Espanha, Itália, Inglaterra e, em menor grau, na Alemanha. Exatamente devido à resistência dos torcedores organizados.

Esse modelo de estádio também implica outra grave agressão aos direitos do torcedor: o direito de fazer a festa. É difícil imaginar um jogo sem a euforia e o espetáculo de pirotecnias, bandeiras e diversos adereços típicos das torcidas. No Maracanã, no seu período “inter-reformas”, após o fim da histórica Geral até o seu novo fechamento para novas mudanças para a Copa do Mundo de 2014, uma cena muito incomum já podia ser notada: grupos “especializados” de policiais forçavam os torcedores a se manterem



Divulgação

sentados. Assim, tal qual num cinema, o futebol seria levado como mero entretenimento – e ai de quem ousasse desrespeitar! O reflexo disso foi um ambiente gélido, sem a velha magia do setor que sempre foi a cara do torcedor brasileiro, festivo e irreverente.

...tratando o torcedor organizado/uniformizado como um bandido, abusou do seu status de classe social inferior para enquadrá-lo como um verdadeiro inimigo do futebol.

Com esse novo padrão de comportamento os mandatários do futebol brasileiro também poderiam colocar em prática um sonho antigo: a criminalização das Torcidas Organizadas. O Estatuto do Torcedor, editado em 2010, parte do processo de adaptação do país à Copa que viria, foi o mais brutal dos golpes já deferidos contra as TOs. Com o apoio da grande mídia o projeto passou quase que unanimemente; tratando o torcedor organizado/uniformizado como um bandido, abusou do seu *status* de classe social inferior para enquadrá-lo como um verdadeiro inimigo do futebol.

Em se tratando de mídia, mais precisamente, tem-se hoje a compreensão unânime de que essa é a principal força econômica e política que vem a in-

tervir no futebol. A ANT, numa das suas bandeiras, mostrou como os interesses das grandes empresas televisivas sempre eram colocados como prioridade, em detrimento do torcedor.

Não bastasse os ingressos absurdamente caros, o amante do futebol precisa atualmente passar por um verdadeiro teste de resistência, sendo obrigado a assistir aos jogos do seu clube do coração em horários desumanos, como 22 horas, em pleno meio de semana. Soma-se a isso, e também é uma das lutas contempladas pela ANT, a falta de um sistema de transporte público de qualidade, que garanta a ida ao jogo e a volta para casa com conforto e segurança. Não é raro ver torcedor sem ter como voltar para casa ao sair do estádio para além da meia-noite e não encontrar ônibus. No Rio de Janeiro, o Grupo Especial de Policiamento dos Estádios (Gepe) adota como tática de segurança a diminuição da frota em dia de jogo para reduzir os tais torcedores “indesejáveis”.

Compreendendo os efeitos – positivos ou negativos – que o futebol tem na sociedade, a Associação Nacional dos Torcedores também compreendeu que as suas pautas não se reduziam aos “direitos do torcedor”. A dinâmica social na qual está inserido o futebol também deveria ser contemplada.

A partir disso a ANT entrou num extenso debate acerca dos efeitos dos megaeventos esportivos

Divulgação



no Brasil, entre eles a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Com a experiência vivida no Rio de Janeiro após os Jogos Panamericanos de 2007, seria demasiado irresponsável não alertar a população para determinados efeitos – principal deles, a arbitrariedade do Estado ao decretar a remoção de comunidades em nome dos jogos. A construção de uma infraestrutura toda especial, argumento mais batido e tratado como trunfo dos defensores dos megaeventos, na realidade só satisfaz o interesse dos grupos econômicos que planejam lucrar como nunca antes, durante e depois das competições.

Como nos mais diversos aspectos da vida moderna, o fator humano é colocado abaixo do fator dinheiro. Milhares de famílias são obrigadas a se mudar para regiões periféricas das grandes cidades em nome de duplicações de avenidas, ampliação de linhas de metrô, construção de estacionamentos, entre outras obras que só existem, no fim das contas, para valorizar o espaço urbano onde se localizarão as grandes redes hoteleiras, pontos turísticos e condomínios de luxo.

Por isso, a ANT vem buscando construir os Comitês Populares da Copa, iniciativas que acontecem nas cidades-sede dos jogos, compostas das mais diversas entidades da sociedade civil, desde ONGs até associações de moradores, centrais sindicais e movimentos sociais. Comprometidos em fiscalizar e denunciar os ataques aos direitos dos cidadãos brasileiros, os Comitês têm proporcionado uma importante articulação entre tais setores organizados, desqualificando a lenda de que os megaeventos trariam apenas benefícios – aliás, muito pelo contrário.

Por último – e não menos importante – está a pauta da democratização do futebol. Qual a legitimidade que o presidente da CBF tem hoje no grosso dos torcedores brasileiros? Eleito por uma parcela mínima de dirigentes de federações estaduais, comumente agraciados com regalos pessoais, dentro de uma estrutura antidemocrática de eleições, Ricardo Teixeira já completa 22 anos à frente da entidade máxima do futebol nacional, tomando-a como um brinquedinho particu-

lar, da mesma forma que o seu sogro João Havelange, principal fundador desse modelo de futebol que só traz malefícios.

É com esse poder que Ricardo Teixeira consegue fazer e desfazer campeonatos a seu bel-prazer. Com esse poder conseguiu implodir uma entidade que lutava pela autonomia dos clubes, por mais que tivesse suas contradições, que era o Clube dos 13. Com essa coroa imaginária e inquebrável, adoçava a boca da sua fiel escudeira Rede Globo à frente dos interesses gerais do futebol nacional.

Mostra-se urgente uma intervenção na CBF. Não há mais condições de permitir que um único sujeito, voltado para seu próprio umbigo, tenha o direito de controlar os caminhos do esporte mais amado pelos brasileiros. O mesmo deve-se dizer dos clubes.

Durante muitas décadas o futebol, como qualquer outro esporte que atraísse as massas, sofreu críticas de diversos setores combativos da sociedade. Sua relevância só entrava em cheque na medida em que se pontuava a sua instrumentalização alienante pelas mãos do Estado e das classes dominantes.

Decorreu um longo tempo até se compreender que, como os diversos outros aspectos da vida humana, o futebol, essa “religião leiga da classe operária”, já diria Eric Hobsbawm, pode ser apropriado das mais diversas formas, para os mais diversos fins. Por que não criar as condições mínimas para que possa ser apropriado por quem realmente se interessa por ele? Por que não torná-lo um instrumento de interesse popular e com poder transformador?

Esse é o desafio árduo e utópico que a Associação Nacional dos Torcedores se propôs a encarar. O caminho será, como em todos os casos, a luta.

Irlan Simões é estudante de Comunicação Social e militante da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social. Torcedor do Esporte Clube Vitória, atua no Movimento Somos Mais Vitória, é fundador do núcleo baiano da Associação Nacional dos Torcedores e acha que o futebol deve ser jogado pela ala esquerda.

Referência

GARCIA, David. As contas erradas da Fifa. Disponível em: <<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=696>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

Metafísica da Pelota

conto-crônica

Ricardo Melani

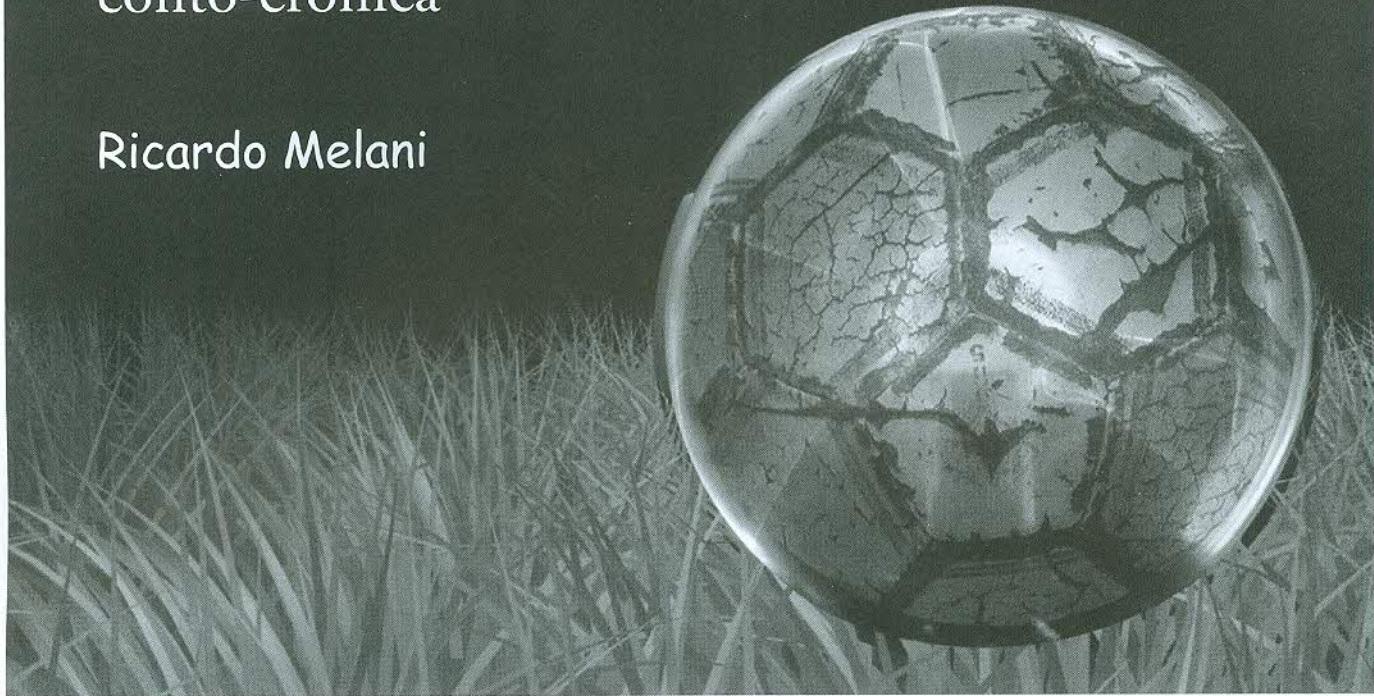


Ilustração RM

Estrangeira, a bola. Diacho! Anjo caído. Empurro-a, querendo-a perto. Vai-se longe e corro atrás. Couro-luz. Uma estrela a admirar sorrisos. E um vai e volta de movimentos. Um além-mundo. De súbito aparecem centenas, milhares de transeuntes. Gerações. Histórias de histórias. Não foram as redes que pariram o mundo, mas sob o gol aconteceram muitas coisas. Área de acidentes e de essências.

Depois do pecado original, depois da queda para a mortalidade, depois que

o *Logos* se fez carne, o futebol podia ser imortal. Bastava o coração deitar no pecado; e o corpo soberano se gabar da sua blasfêmia, sentindo os sentidos. Não deu outra. Era muita esperança contida debaixo do suor. O corpo úmido zombou do próprio destino. E fez-se o futebol. Segundos antes, alguém falou mal da mãe do juiz.

No campo, vi um menino jogando. Rei do tempo, chutava a forma pela matéria. Não tinha nome, mas podia escrever aventuras e receber alegrias, solto em corri-

da livre. Desejo de liberdade calçado, a alma brincava de ser corpo. Também vi negros enfrentando de ziguezagues a ignorância altiva, num balé-ginga de dar medo e felicidade. O corpo, afinal, é poder. Ele escreve pela musculatura o desejo de realidade. O corpo é um finca-pé da realidade visível e da invisível. Nervatura, na qual a metafísica se arrepende, mas anda ao lado.

Da arquibancada, ouvi gritos. Vi histéria. Até brigas. Catarse. Nas entrelinhas, no entanto, vi o encontro. Muito infinito num espaço finito. Muitas sentenças no verde emoldurado pelo branco. Um círculo sobre o círculo deu início ao enigma. Quem é ele? Muitos em uma unidade. Muitos... humanidade. E, sobretudo, a humanidade brasileira. Escolhida, ela fazia a travessia. No quintal, na calçada e na rua; em cada cantinho e terreno; nos pastos e nas malocas. Jogava-se a sorte sem pretensão. Netos e filhos de Carijós, Tupinambás; pretos descendentes do Sudão, da Serra Leoa e da Costa do Marfim; brancos, viúvos da bagaceira e amantes da pinga; tudo ali, antes e depois da bola, desafiando o tempo.

Nesse jogo de ser e não ser, a bola era seminal. Era predição. Era predito. Deus e o Diabo estavam na terra da bola a testemunhar o atrevimento. Mas o atrevimento de ser já é atrevido. É ser. E fomos bola por muito tempo. Couro com couro.

Esfregamos essa segunda pele, alimentando a ginga e o drible. Como era baldia a vida que se fazia na alegria ao vento! Toda liberdade era um campo de várzea!

Em 1958, aos pés da santa cruz, o Gênio das Pernas Tortas jurou usar o seu defeito para fazer perfeição. Jurou e cumpriu. Ele, circundado por Gilmar, Nilton Santos, Zito, Didi, Vavá e Zagalo, fez de tudo um pouco. Garrincha passava da inocência à maledicência em um átimo. Era complicado de tão simples. Ginga pra cá, ginga pra lá, guinada à direita e mais um marcador ficava à deriva. Na sua corrida capenga, havia algo de circo, de ilusão, de malabarismo e de palhaçada, muita palhaçada. Ele era a carne da redenção brasileira que se mostrava para admiração. O caipira matuto que engana a sabedoria, engambelando o sabedor.

Ao lado de Garrincha, o menino-rei inaugurava para o mundo o seu reinado. Magro feito um fio de rio, mas talentoso feito mar. Ninguém sabia o que o ser em ato prenunciava exatamente do ser em potência. Só se sabia que era algo grandioso. De um negro mineiro muito ouro viria à luz. Gasolina-Pelé-Rei. Todas as verdades e mentiras, todos os dramas e todas as tramas do futebol brasileiro estavam ali naquele menino. Na partida final, desarvorado, sem consciência da sua insolência, ele deu um lençol no zagueiro e guardou a bola no colo da rede,

restituindo a filha à mãe. Pondo o destino nos trilhos, assumiu de vez sua condição de majestoso. Era a glória anterior a uma glória ainda maior que estava por vir.

Em 1962, repetimos a dose, mesmo com a contusão de Pelé no segundo jogo. Garrincha foi mais Garrincha. Fez misericórdia. Explico. Fez desgraça alheia, mas teve compaixão. Ninguém seria condenado por ser desajuntado pelos dribles de Garrincha. Para o público, as acrobacias de Mané faziam parte de regra imperativa da natureza: o poder menor subordina-se ao poder maior. Uma prova contumaz disso foi a expulsão de Garrincha na semifinal. Expulso em pessoa, ele retornou no jogo seguinte como ser intermediário. Mistérios. Só a vontade divina explica esse retorno. Não há versão oficial da absolvição terrena. Ressurreição? Talvez. O fato é que seu futebol era tão onipresente que ele não poderia se ausentar da final contra a Tchecoslováquia. Chegamos ao Bi. Consagração. O mais milagroso dos cenários. O canarinho disse: “Eu sou”.

Mas nós fomos mesmo em 1970. Havia a dúvida do interregno. Já era outra geração. No começo era uma nebulosa. De perto, em Guadalajara e na cidade do México, foi o Sol. Ao astro-rei juntaram-se Rivelino, Gérson, Tostão, Jairzinho e Clodoaldo. Dava para ver que existia razão no universo. Ordem. Cosmo. Tudo ali subordi-

nado ao princípio da razão suficiente. A verde-amarela era o melhor dos futebóis possíveis. Conjunto e individualidade passearam juntos, feitos namorados. Os adjetivos não tardaram. Furacão. Patada atômica. Cérebro. Canhotinha de ouro. Ele. Era lindo, lindo, linnnnnnnnndoooooooooooo! O adversário entrava em campo na admiração. Quase agradecendo pela derrota. Na apoteose, um 4 a 1 desconcertante. A Azurra aprendeu o que é ser impossível. Jamais verá time como aquele.

Nesse tempo verde-obscuru na nossa terra, um raio de luz e de alegria abriu um clarão. Vitória momentânea da arte sobre a bestialidade. Instante de identidade e de memória coletiva. As botas cederam às chuteiras. Era possível ser feliz.

Vinte e poucos anos de sombra. Esse foi o tempo de nossa estiagem. E, no meio da secura, uma lágrima. A única água que havia virou sal. Em 1982, Rossi vingou sua pátria com crueldade. Com três gols, desbancou o que prometia ser nova felicidade. Então, a Seleção Brasileira foi um sonho acordado no meio da noite. Um semisser. Algo pronto, porém inacabado. Um sem-sentido que até hoje povoa o imaginário brasileiro. Tanto talento engambelado pela ítalo-esperteza. Desperdício de excelências.

Asecura intensa corrói almas, penetra na carne e suga energia. Deixa o indiví-

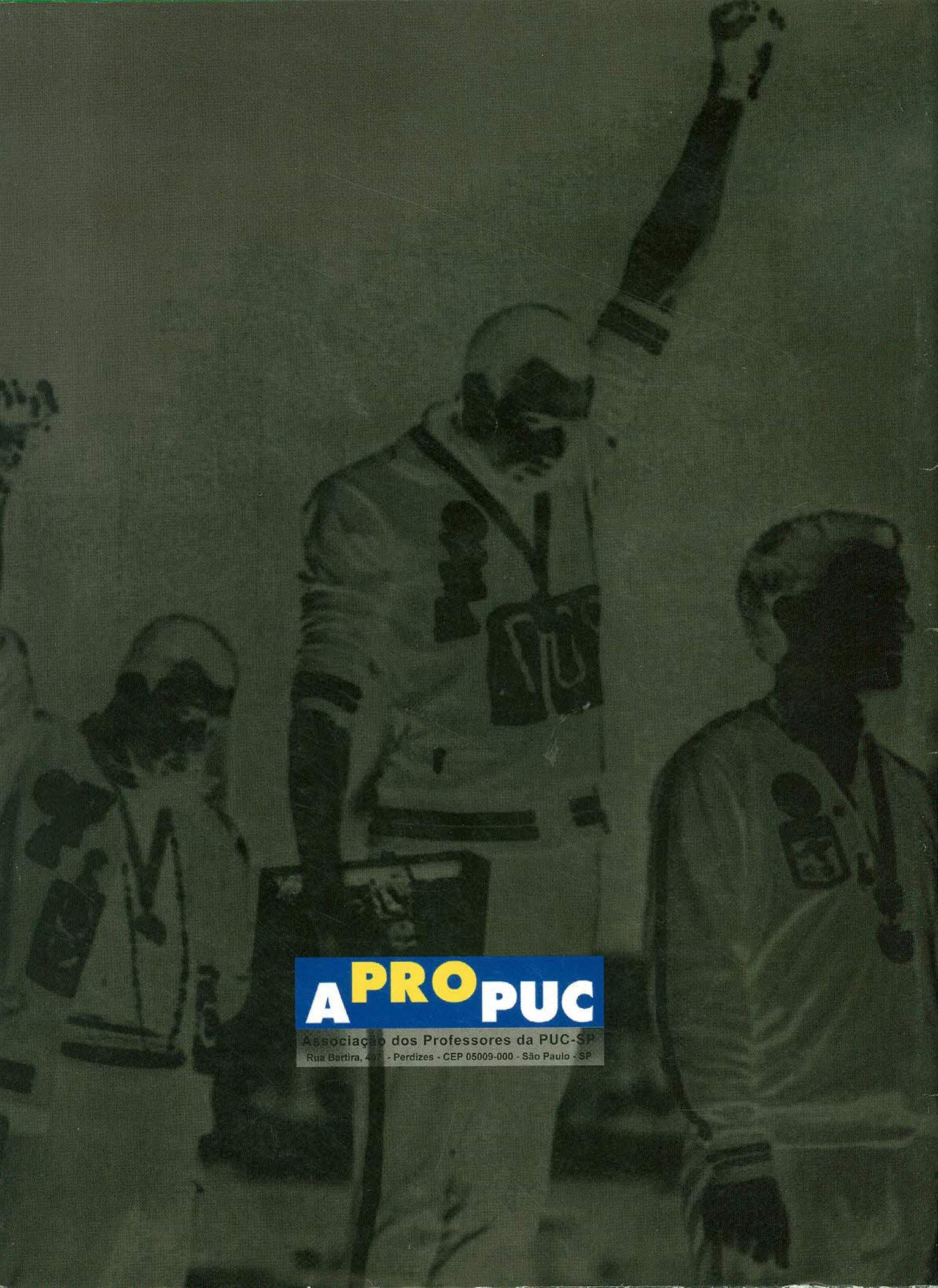
duo sem viço, sem exuberância. Foi na falta de vigor que o futebol brasileiro se apresentou em 1994. Ele não se via no espelho. Um o quê gozado: espírito de outro vestindo nossas roupas. Fomos mais combatentes do que artistas. As tarefas eram cumpridas à risca, mas a ousadia era contida por fortes correntes. Só Romário e Bebeto lembravam as origens. Talvez essa fosse a única maneira de ganhar naquele momento, mas era um ganho triste. Como se torcêssemos por outros. Um estranhamento de pouca superfície e de infinita profundidade.

Será que o futebol-arte acabou? Duvidar de tudo até achar uma certeza, eis o método. Dos jogadores, do futebol brasileiro, da nossa arte, tudo foi posto em questão. Mas, em 2002, feito um rasgo, uma rajada ou um relâmpago, o mais duvidado de todos os seres, o quase-esquecido para o futebol abriu as asas e deu notícias do é: “Penso que jogo, logo existo”. Ronaldo, como quem volta das atribulações dos mares e do destino, depois de ficar dois anos assistindo enganos, triunfa. Do lado dele, Ronaldinho Gaúcho brinca de samba. Bem próximo, a maior e a mais humilde figura da Copa, Rivaldo, esquálido, murmura em uma quietude capaz de abraçar todo o silêncio do mundo: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”.

Foi o que vi. “Visto assim do alto, mais parece um céu no chão”. **Pv**



Reprodução de foto exposta no Museu do Futebol, em São Paulo.



A PRO PUC

Associação dos Professores da PUC-SP
Rua Bartira, 407 - Perdizes - CEP 05009-000 - São Paulo - SP